



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES - CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

ANDRÉ LUIZ DA SILVA

**ANÁLISE DE PROCESSOS SEMÂNTICO-COGNITIVOS ENVOLVIDOS EM
TAREFAS DE DESAMBIGUAÇÃO DA REFERÊNCIA PRONOMINAL**

João Pessoa - PB
2022



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES - CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

ANDRÉ LUIZ DA SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof (a). Dr. (a) Jan Edson Rodrigues Leite

João Pessoa - PB
2022

ANDRÉ LUIZ DA SILVA

**ANÁLISE DE PROCESSOS SEMÂNTICO-COGNITIVOS ENVOLVIDOS
EM TAREFAS DE DESAMBIGUAÇÃO DA REFERÊNCIA PRONOMINAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Teoria e Análise Linguística

Orientador: Prof (a). Dr (a). Jan Edson Rodrigues Leite

Aprovada em: 28 de fevereiro de 2022.

**COMISSÃO
EXAMINADORA:**



Prof (a). Dr (a). Jan Edson Rodrigues Leite -
UFPB Orientador (a)



Prof (a). Dr (a). Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante -
UFPB Examinador (a)



Prof (a). Dr (a). Danielly Lopes de Lima -
UFCG Examinador (a)

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586a Silva, André Luiz da.

Análise de processos semântico-cognitivos envolvidos em tarefas de desambiguação da referência pronominal / André Luiz da Silva. - João Pessoa, 2022.
162 f. : il.

Orientação: Jan Edson Rodrigues Leite.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Compreensão leitora - Uso eficaz da linguagem. 2. Anáforas. 3. Resolução. 4. Ambiguidade. 5. Memória. I. Leite, Jan Edson Rodrigues. II. Título.

UFPB/BC

CDU 808(043)

A Deus, a Jesus, a Nossa Senhora de Fátima, à minha mãe Marluce Malaquias da Silva, ao meu pai Elino Julião da Silva (in memorian) e aos meus irmãos: Elino Julião Júnior; Priscila Maíla da Silva e João Paulo da Silva (in memorian).

AGRADECIMENTOS

Este enunciado: “Eu nunca desistirei dos meus sonhos, pois acreditar já é o começo da realização de todos eles”, pensado por mim, possui uma significação imensurável em minha vida.

Cursar um Mestrado sempre foi um dos meus maiores sonhos. Após 8 anos de tentativas em processos seletivos de universidades do estado da Paraíba, finalmente, no ano de 2018 consegui a aprovação, em nível de Mestrado, para a turma de 2019 do Programa de Pós-graduação em Linguística – PROLING/UFPB.

Não foi fácil chegar até aqui e com certeza não haveria de ser, pois uma das grandes certezas que tenho nessa vida é a de que todas as minhas conquistas são conseguidas ao custo de muito trabalho, dedicação, renúncias, superações, mas que no fim me trazem a sensação do dever cumprido e um gosto indescritível do sabor da vitória.

Sou um pesquisador fruto do Ensino Público. Minha trajetória de estudos tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior foi realizada em instituições de ensino públicas e este carimbo que carrego é um dos meus maiores orgulhos.

Como um homem religioso que sou não deixar de registrar a importância de Deus, Jesus e Nossa Senhora de Fátima em minha vida, isto porque são estas as forças responsáveis por cuidar de cada passo que dou. À Santíssima Trindade entrego minha vida. Nos momentos de tristeza e aflição faço meus pedidos e em sinal de respeito, ao ser socorrido, agradeço por tanto amor e cuidado por mim.

Agradeço a minha família por todo apoio que a mim foi dado durante o período em que estive cursando este Mestrado. Agradeço em especial a minha mãe, Marluce Malaquias da Silva, uma mulher forte e digna que me educou com valores morais e sentimentais que fizeram com que eu me tornasse um homem íntegro. Sempre tive o apoio incondicional de minha querida mãe para nunca desistir dos meus estudos, pois ela sempre soube da importância e do valor da educação para a ascensão social de quem vem de uma família não abastada, como é o caso da minha.

Quero também agradecer aos meus irmãos: Eline Julião da Silva Júnior e Priscila Maíla da Silva, companheiros de vida pelo apoio em mais uma caminhada acadêmica realizada por mim. Agradeço também ao meu tio Joacy Malaquias da Silva.

Agradeço a Universidade Federal da Paraíba - UFPB, mais precisamente ao Programa de Pós-graduação em Linguística - PROLING por me proporcionar a oportunidade de cursar

este Mestrado de forma gratuita, em que pude, durante o período de 3 anos, obter o conhecimento teórico sobre o campo de estudos da Linguística, esta que é a ciência que estuda cientificamente a linguagem humana.

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES pela oferta da bolsa de estudos a qual fui beneficiário pelo período de 15 meses.

Agradeço a Pró-Reitoria de Assistência e Promoção ao Estudante - PRAPE pela oferta do auxílio financeiro estudantil o qual fui beneficiário durante o período de 12 meses.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Jan Edson Rodrigues Leite por acreditar na proposta de estudo por mim apresentada, por me guiar durante todo o processo de investigação do objeto de estudo desta Dissertação, por me apresentar a Linguística Cognitiva (a base teórica em que me alicersei para produzir este estudo) por me conduzir em todo o desenvolvimento da estrutura de minha Dissertação, por indicar as referências bibliográficas voltadas para o tema da Compreensão Leitora, pela orientação na construção dos testes aplicados com os sujeitos submetidos a este estudo, pelas diversas correções dos materiais e pelos esclarecimentos que tornaram possíveis tirar minhas dúvidas e que tiveram como objetivo a produção de uma pesquisa de qualidade sobre o processo de Compreensão Leitora de grupos de indivíduos de faixas etárias diferentes. Obrigado professor Jan Edson.

Agradeço aos professores que estiveram à frente das disciplinas que cursei durante o período de Mestrado. Afirmo sem dúvidas que os conhecimentos repassados por cada um ajudaram e contribuíram para a produção desta Dissertação. Agradeço ao Prof. Dr. José Ferrari Neto, que no período em que fui aluno deste Mestrado exerceu a função de coordenador do programa, uma pessoa que por inúmeras vezes sempre que procurado por mim auxiliou-me de forma atenciosa, compromissada e gentil, estas características de um professor que desenvolve sua função dando apoio ao seu aluno para a superação das várias dificuldades nascidas e enfrentadas por um docente no dia a dia da vida acadêmica.

Agradeço a Prof.(a) Dr. (a) Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante. Agradeço ao Prof. Dr. Erivaldo Pereira do Nascimento. Agradeço as pessoas de Ronil Ferrari e Valberto Cardoso, ambos profissionais que trabalham na secretaria do PROLING. Agradeço a Wellington Tadeu. Agradeço a todos que compõem o Laboratório de Compreensão Neurocognitiva da Linguagem – LACON, o qual faço parte, um espaço de discussões, análises e debates sobre o campo da Linguística Cognitiva que muito contribui para o meu enriquecimento teórico e prático sobre estudos da linguagem.

Por fim, agradeço a Prefeitura Municipal do Conde - PB por ceder o ônibus escolar utilizado por mim durante o período de um ano, quando do deslocamento da Praia de Jacumã,

local em que eu residia, para a Universidade Federal da Paraíba, a instituição de ensino a qual fui aluno do PROLING.

“Àquele que habita no esconderijo do altíssimo, à sombra do Onipotente descansará. Direi do SENHOR: Ele é o meu Deus, o meu refúgio, a minha fortaleza, e nele confiarei”.

(SALMO 91)

RESUMO

A ambiguidade anafórica pronominal é um fenômeno linguístico ocasionado quando em um enunciado dois termos antecedentes partilham de características morfológicas de pessoa, número e gênero com o pronome anafórico pessoal. Esta realidade influencia o pronome anafórico a buscar seu conteúdo referencial em mais de um item lexical que o precede gerando a ambiguidade e ocasionando um problema de Compreensão Leitora. Para investigarmos tal problemática aplicamos dois testes de resolução de ambiguidade anafórica pronominal com alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA, o primeiro em períodos compostos na voz ativa e o segundo em períodos simples com duas orações na voz ativa. O objetivo geral deste estudo foi o de entender o processo de resolução de ambiguidade anafórica pronominal sendo realizado por grupos de faixas etárias diferentes. Controlamos nos testes as Variáveis Independentes: posição do candidato a antecedente anafórico na sentença e o Traço Semântico carregado pelo candidato a antecedente anafórico, isto com o intuito de observarmos as influências de tais variáveis sobre a Variável Dependente, ou seja, nas respostas das tarefas dos testes. Optamos pela utilização do paradigma experimental *online* com o objetivo de analisar a importância da informação semântica carregada por um candidato a antecedente anafórico para o processo de resolução de ambiguidade anafórica pronominal. Procuramos observar se esta forma de desambiguação gera mais custos para a memória, sobretudo com o aumento da faixa etária do leitor. Realizamos as análises dos dados produzidos pelos sujeitos nos dois testes por meio das teorias da: Hipótese do Antecedente, de Carminati (2002); Teoria da Acessibilidade Canônica, de Schwenter (2003); Hipótese Multifatorial, de Kaiser e Trueswell (2008); Efeito de Distância, de Streb et.al (2004) e Leitão e Simões (2011) e Escala de Animacidade, de Comrie (1981) e Yamamoto (1999). Os resultados relativos à média geral sugerem que a desambiguação semântica da anáfora pronominal é um processo que com o aumento da faixa etária do leitor ora acarreta mais tempo ora acarreta menos tempo para ser realizada, isto comparada a outras formas de desambiguação, como por exemplo, a sintática. Nesta relação, a forma como o leitor realiza a desambiguação, que sofre influência de fatores linguísticos e extralinguísticos, acaba impactando no tempo de processamento da anáfora. Mais um achado deste estudo é o de que há indícios nos resultados de que a informação semântica é uma pista linguística importante, mas não determinante para a realização da desambiguação da anáfora. O que se observa é que a efetivação deste processo é influenciada por várias pistas linguísticas e extralinguísticas utilizadas conjuntamente pelo leitor quando da decisão pelo antecedente anafórico mais indicado para resolver uma ambiguidade anafórica.

Palavras - chave: compreensão leitora; anáforas; resolução; ambiguidade; memória.

ABSTRACT

Pronominal anaphoric ambiguity is a linguistic phenomenon caused when in an utterance two antecedent terms share morphological characteristics of person, number and gender with the personal anaphoric pronoun. This reality influences the anaphoric pronoun to seek its referential content in more than one lexical item that precedes it, generating ambiguity and causing a problem of Reading Comprehension. In order to investigate this problem, we applied two tests of pronominal anaphoric ambiguity resolution with students from the Youth and Adult Education - EJA, the first in compound sentences in the active voice and the second in simple sentences with two clauses in the active voice. The purpose was to understand the process of resolving pronominal anaphoric ambiguity being carried out by groups of different age groups. In the tests, we controlled the Independent Variables: position of the candidate for the anaphoric antecedent in the sentence and the Semantic Trait carried by the candidate for the anaphoric antecedent, in order to observe the influences of such variables on the Dependent Variable, that is, on the responses of the tasks of the tests. We chose to use the online experimental paradigm in order to analyze the importance of semantic information carried by a candidate for anaphoric antecedent for the process of resolving pronominal anaphoric ambiguity. We seek to observe whether this form of disambiguation generates more costs for memory, especially with the increase in the age of the reader. We performed the analysis of the data produced by the subjects in the two tests through the theories of: Antecedent Hypothesis, by Carminati (2002); Theory of Canonical Accessibility, by Schwenter (2003); Multifactorial Hypothesis, by Kaiser and Trueswell (2008); Distance Effect, by Streb et.al (2004) and Leitão and Simões (2011) and Animation Scale, by Comrie (1981) and Yamamoto (1999). The results relative to the general average suggest that the semantic disambiguation of the pronominal anaphor is a process that, with the increase of the reader's age group, sometimes takes more time, sometimes it takes less time to be performed, this compared to other forms of disambiguation, such as, for example, the syntactic. In this relationship, the way the reader performs the disambiguation, which is influenced by linguistic and extralinguistic factors, ends up impacting the processing time of the anaphor. Another finding of this study is that there are indications in the results that semantic information is an important linguistic clue, but not decisive for the realization of the disambiguation of anaphora. What is observed is that the effectiveness of this process is influenced by several linguistic and extralinguistic clues used together by the reader when deciding on the most suitable anaphoric antecedent to resolve an anaphoric ambiguity.

Keywords: reading comprehension; anaphoras; resolution; ambiguity; memory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1- Primeira tela de orientação do teste 1. | 69 |
| Figura 2. Sentença de Teste utilizada no teste 1. | 69 |
| Figura 3. Opções de resposta de tarefa da Sentença de 70 | 70 |
| Figura 4. Mensagem final de agradecimento por participar do..... | 70 |
| Figura 5. Primeira tela de orientação do teste 2..... | 75 |
| Figura 6. Sentença de Teste utilizada no teste 2..... | 75 |
| Figura 7. Opções de resposta de tarefa da Sentença de Teste | 76 |
| Figura 8. Mensagem final de agradecimento por participar do..... | 76 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1 - Condições experimentais relativas ao Traço Semântico + Humano no teste 1. .. | 64 |
| Quadro 2 - Condições experimentais relativas ao Traço Semântico + Animado no teste 1. . | 65 |
| Quadro 3 - Condições experimentais relativas ao Traço Semântico - Animado no teste 1. ... | 65 |
| Quadro 4 - Condições experimentais relativas ao Traço Semântico Coletivo no teste 1. | 66 |
| Quadro 5 - Condições experimentais relativas ao Traço Semântico + Humano no teste 2. .. | 71 |
| Quadro 6 - Condições experimentais relativas ao Traço Semântico + Animado no teste 2. ... | 72 |
| Quadro 7 - Condições experimentais relativas ao Traço Semântico - Animado no teste 2. | 72 |
| Quadro 8 - Condições experimentais relativas ao Traço Semântico - Coletivo no teste 2. | 73 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|-----|
| Gráfico 1 - Médias de escolhas em porcentagem por cada Traço Semântico no teste 1. | 104 |
| Gráfico 2 - Médias de tempo de escolha de cada Traço Semântico sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal da anáfora pronominal nas condições experimentais do teste 1. | 107 |
| Gráfico 3 - Médias de escolha, em porcentagem, por cada Traço Semântico no teste 2. | 128 |
| Gráfico 4 - Médias de tempo de escolha de cada Traço Semântico sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal da anáfora pronominal nas condições experimentais do teste 2. | 131 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 3 - Médias gerais de escolhas pelos candidatos a antecedente anafórico nas sentenças de Teste do teste 1..... | 82 |
| Tabela 4 - Média geral de tempo para responder ao teste 1..... | 83 |
| Tabela 5 - Médias gerais de escolhas pelos candidatos a antecedente anafórico e de tempo de resposta ao teste nas sentenças de Teste que possuem relação lógica Adversativa no teste 1. | 83 |
| Tabela 6 - Médias gerais de escolhas pelos candidatos a antecedente anafórico e de tempo de resposta ao teste nas sentenças de Teste de relação lógica Conclusiva do teste 1..... | 84 |
| Tabela 7 - Médias gerais de escolhas pelos candidatos a antecedente anafórico e de tempo de resposta ao teste nas sentenças de Teste de relação lógica Explicativa do teste 1. | 85 |
| Tabela 8 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico distal e de tempo de resposta ao teste nas sentenças de Teste que apresentam verbos de ação física no teste 1. | 87 |
| Tabela 9 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico proximal e de tempo de resposta ao teste nas sentenças de Teste que apresentam os verbos de ação física ou mental no teste 1. | 87 |
| Tabela 10 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico distal e de tempo de resposta ao teste nas sentenças de Teste que apresentam verbos de ação processo no teste 1..... | 89 |
| Tabela 11 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente proximal e de tempo de resposta ao teste nas sentenças de Teste que apresentam verbos de ação processo no teste 1. | 89 |
| Tabela 12 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando o Traço Semântico + Animado e de tempo de resposta ao teste 1. | 91 |
| Tabela 13 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora carregando o Traço Semântico + Animado e de tempo de resposta ao teste 1..... | 92 |
| Tabela 14 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando o Traço Semântico + Humano e de tempo de resposta ao teste 1. | 94 |
| Tabela 15 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora carregando o Traço Semântico + Humano e de tempo de resposta ao teste 1. | 95 |
| Tabela 16 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando o Traço Semântico -Animado e de tempo de resposta ao teste 1. | 97 |

| | |
|--|-----|
| Tabela 17 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora carregando o Traço Semântico - Animado e de tempo de resposta ao teste 1..... | 98 |
| Tabela 18 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando o Traço Semântico Coletivo e de tempo de resposta ao teste 1..... | 99 |
| Tabela 19 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora carregando o Traço semântico Coletivo e de tempo de resposta ao teste 1..... | 101 |
| Tabela 20 - Médias gerais de escolhas pelo Traço Semântico + Animado sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal no teste 1..... | 102 |
| Tabela 21 - Médias gerais de escolhas pelo Traço Semântico + Humano sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal no teste 1..... | 102 |
| Tabela 22 - Médias gerais de escolha pelo Traço Semântico - Animado sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal no teste 1..... | 103 |
| Tabela 23 - Médias gerais de escolha pelo Traço Semântico Coletivo sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal no teste 1..... | 103 |
| Tabela 24 - Médias gerais de tempo de resposta ao teste na escolha pelo Traço Semântico + Animado sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal no teste 1..... | 105 |
| Tabela 25 - Médias gerais de tempo de resposta ao teste na escolha pelo Traço Semântico + Humano sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal no teste 1..... | 105 |
| Tabela 26 - Médias gerais de tempo de resposta ao teste na escolha pelo Traço Semântico - Animado sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal no teste 1..... | 106 |
| Tabela 27 – Médias gerais de tempo de resposta ao teste na escolha pelo Traço Semântico Coletivo sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal no teste 1..... | 106 |
| Tabela 30 - Médias gerais de escolhas pelos candidatos a antecedente anafórico nas sentenças de Teste do teste 2..... | 109 |
| Tabela 31 - Média geral de tempo para responder ao teste 2..... | 110 |
| Tabela 32 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico distal e de tempo de resposta ao teste nas sentenças de Teste que apresentam verbos de ação física no teste 2..... | 110 |
| Tabela 33 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico proximal e de tempo de resposta ao teste nas sentenças de Teste que apresentam verbos de ação física no | |

| | |
|--|-----|
| teste 2. | 111 |
| Tabela 34 - Médias gerais de escolhas pelo candidato a antecedente anafórico distal e de tempo de resposta ao teste nas sentenças de Teste que apresentam verbos de ação processo do teste 2..... | 112 |
| Tabela 35 - Médias gerais de escolhas pelo candidato a antecedente anafórico proximal e de tempo de resposta ao teste nas sentenças de Teste que apresentam verbos de ação processo do teste 2. | 113 |
| Tabela 36 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando o Traço Semântico + Animado e de tempo de resposta ao teste 2. | 114 |
| Tabela 37 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora carregando o Traço Semântico + Animado e de tempo de resposta ao teste 2. | 115 |
| Tabela 38 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando o Traço semântico + Humano e de tempo de resposta ao teste 2. | 117 |
| Tabela 39 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora carregando o Traço Semântico + Humano e de tempo de resposta ao teste 2. | 118 |
| Tabela 40 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando o Traço Semântico - Animado e de tempo de resposta ao teste 2. | 120 |
| Tabela 41 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora pronominal carregando o Traço Semântico - Animado e de tempo de resposta ao teste 2. | 121 |
| Tabela 42 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando o Traço Semântico Coletivo e de tempo de resposta ao teste 2..... | 123 |
| Tabela 43 – Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora pronominal carregando o Traço Semântico Coletivo e de tempo de resposta ao teste 2. | 124 |
| Tabela 44 - Médias gerais de escolhas pelo Traço Semântico + Animado sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal no teste 2. | 126 |
| Tabela 45 - Médias gerais de escolha pelo Traço Semântico + Humano sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal no teste 2. | 126 |
| Tabela 46 - Médias gerais de escolha pelo Traço Semântico - Animado sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal no teste 2. | 126 |
| Tabela 47 – Médias gerais de escolha pelo Traço Semântico Coletivo sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal no teste 2. | 127 |
| Tabela 48 - Médias gerais de tempo de resposta ao teste na escolha pelo Traço Semântico | |

| | |
|---|-----|
| + Animado sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal no teste 2. | 129 |
| Tabela 49 - Médias gerais de tempo de resposta ao teste na escolha pelo Traço Semântico + Humano carregado pelos candidatos a antecedente distal e proximal no teste 2. | 129 |
| Tabela 50 - Médias gerais de tempo de resposta ao teste na escolha pelo Traço Semântico - Animado carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal no teste 2. | 130 |
| Tabela 51 – Médias gerais de tempo de resposta ao teste na escolha pelo Traço Semântico Coletivo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal no teste 2... | 130 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 20 |
| CAPÍTULO 1 - O CARÁTER SOCIOCOGNITIVO DA COMPREENSÃO LEITORA | 25 |
| 1.1 LÍNGUA, TEXTO E LEITURA - PROCESSOS SOCIOCOGNITIVOS..... | 25 |
| 1.2. COMPREENSÃO LEITORA: UMA ATIVIDADE COLABORATIVA E MÚTUA DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS..... | 31 |
| CAPÍTULO 2 - UMA ABORDAGEM COGNITIVA SOBRE O PROCESSO DE RESOLUÇÃO DE AMBIGUIDADE ANAFÓRICA PRONOMINAL | 35 |
| 2.1 COGNIÇÃO E LEITURA..... | 35 |
| 2.2 MEMÓRIA..... | 37 |
| 2. 2.1 Memória de trabalho..... | 38 |
| 2.3 A REFERENCIAÇÃO | 40 |
| 2.4 A ANÁFORA | 42 |
| 2.5 A SEMÂNTICA E O ESTUDO DOS SIGNIFICADOS | 47 |
| Capítulo 3 - METODOLOGIA..... | 54 |
| 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA..... | 54 |
| 3.2 LOCAL DE PESQUISA | 56 |
| 3.3 ESCLARECIMENTOS ÉTICOS | 57 |
| 3.4 DEFINIÇÃO DA AMOSTRA..... | 57 |
| 3.4.1 Sujeitos da pesquisa | 57 |
| 3.4.2 Amostra..... | 58 |
| 3.5 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS PARA COLETA DOS DADOS DOS GRUPOS..... | 59 |
| 3.5.1 Contatos para a aplicação dos testes do estudo..... | 59 |
| 3.5.2 Seleção e organização dos materiais linguísticos..... | 59 |
| 3.5.2.1 Teste 1: Resolução de ambiguidade anafórica em períodos compostos na voz ativa | 60 |
| 3.5.2.2 Teste 2: Resolução de ambiguidade anafórica em períodos simples com duas orações na voz ativa | 61 |
| 3.6 DESENHO DOS EXPERIMENTOS..... | 62 |
| 3.6.1 Experimento 1: Teste de resolução de ambiguidade anafórica pronominal em períodos compostos incompletos na voz ativa..... | 62 |
| 3.6.1.1 Variáveis | 63 |

| | |
|--|------------|
| 3.6.1.2 Método | 67 |
| 3.6.1.3 Materiais e Procedimento..... | 68 |
| 3.6.2 Experimento 2: Teste de resolução de ambiguidade anafórica pronominal em períodos simples com duas orações na voz ativa..... | 70 |
| 3.6.2.1 Variáveis | 71 |
| 3.6.2.2 Método | 73 |
| 3.6.2.3 Material e Procedimento | 74 |
| 3.6.3 Tratamento e organização dos dados colhidos nos testes | 76 |
| CAPÍTULO 4 - ANÁLISE E DISCUSSÃO | 80 |
| 4.1 TESTE UM: RESOLUÇÃO DE AMBIGUIDADE ANAFÓRICA PRONOMINAL EM PERÍODOS COMPOSTOS NA VOZ ATIVA..... | 81 |
| 4.2 TESTE DOIS: RESOLUÇÃO DE AMBIGUIDADE ANAFÓRICA PRONOMINAL EM PERÍODOS SIMPLES COM DUAS ORAÇÕES NA VOZ ATIVA | 108 |
| 4.3 DISCUSSÃO GERAL DOS DOIS EXPERIMENTOS..... | 132 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 141 |
| REFERÊNCIAS..... | 145 |
| ANEXOS | 154 |
| ANEXO A - Materiais do Experimento 1: Teste de resolução de ambiguidade anafórica pronominal em períodos compostos incompletos na voz ativa..... | 155 |
| ANEXO B - Materiais do Experimento 2: Teste de resolução de ambiguidade anafórica pronominal em períodos simples com duas orações na voz ativa | 158 |
| ANEXO C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido | 161 |
| ANEXO D - Parecer consubstanciado do CEP | 163 |

INTRODUÇÃO

Desde cedo, ainda na infância, somos impulsionados ao hábito da leitura, uma atividade essencialmente humana importantíssima para nosso desenvolvimento por possibilitar vários benefícios à saúde, como por exemplo, exercitar e promover a manutenção da memória.

Mas o que podemos entender por leitura? Como esta atividade essencialmente humana pode ser definida? As respostas para tais perguntas movem a produção de uma infinidade de pesquisas sobre o tema com de abordagens teóricas voltadas para concepções de sujeito, língua, texto e sentido.

O tema desta pesquisa é Compreensão Leitora. Segundo Koch e Elias (2006) esta capacidade humana varia segundo as circunstâncias da leitura e depende de vários fatores complexos para a produção de sentidos. Tal capacidade é realizada de forma interativa entre autor e leitor por meio de elementos linguísticos presentes na superfície textual, que exigem mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

Para Koch e Elias (2006) a leitura pode ser definida por alguns focos de entendimento, são eles: foco no autor, uma atividade de captação de ideias do autor deixando de lado o conhecimento do leitor; foco no texto, exigindo do leitor atenção para a leitura linear e por último o foco na interação autor-texto-leitor, caracterizada como sendo uma atividade interativa e complexa de produção de sentidos.

Em um olhar cognitivo sobre a Compreensão Leitora, nos valem do pensamento de Marcuschi (2011) que defende tal processo como sendo influenciado por condições textuais, pragmáticas, cognitivas, interesses e diversos fatores como: conhecimentos do leitor, gênero e forma de textualização. Neste sentido compreender é uma atividade conjunta entre o leitor-texto-autor ou ouvinte-texto-falante, um exercício de convivência sociocultural em que são utilizadas ações para a fluidez do processo comunicativo. São ações rotineiras e emergem de forma inconsciente, pois quando falamos ou escrevemos não temos muita consciência das regras usadas ou das decisões tomadas. Em contrapartida, as atividades sociais e cognitivas frisadas pelo uso da linguagem são sempre colaborativas.

Marcuschi (2011) defende que o processo de Compreensão Textual é caracterizado como sendo de grande complexidade por exigir a mobilização de vários conhecimentos diferentes por parte do leitor, como por exemplo: o processamento de diferentes níveis; a fluência em leitura; boa capacidade de decodificação; nível elevado de consciência fonológica

e o conhecimento de léxico e de toda a estrutura da língua que exige do leitor várias operações mentais e vários tipos de conhecimento. Nesta atividade, o autor pressupõe a intensa participação do leitor na construção do sentido do que está lendo, pois a compreensão não requer que os conhecimentos do texto e do leitor coincidam, mas sim que interajam de forma dinâmica.

A partir da identificação do caráter complexo da Compreensão Leitora, decidimos realizar um estudo com 3 grupos de leitores diferentes, mas do mesmo nível de escolaridade, alunos matriculados nos ciclos 3 e 4 da modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos - EJA, o que corresponde ao Ensino Fundamental II incompleto, tendo como objeto de estudo o processo de resolução de ambiguidade anafórica pronominal em sentenças durante tarefas de Compreensão Leitora.

De acordo com Fonseca et. al (2014) podemos entender a ambiguidade anafórica pronominal como sendo ocasionada pela presença, em uma sentença ou período, de um pronome que concorda em gênero e número com dois termos antecedentes existentes em uma sentença, sendo um na função de sujeito da sentença e outro na função de complemento do verbo. Tal relação entre os sintagmas dificulta a obtenção do sentido da sentença, visto que são duas as opções existentes para resolver a ambiguidade anafórica pronominal. Observemos abaixo um exemplo de ambiguidade anafórica pronominal:

1. João empurrou Arthur. Ele ficou descontrolado.

O pronome Ele concorda em gênero e número com dois antecedentes, são eles: João, que exerce a função de sujeito, e Arthur, que exerce a função de complemento do verbo.

A partir da leitura do enunciado 1, logo nos surge a seguinte pergunta: Quem ficou descontrolado, João ou Arthur? A ambiguidade decorre justamente do fato de que tanto João quanto Arthur podem ser escolhidos como referentes do pronome Ele. Esta ambiguidade é o que dificulta o sentido do enunciado a qual lemos.

A partir da identificação deste problema de Compreensão Leitora propomos a realização de uma investigação sobre o processo de resolução de ambiguidade anafórica em sentenças por meio da seguinte pergunta, esta que move a produção deste estudo : A desambiguação semântica gera mais custos de processamento para a memória com o aumento da faixa etária do leitor?

O objetivo geral deste estudo é o de entender o processo de resolução de ambiguidade anafórica pronominal realizado por grupos de faixas etárias diferentes. Já os objetivos específicos são:

- Analisar a importância da informação semântica carregada pelo candidato a antecedente anafórico para o estabelecimento de cadeias referenciais em períodos compostos incompletos na voz ativa em períodos simples com duas orações também na voz ativa;
- Informar se a distância do candidato a antecedente anafórica para a anáfora em uma sentença é um fator que acarreta mais tempo para a resolução da ambiguidade anafórica pronominal em uma sentença;
- Informar se em períodos compostos incompletos na voz ativa e em períodos simples com duas orações também na voz ativa os Traços Semânticos carregados pelos candidatos a antecedente anafórico, e a construção linguística das sentenças, permitem que a ambiguidade na leitura seja desfeita ou resolvida pelo leitor de forma mais rápida;
- Descobrir se o aumento da faixa etária de grupos de leitores diferentes significa uma perda de desempenho da memória no processo de desambiguação semântica da anáfora pronominal.

Entendamos neste estudo a classificação “candidato a antecedente anafórico” como sendo os termos presentes em uma sentença ora na posição distante da anáfora pronominal (ocupando a função sintática de sujeito) ora na posição mais próxima da anáfora pronominal (ocupando a função sintática de complemento do verbo).

Toda problemática gerada pela ocorrência da ambiguidade anafórica pronominal em sentenças, como a descrita anteriormente no exemplo 1, nos suscitou questionamentos que acreditamos serem importantes para o entendimento e resolução de tal processo. Desta forma, neste estudo, em que analisamos aspectos ligados a Compreensão Leitora no envelhecimento, nos interessa encontrar respostas para as seguintes perguntas: Qual a tendência de leitores de grupos diferentes na associação do termo anafórico em um processo de resolução anafórica pronominal quando há dois possíveis antecedentes? A informação semântica do candidato a antecedente anafórico é um fator decisivo para sua escolha? A posição do candidato a antecedente anafórico na sentença, se próximo ou distante da anáfora pronominal, define sua escolha? Na comparação entre os grupos o aumento da faixa etária é um fator que gera mais tempo para que o leitor processe e resolva a ambiguidade anafórica pronominal?

Como resposta provisória, e hipótese geral deste estudo, acreditamos que para resolver a ambiguidade anafórica pronominal o leitor se vale de pistas linguísticas semânticas, uma forma de desambiguação que gera mais custos para a memória, sobretudo com o avanço da idade do leitor, que como característica, apresenta um declínio gradativo deste processo

cognitivo.

Em trabalhos que versam sobre o processo de resolução de ambiguidade, no âmbito da compreensão leitora de anáforas pronominais, como os de Morgado (2013), Malheiros (2010) e Haag e Othero (2003), observamos que existe uma carência em se realizar pesquisas voltadas para leitores idosos. Motivados por esta realidade decidimos por produzir um estudo em que analisamos a importância da informação semântica carregada por um candidato a antecedente anafórico para o processo de resolução de ambiguidade anafórica pronominal, observando se esta forma de desambiguação gera mais custos para a memória, sobretudo com o aumento da faixa etária do leitor.

Acreditamos que a importância da realização de um estudo sobre resolução de ambiguidade anafórica pronominal está alicerçada no fato de divulgar para a comunidade científica informações validadas sobre a compreensão leitora de anáforas pronominais por leitores de faixas etárias diferentes. Defendemos que a realização de uma pesquisa, como a proposta por nós, voltada para análises envolvendo a divisão de grupos em faixas etárias diferentes é relevante, devido a necessidade e importância de se observar aspectos particulares que envolvem Compreensão leitora e envelhecimento.

Para a investigação do objeto de estudo desta pesquisa utilizamos a metodologia de pesquisa experimental, que nos forneceu a orientação necessária para a obtenção, processamento e validação dos dados colhidos nos testes com os sujeitos, referentes ao problema que foi investigado, ou seja, a resolução da ambiguidade anafórica pronominal em sentenças.

Escolhemos como forma de abordagem do problema a pesquisa quantitativa e utilizamos uma amostra representativa da população para testar a hipótese geral de nosso estudo por meio da aplicação dos dois experimentos, cada um trazendo um teste *online* de Compreensão Leitora, que tiveram os seguintes objetivos: captar a escolha do antecedente anafórico por parte de leitores de grupos diferentes; informar qual Traço Semântico carregado pelo candidato a antecedente anafórico tem maior incidência de escolha por parte dos leitores; informar qual Traço Semântico carregado pelo candidato a antecedente anafórico tem menor incidência de escolha por parte dos leitores; mensurar o tempo de leitura da sentença e de resposta dos testes por parte dos 3 grupos de leitores; informar se com o aumento da faixa etária do grupo a escolha pela resolução da ambiguidade por meio da informação semântica do candidato a antecedente leva mais tempo para ser realizada; informar qual grupo gastou mais tempo para ler a sentença e para responder a tarefa dos testes; informar qual grupo gastou menos tempo para ler a sentença e para responder às tarefas dos testes.

O primeiro experimento deste estudo é de complementação de sentenças, um teste de cloze *online* em que a resolução da ambiguidade anafórica é realizada por meio da complementação do período composto. Já o segundo experimento é também um teste *online* de resolução de ambiguidade anafórica pronominal, todavia a resolução da ambiguidade anafórica pronominal é realizada por meio da resposta de uma pergunta de compreensão textual.

Observamos o fenômeno da resolução de ambiguidade anafórica pronominal em sentenças de forma *online*. Mensuramos as reações obtidas nos testes, no momento das respostas das tarefas, considerando as escolhas em números brutos e em percentuais. Já os tempos de resposta às tarefas dos testes foram mensurados em milissegundos.

Neste estudo a aplicação dos dois testes de Compreensão Leitora com os sujeitos participantes nos possibilitou a coleta e análise dos dados que serviram para que pudéssemos observar o desempenho de um processo cognitivo em específico, o da memória, em particular da memória de trabalho, em tarefas de compreensão leitora. Por meio da análise dos dados foi possível que pudéssemos testar a hipótese geral deste estudo. Nos orientamos com o objetivo de descrever e analisar a forma como o leitor compreende a linguagem, observando a resolução de ambiguidade anafórica pronominal em sentenças, um fenômeno linguístico relacionado ao processamento da linguagem.

Este trabalho está dividido em 4 capítulos, além da introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo teórico é teórico, intitulado *O caráter sociocognitivo da Compreensão Leitora*. Tal capítulo é constituído por abordagens teóricas sociocognitivas utilizadas para o entendimento do processo de Compreensão Leitora.

O segundo capítulo, *Uma abordagem cognitiva sobre o processo de resolução de ambiguidade anafórica pronominal* é também de caráter teórico e traz considerações sobre a investigação do fenômeno da resolução da ambiguidade anafórica pronominal por meio de uma abordagem de cunho essencialmente cognitiva.

O terceiro capítulo apresenta a Metodologia utilizada para o desenvolvimento experimental deste estudo. Este capítulo descreve o caminho traçado para a obtenção dos dados deste estudo por meio de dois experimentos elaborados e aplicados com os sujeitos participantes desta pesquisa.

O capítulo 4 é dedicado à apresentação dos dados, discussão e análise dos resultados de cada um dos dois experimentos. Este último capítulo também traz uma discussão geral dos dois experimentos.

Por último são apresentadas as considerações finais sobre este estudo.

CAPÍTULO 1 – O CARÁTER SOCIOCOGNITIVO DA COMPREENSÃO LEITORA

Para se compreender um texto torna-se necessário que o leitor construa sentido sobre o que está lendo. Segundo Marcuschi (2008) por ser uma atividade sociocognitiva a Compreensão Leitora é um processo colaborativo e não individual, nascido da interação entre leitor-texto-autor ou ouvinte-texto-falante. Todavia, desta relação podem ocorrer desencontros que geram problemas de Compreensão Leitora.

Ao nos propormos a realizar uma investigação sobre o processo de resolução de ambiguidade anafórica pronominal, fundamentaremos teoricamente tal estudo baseado nas concepções de língua, texto e leitura como sendo processos sociocognitivos e a Compreensão Leitora como sendo uma atividade colaborativa e mútua de produção de sentidos.

1.1 LÍNGUA, TEXTO E LEITURA - PROCESSOS SOCIOCOGNITIVOS

Nos estudos linguísticos a língua é entendida como sendo mais do que uma representação da realidade. Para Pranche (2002) sua utilização é uma atividade de cunho social por se inserir na sociedade e no contexto em que vivemos. Desta forma, é pela língua, enquanto capacidade própria do ser humano, que nos constituímos enquanto sujeitos.

A língua é o principal meio utilizado pelos seres humanos para interagirem em sociedade. Conforme Correa (2006) é um tipo de conhecimento adquirido pelo homem na infância e utilizado como um processo de interação com o mundo. A língua tem como característica variar de um grupo social para outro e diz respeito a tudo que venha a se relacionar com aquisição, manutenção, recuperação e uso de conhecimento.

Para viver em sociedade, e na busca contínua pela interação, o homem, quando necessita estabelecer comunicação, pratica atividades verbais que tem como objetivo sua sobrevivência. Segundo Marcuschi (1985) tais ações são de cunho social e obedecem regras, materializando-se na produção de textos.

Marcuschi (2007) defende que os textos são constituídos de sentido. A produção de sentidos, no processo de Compreensão Leitora, é motivada por acontecimentos sociais que nascem da interação entre os semelhantes.

Neste estudo a concepção de língua a ser adotada é a defendida por Marcuschi (2007) que afirma ser a língua um processo nascido da interação social e da mente humana, que expressa sentidos, expressar sentimentos, crenças, ideias e desejos.

Concordamos com o pensamento de Marcuschi (2007) por acreditarmos que a língua é

um processo sociocognitivo, nascido justamente da interação social e motivada pela necessidade do homem se comunicar entre os semelhantes. Além deste aspecto a língua possui a característica de carregar as marcas identitárias dos grupos em que surge, diferenciando-se assim uma da outra.

Marcuschi (2008) vê a língua através de uma perspectiva sociointerativa de base cognitiva e histórica. Seria um conjunto de práticas sociais e cognitivas historicamente situadas, definido como objetivações históricas do que é falado e obedecendo a convenções de uso fundadas em normas socialmente instituídas. Nesta perspectiva, o uso da língua se dá em eventos discursivos, situados sócio-cognitivamente, e não em unidades isoladas. Por meio do aspecto cognitivo a língua é vista como um veículo de comunicação, tendo como função colocar seus usuários em situações sócio-históricas de caráter colaborativo e coletivo, nascida justamente da interação.

A comunicação linguística, ou seja, toda produção discursiva, apresenta-se mediante materiais linguísticos observáveis, chamados por Marcuschi (2011) de texto. Tais materiais têm como característica realizarem-se em algum gênero textual em particular, como por exemplo: notícia de jornal, reportagem, piada e outros, sendo que cada um destes gêneros textuais possui uma maneira particular de ser entendido. Para o autor o texto não pode ser visto e entendido apenas como sendo um produto puro ou um simples artefato pronto. O texto é um evento comunicativo sempre emergente, um material linguístico em elaboração constante e impulsionado pelas diversas recepções que motivam novas interpretações pelos vários leitores.

Neste estudo a concepção de texto adotada é a de Marcuschi (2011) que entende o texto como um evento comunicativo em permanente elaboração, não um produto puro nem um simples artefato acabado. Baseados em Marcuschi (2011) assumimos que, por não ser um produto acabado, nem depósito de informações, o texto é um evento enunciativo em permanente elaboração ao longo da história e das várias leituras feitas por diversos autores.

Desta forma, partimos neste estudo do entendimento de que o texto é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e comunicativas, o que torna o texto um evento.

Desde as origens da Linguística do Texto, e até a atualidade, o texto é visto de diferentes formas. Segundo Koch (1997) em um primeiro momento o texto foi visto a partir das perspectivas: a) uma unidade linguística (do sistema) superior à frase; b) sucessão ou combinação de frases; c) cadeia de pronominalizações ininterruptas; d) cadeia de isotopias; e) complexo de proposições semânticas. Em um olhar voltado para a pragmática, o texto é

caracterizado através das teorias acionais como uma sequência de atos da fala.

Para Koch (1997), em vertentes cognitivas, afirma que o texto é visto como um fenômeno propriamente psíquico, resultado de processos mentais de nossa atividade comunicativa a qual compreende processos, operações e estratégias que têm lugar na mente humana e que são postos em ação em situações concretas de interação social.

Orlandi (1995) entende que o texto é uma peça de linguagem que representa uma unidade significativa. Quando uma palavra significa é porque ela tem textualidade, ou seja, porque a sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, que a provê de realidade significativa.

A Compreensão Textual nasce de um trabalho simultâneo entre produtores e receptores em situações reais de uso da língua. Conforme Kleiman (2004) além deste aspecto é importante frisar também que um mesmo texto lido por diferentes sujeitos poderá ter diferentes sentidos possíveis, atribuídos em virtude da variedade de influências agregadas ao ato de ler. Desta relação entendemos que o sentido não está no leitor, no texto ou no autor, mas sim no efeito das relações entre eles e das atividades desenvolvidas.

O leitor, na busca pela Compreensão Leitora do texto, constrói uma interrelação com autor por meio do encontro e confronto de significados gerados na interação de cada qual com seu mundo. De acordo com Dias e Ferreira (2004) o leitor, na interação que mantém com o autor via texto, por intermédio da leitura, modifica, amplia e ajusta suas concepções que exercem um impacto sobre sua percepção. Desta forma, a leitura é uma tarefa complexa que exige a mobilização de vários conhecimentos por parte do leitor.

A partir do entendimento sobre a complexidade deste processo, nos surge o seguinte questionamento a respeito do tema: o que podemos entender sobre o que é leitura?

Nos estudos linguísticos, as várias teorias atreladas às noções de língua divergem sobre a conceituação da leitura. Ancorados no pensamento de Marcuschi (2011) defendemos que neste estudo a concepção a ser adotada sobre leitura é a de ser este um processo de compreensão e interpretação textual, promovido pela interação. Para Marcuschi (2011) na atividade de leitura a participação do autor e do leitor na construção de sentido do texto é realçada. Leitor-autor interagem por intermédio do texto, assegurando o sentido dentro do contexto sociocognitivo. Como bem defende o autor: compreender um texto não é uma atividade natural, tampouco uma herança genética ou uma ação individual isolada do meio e da sociedade em que se vive. Compreender exige habilidade, interação e trabalho.

Kleiman (2008) defende que a leitura é uma prática social, inserida em contextos situacionais, podendo ser influenciada por uma série de fatores como: participantes, cenário e

o objetivo de ler.

Koch e Elias (2006) voltam-se para o estudo da leitura em um viés teórico que define esta atividade como sendo produto de estratégias sociocognitivas para a produção de sentido, das quais se realiza o processo textual. Desta forma, na leitura o leitor faz uso, de forma inconsciente, de diversas estratégias sociocognitivas para processar o texto, utilizando vários conhecimentos da memória. Um fator importante para a compreensão textual é a interação do leitor com o texto. No processo de leitura, buscamos ler textos com as mais diversas intenções, como por exemplo: para nos mantermos informados buscamos ler jornais ou revistas. Para produzirmos trabalhos acadêmicos procuramos ler gêneros textuais acadêmicos e pelo prazer da leitura fazemos o uso de gêneros textuais literários.

Koch e Elias (2006) defendem que a leitura não deve ser vista apenas como uma decodificação de letra, mas como uma atividade que exige, por parte do leitor, o uso de estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível obter o sentido do texto. A partir do pensamento das autoras entendemos, portanto, que são os objetivos da leitura que produzem o modo da leitura. Esta leitura pode se apresentar com mais ou menos interação e com mais ou menos tempo, dependendo do interesse do leitor pelo conteúdo presente no texto.

Os conhecimentos do leitor também são primordiais para sua interação com o texto durante a leitura. Na verdade, os conhecimentos de cada leitor, que são singulares, acabam por produzir as mais diversas compreensões de um mesmo texto. Conforme Koch e Elias (2006, p. 21 -22):

Considerar o leitor e seus conhecimentos e que esses conhecimentos são diferentes de um leitor para o outro implica aceitar uma pluralidade de leituras e sentidos em relação a um mesmo texto. A pluralidade de leituras e de sentidos pode ser maior ou menor dependendo do texto, do modo como foi constituído, do que foi explicitamente revelado [...].

O leitor coloca em uso várias estratégias sociocognitivas na busca pelo sentido daquilo que está lendo. Segundo Koch e Elias (2006) tais estratégias são responsáveis pela produção de vários tipos de conhecimentos armazenados em nossa memória. Diante de um texto os leitores são incentivados a realizar várias rotinas rápidas de interpretação, um processamento textual caracterizado pela realização de diversos “cortes”, que funcionam como entradas a partir das quais elaboramos hipóteses e interpretações sobre o texto.

Koch e Elias (2006) defendem que para realizar o processamento textual da leitura fazemos o uso de três sistemas de conhecimento, são eles: o linguístico, voltado para questões

de ordem gramatical e também lexical, responsável pela articulação do sentido, pela organização de materiais linguísticos presentes na superfície textual, pelos usos dos meios coesivos que a língua utiliza para efetuar a remissão ou sequência textual e também pela seleção adequada ao tema e/ ou aos modelos cognitivos ativados; o enciclopédico, ou, conhecimento do mundo, um tipo de conhecimento que se encontra armazenado na memória e obedece a uma divisão em dois grupos: memórias proceduais ou modelos cognitivos socioculturalmente determinados adquiridos através da experiência, e memórias declarativas, que são proposições a respeito dos fatos do mundo; o interacional, um tipo de conhecimento voltado para as formas de interação através da linguagem, que englobam conhecimentos de ordem locucional, comunicacional, metacomunicativo e superestrutural. Cada um destes conhecimentos abarca o saber sobre práticas relativas ao meio sociocultural em que vivem os interlocutores, como também o domínio das estratégias de interação.

Gabriel (2006) apresenta uma proposta de estudo sobre o tema da leitura coerente com nossa pesquisa. Para a autora, em uma leitura proficiente, quando lemos não enxergamos letras soltas, mas sim uma palavra, e quando vemos esta palavra acessamos o seu significado, o que dá a leitura uma especificidade ao processo cognitivo, pois a leitura vista sob este prisma é voltada para a produção de sentido. A leitura proficiente não é comum a todos os leitores, tampouco inata. Este nível de leitura é construído por meio de um processo de alfabetização e letramento em que a prática da leitura, a tarefa de decifrar o código escrito, é automatizada de tal maneira que o leitor não vê mais letras e sim os significados que elas remetem.

Gabriel (2006) entende que o processo de leitura é uma prática cultural e não uma habilidade inata. O componente que permite o processamento de leitura, que não está presente em outras espécies, é justamente a capacidade simbólica do ser humano. Tal capacidade constrói e recupera significados a partir de um conjunto de signos, como por exemplo: palavras e imagens. No ato de ler, o processo de aquisição da linguagem, aliado ao uso de símbolos linguísticos, transforma a natureza da representação cognitiva humana que acaba originando tipos de memória relacionados ao conteúdo. Além do aspecto, o processamento textual difere de leitor para leitor.

O processo de leitura de um leitor proficiente difere do leitor iniciante porque tal prática envolve uma relação entre símbolos gráficos, leitura e compreensão. Para Gabriel (2006) neste sentido, o tempo e o esforço necessários para que um leitor proficiente construa o sentido de um texto é menor do que o tempo necessário para que um leitor iniciante realize o mesmo processo.

Se posicionando sobre o tema, Dias (2006) afirma que existem três modelos básicos de leitura, são eles: o modelo ascendente (*bottom-up*), defendido por Gough (1972,1985), que dá ênfase às palavras e expressões do texto; o modelo descendente (*top-down*), que tem como defensor Goodam (1976, 1985,1988). Neste modelo a leitura é processada de forma global e de forma hipotética por considerar o conhecimento prévio. O último modelo de leitura é o interativo, defendido por Rumelhart (1977,1985). Neste modelo a leitura é processada por intermédio do modelo ascendente (*bottom-up*) e pelo modelo descendente (*top-down*) de forma simultânea.

Para Cavalcante (2010) no processo (*top down*) a leitura depende do leitor. Já no (*bottom-up*) a leitura depende do texto. Estes dois processos caracterizam leitores como ascendentes e descendentes. Segundo o autor, no processo (*top down*) a abordagem de leitura é não linear com maior carga de uso de inferências. No processo o (*bottom-up*) o processo de leitura é realizado de forma linear e é dividido em partes que somadas compõem o significado. O leitor descendente é aquele que capta rapidamente as informações gerais de um texto de forma fluente, mas que realiza excessos de adivinhações sem confirmá-las no texto, através de uma leitura ascendente pautada na ênfase do conhecimento prévio do leitor. Tal leitor utiliza os dados visuais somente para diminuir a incerteza com relação às informações contidas no texto.

O leitor ascendente constrói o significado do texto nas informações contidas no texto, não antecipando conclusões e nem se atendo às entrelinhas. Conforme Cavalcante (2010) tal leitor analisa cuidadosamente o *input*¹ visual. A leitura do leitor ascendente é lenta e apresenta uma dificuldade de condensamento de ideias, motivada pela dificuldade em se distinguir o que é importante e o que é apenas uma informação secundária no texto. Desta forma, o leitor processa a leitura resumindo o significado das partes para obter o significado do todo.

Novos estudos, surgidos no meio científico sobre processamento de leitura, apontam para o surgimento de outra categoria de leitores, os maduros. Conforme Kato (2007) a característica deste tipo de leitor é a de saber quando usar uma leitura ascendente ou descendente, acionando estratégias metacognitivas e controlando, conscientemente, seu comportamento e, ativamente, seu processo de leitura.

Ao ler um texto o leitor se utiliza de estratégias que tem como objetivo buscarem sentido daquilo que ele está lendo.

Sobre os tipos de leitores, conforme Kato (2007) o ascendente realiza a compreensão

¹ Entrada.

da leitura com uma maior precisão por não utilizar conhecimentos que estão fora do texto.

1.2. COMPREENSÃO LEITORA: UMA ATIVIDADE COLABORATIVA E MÚTUA DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Os posicionamentos apresentados por meio de abordagens teóricas, acerca do que seria o processo de compreensão textual, não defendem uma hegemonia a ser seguida, tampouco uma abordagem definitiva sobre o tema.

Gabriel (2006), em uma abordagem cognitiva, defende que no processo de compreensão de um texto o conhecimento é organizado em esquemas cognitivos que descrevem e explicam o mundo, nos permitem reconhecer estímulos, estabelecer conexões e tomar decisões sobre o que fazer diante de um texto. Tais esquemas cognitivos são requisitados e ativados na memória exatamente quando começamos a ler um texto e procuramos trazer significações às informações que estamos tendo acesso.

Gabriel (2006) argumenta que na atividade de Compreensão Leitora, diante de um texto, o leitor é incentivado a realizar rotinas como: selecionar e reorganizar informações, e nesta relação a Compreensão Leitora depende de alguns aspectos, como por exemplo: conhecimentos prévios ligados à língua, o domínio do código escrito e do conteúdo do texto.

Para Gabriel (2006), em um olhar reduzido, ler é uma atividade humana estabelecida por uma relação entre Grafema, que são sinais gráficos (letras de um alfabeto) e Fonema, que são os sons distintivos em um sistema linguístico. A partir da relação entre Grafema e Fonema torna-se possível a produção do significado. Em um sentido amplo, ler pode ser entendido como uma relação entre o símbolo e sua particularidade (como os sons, ícones etc.) e um significado (que diz respeito à ideia).

Para entendermos este pensamento de Gabriel (2006) partimos do seguinte exemplo: quando uma pessoa puxa a corda existente na parte superior do ônibus, acionando o sinal de parada, o motorista percebe que esta pessoa pediu para que ele parasse o ônibus para que então possa descer do coletivo. Um exemplo como este pode ser entendido como uma leitura de mundo, proporcionada pela capacidade que o cérebro humano possui de armazenar representações do mundo e da linguagem, além de conteúdos mentais que funcionam como um “espelho da realidade” de forma direta, como se fosse um paradigma ou uma capacidade simbólica que permite referenciar algo que não está perceptível ao sujeito.

Rodrigues Leite (2014) se posiciona sobre o tema defendendo a ideia de que os estudos cognitivos enfatizam aspectos presentes na mente do ser humano, ativados no

processo de leitura. Tais estudos consideram a captação dos dados da experiência para a construção da significação referente ao nosso universo cultural, sendo a capacidade cognitiva o principal instrumento que auxilia o processo de entendimento e interação. Sob este viés teórico, as capacidades cognitivas humanas podem ser explicadas a partir da interação entre uma série de mecanismos neurobiológicos responsáveis pelas operações mentais e uma série de contextos sociais, culturais, históricos e intencionais.

Cavalcante (2017) afirma que o texto é considerado como resultado de processos mentais porque é originado por múltiplas operações cognitivas interligadas que exigem procedimentos como: decisão, seleção e combinação. São os processos cognitivos que cuidam da ativação e do uso de novos conhecimentos, sua associação com o conhecimento de base, assim como o desenvolvimento e a reconstrução destes novos conhecimentos e sua transferência para outros usos, situações e contextos de forma automática e inconsciente.

Marcuschi (2011) analisa o processo de compreensão textual por meio do viés da interação. Desta forma, tal processo é influenciado por condições textuais, pragmáticas, cognitivas, interesses, além de diversos fatores como: conhecimentos do leitor, gênero e forma de textualização. Nesta relação, compreender seria um exercício de convivência sociocultural em que são utilizadas ações para a fluidez do processo comunicativo. Tais ações são rotineiras e emergem de forma inconsciente.

Marcuschi (2011) argumenta que no processo interativo o ponto chave é o fato de que a compreensão (de textos orais em geral) é negociada e construída. Seria uma forma de negociação com as propostas textuais e com o interlocutor. Mas isso se desenvolve também no caso da leitura de textos escritos porque eles são sempre interativos e possuem marcas com essas orientações. Ao falarmos ou escrevermos não temos muita consciência das regras usadas ou das decisões tomadas. Em contrapartida, as atividades sociais e cognitivas frisadas pelo uso da linguagem são sempre colaborativas.

Neste estudo a concepção sobre Compreensão Leitora a ser adotada é justamente a partir do viés teórico defendido por Marcuschi (2011) que compreende este processo como sendo uma atividade colaborativa e mútua de produção de sentidos, que, como característica, envolve pelo menos quatro processos, são eles: o processo estratégico, o processo flexível, o processo interativo e por último o processo inferencial.

Ancorados em Marcuschi (2011) nos posicionamos a favor do entendimento de que a Compreensão Leitora é uma atividade mútua de produção de sentidos em que autor e leitor, de forma colaborativa, constroem o sentido do texto.

As atividades inferenciais incentivam o leitor a “sair” do texto para buscar sentido

além de si próprio. Sobre o processo inferencial, de acordo com Marcuschi (2011) a contribuição essencial das inferências na compreensão de textos é a de funcionarem como provedoras de contexto integrador para informações e estabelecimento de continuidade do próprio texto, dando-lhe coerência. Desta forma, as inferências atuam como hipóteses coesivas para o leitor processar o texto, ou seja, como estratégias ou regras embutidas no processo. Baseados no pensamento de Marcuschi (2011) entendemos que as inferências são processos cognitivos nos quais os falantes, partindo de uma informação textual em que consideram o contexto, constroem uma nova representação semântica.

Segundo Marcuschi (2011) pode-se afirmar que as inferências introduzem informações mais visíveis do que o próprio texto a partir de pistas como: a prosódia, entonação, volume e qualidade da voz, pausa, velocidade e ritmo da fala, escolhas lexicais, distribuição sintática, estilo, mímica, gestos, postura corporal e assim por diante.

Como já frisado anteriormente neste capítulo, a Compreensão Leitora é um processo complexo que tem como característica a existência não apenas de fenômenos linguísticos, mas também antropológicos psicológicos e factuais. Para Marcuschi (2011) as inferências lidam com as relações entre estes e muitos outros conhecimentos por serem produzidas com a colaboração de elementos sócio-semânticos, cognitivos situacionais, históricos e linguísticos de vários tipos que operam integradamente. Desta forma, compreender é uma atividade de relacionar conhecimentos, experiências e ações em um movimento interativo negociado.

Conforme Marcuschi (2011) são encontradas uma série de inferências². Um aspecto chama a atenção sobre este fato: embora existam vários tipos de inferências utilizamos em nosso dia a dia mais raciocínios práticos do que lógicos. Este aspecto de nossa ação discursiva é importante por mostrar a praticidade da espécie humana, evidenciando o caráter institucional e convencionalizado de nossa vivência que não se funda em relações estritamente lógicas. No processo inferencial, o modo de produção de sentido não se dá pela interação e extração de informações codificadas, mas sim como uma atividade em que conhecimentos de diversas procedências entram em ação por formas de raciocínio variadas.

Baseados no pensamento de Marcuschi (2011) partimos do entendimento de que a compreensão, como processo, não é uma atividade de cálculo com regras precisas nem exatas, mas sim uma atividade de selecionar, reordenar e reconstruir, caracterizada como uma dialógica que se dá na relação com o outro.

Nesta pesquisa, a partir da abordagem cognitiva sobre o estudo do texto, nos interessa

² Ver o quadro geral das inferências postuladas em Marcuschi (2011, p. 96).

explicar como os conhecimentos que um indivíduo possui estão estruturados em sua mente e como eles são acionados para enfrentar e resolver possíveis custos, como por exemplo, os ligados à resolução de ambiguidade anafórica pronominal, que como característica é um processo que exige um grande esforço mental por parte do leitor e é caracterizado como sendo uma atividade complexa por conta dos vários processos cognitivos utilizados para construir o sentido de uma sentença.

Os posicionamentos teóricos apresentados ao longo deste capítulo nos possibilitaram um breve percurso sobre o tema da Compreensão Leitora. Dada a importância do objeto de estudo desta pesquisa, a resolução de ambiguidade anafórica pronominal, apresentamos na sequência deste trabalho um capítulo teórico, de cunho cognitivo, que apresenta análises referentes à investigação deste fenômeno linguístico.

CAPÍTULO 2 – UMA ABORDAGEM COGNITIVA SOBRE O PROCESSO DE RESOLUÇÃO DE AMBIGUIDADE ANAFÓRICA PRONOMINAL

Neste capítulo apresentamos um estudo sobre o processo de resolução de ambiguidade anafórica pronominal, tendo como base aportes teóricos voltados para a explicação deste processo por meio de um olhar cognitivo. São considerações sobre: Cognição e Leitura, Memória, Referenciação, Anáforas, Ambiguidade Anafórica Pronominal e Semântica escolhidas por nós com a justificativa de serem materiais teóricos que possuem relevância direta com nosso estudo. A partir da leitura de tais materiais teóricos foi possível a produção de uma fundamentação teórica coerente com nossa pesquisa por explicar o processo de resolução de ambiguidade anafórica pronominal através de uma abordagem de cunho cognitivo.

2.1 COGNIÇÃO E LEITURA

Tradicionalmente a cognição é entendida como sendo depósito, transferência e processamento de informações de uma mente particular para outra, excluindo fatores externos como a situação comunicativa e a cultura dos indivíduos.

Rodrigues (2010), em um entendimento contrário ao tradicional, defende que o conhecimento, mesmo que seja um processo cognitivo, é conceptualizado em contextos socioculturais claramente delimitados. Desta forma, o conhecimento é um fenômeno que envolve a efetiva construção interativo-social, alicerçado em ações conjuntas dos usuários da língua em atitudes colaborativas de uns para com os outros, sendo, portanto, impossível a separação entre mental e social. Conforme o autor a diferença entre estas duas abordagens sobre cognição é a maneira de se examinar o evento comunicativo.

Rodrigues e Toscano (2012) se posicionam sobre o tema afirmando que o mental procura entender os processos mentais envolvidos na compreensão e na produção discursiva enquanto o social procura revelar que maneira os falantes utilizam o discurso, no intuito de atingir intenções e finalidades comunicativas.

Para Pereira (2010) a prática da leitura demanda várias funções cognitivas na medida em que envolve processos cognitivos múltiplos, dentre eles, em especial a memória, um processo cognitivo responsável por formar na mente humana um conjunto de componentes essenciais para a compreensão textual.

Ao longo da leitura o leitor correlaciona e aciona conhecimentos anteriores,

armazenados na memória, com conhecimentos novos, mobilizando-os em conjunto à procura do sentido daquilo que está lendo. Seria uma atividade de procura do leitor no seu passado de lembranças e conhecimentos.

Em mais uma perspectiva de estudo sobre a importância do processo cognitivo da memória para a compreensão de um texto Garcia Moreno (2008) afirma que dois aspectos são determinantes para a efetivação desta atividade, são eles: o conhecimento prévio e as estratégias de compreensão textual. O primeiro aspecto é o elemento base que se manifesta por meio de outros tipos de conhecimento e abrange todos os conhecimentos adquiridos pelo indivíduo ao longo da vida e que estão inseridos na memória.

Gonçalves (2010) defende que o estudo do conhecimento prévio torna-se imprescindível para o entendimento da atividade leitora. Para o autor o conhecimento é organizado em esquemas cognitivos que descrevem e explicam o mundo, nos permitem reconhecer estímulos e estabelecer conexão entre ler e tomar decisões.

A partir do pensamento de Gonçalves (2010) entendemos que quanto mais o ser humano adquire conhecimento, mais aprende e mais depressa realiza atividades de aprendizagem sobre uma determinada ação. É justamente este mecanismo que explica a assimilação de conhecimento efetivado na relação entre aprendizagem humana e memória.

Ancorados no pensamento de Gonçalves (2010) entendemos que a aprendizagem acontece quando a informação nova é assimilada para a já existente dentro de um domínio, do conhecimento. Um texto não possui significação interna, pelo contrário, é construído pelo leitor quando entende a mensagem contida no texto. Nesta relação, ao realizar a leitura o conhecimento prévio ajuda o leitor a produzir inferências e a identificar detalhes não explícitos no texto, viabilizando para o leitor a compreensão do que se encontra implícito no texto.

Koch (2004) se posiciona sobre o tema afirmando que ao primeiro contato do leitor com o texto o conhecimento prévio lhe solicita seu conhecimento linguístico para o início da compreensão leitora. O conhecimento prévio é responsável por permitir que o leitor a tenha a percepção dos sentidos do enunciado do texto.

Koch (2003) argumenta que o conhecimento prévio é imprescindível para a efetivação da atividade leitura, pois durante tal atividade sempre se faz necessário o uso deste conhecimento. Sem o conhecimento prévio o leitor não consegue atribuir sentido ao texto.

Conforme Koch (2002) este tipo de conhecimento não pode ser entendido apenas como sendo uma coleção estática de conteúdos ou experiências, mas habilidades para operar tais conteúdos e utilizá-los na interação social. Nesta relação, o processo cognitivo da

memória opera em três fases, são elas: 1. Estocagem, em que as informações perceptivas são transformadas em representações mentais, associadas a outras; 2. Retenção, em que se dá o armazenamento das representações e 3. Efetivação, em que se operam o reconhecimento, a reprodução e o processamento textual.

Boso et al. (2010), enfatizando também a importância da memória e do conhecimento prévio para a Compreensão Leitora, defendem que o conhecimento prévio está armazenado dentro da memória, este um arquivo de informações e o registro constante de nossas experiências acumuladas ao longo de nossa vida. Tais experiências se refletem no modo de interpretarmos os acontecimentos e fazem com que a todo o momento esquemas mentais organizem o conhecimento obtido. Este processo exige que o leitor relacione uma informação recebida entre seu conhecimento prévio e a própria informação.

Outros autores enfatizam a importância do processo cognitivo da memória para a compreensão textual, como por exemplo, Castro e Gabriel (2007) que afirmam ser a memória um processo cognitivo que necessita ser continuamente exercitado e que a leitura possui um papel importantíssimo neste processo. O entendimento dos autores é o de que quanto mais se exercita a memória mais ela se desenvolverá. Para a eficácia do desenvolvimento da memória a leitura é um exercício completo.

Na sequência deste capítulo descrevemos, de forma mais robusta, o processo cognitivo da memória e sua importância para o processo de Compreensão Leitora.

2.2 MEMÓRIA

A prática da leitura demanda diversos processos cognitivos, um deles a memória. Para Gonçalves (2010) a memória pode ser entendida como sendo a capacidade dos seres humanos de adquirir, conservar e evocar informações por meio de dispositivos neurobiológicos e da interação social.

De acordo com Mascarello (2013) a memória é um conjunto de procedimentos que permite ao homem entender e recriar o mundo através de ações pessoais, levando em conta o contexto atual e as experiências individuais.

Segundo Izquierdo (2018) este processo cognitivo é adquirido através dos sentidos da visão, olfato, tato, paladar e por intermédio da construção de representações mentais, adquiridas por meio de nossas experiências sensoriais. Tais experiências sofrem um processo de resignificação a partir da interação com as representações mentais já armazenadas, como se fosse um processo de tradução entre a realidade das experiências e a formação da memória

respectiva, entre esta e a correspondente a evocação.

Izquierdo (2018) classificada as memórias de acordo com os seguintes aspectos: sua função (a memória de trabalho); conteúdo (as memórias declarativas e procedurais). Por último existem as memórias relacionadas ao tempo em que duram (as memórias de curta duração, longa duração e remota).

Devido ao objeto de estudo desta pesquisa, o processo de resolução de ambiguidade anafórica pronominal, em que analisamos o desempenho em particular de um tipo de memória, a de trabalho, tornou-se necessário que descrevêssemos como funciona este tipo em especial de memória. É o que apresentaremos na sequência deste estudo.

2. 2.1 Memória de trabalho

A memória de trabalho pode ser entendida como sendo um tipo em especial de memória que exerce um papel decisivo para a compreensão textual e da linguagem. Izquierdo (2018) argumenta que de início o nome memória de trabalho foi traduzido para o português como “memória operacional”. Este tipo específico de memória é de fundamental importância para o processo de compreensão e para os processos cognitivos em geral, como por exemplo, para nos situarmos onde estamos, o que estamos fazendo ou o que estávamos fazendo.

Conforme Izquierdo (2018) a memória de trabalho é um tipo de memória que dá continuidade a nossas ações e que se diferencia das demais memórias pelo fato de não deixar traços e não ter uma base de sustentação bioquímica, além de não deixar arquivos. Seu tempo de duração é de cerca de três minutos e sua principal função é a de analisar as informações que chegam até o cérebro, comparando-as com as já existentes nas memórias declarativas e procedurais.

Podemos ilustrar o pensamento de Izquierdo (2018), descrito anteriormente, da seguinte forma: quando precisamos falar com alguma pessoa, e utilizamos o telefone celular para realizar uma chamada, discamos o número do telefone celular desta pessoa, para tanto retemos na memória de trabalho a sequência de números até realizarmos a chamada. Em seguida, após realizarmos a chamada e conversarmos com a pessoa, desligamos o celular, logo, esquecemos a sequência de números do telefone celular que discamos, pois a memória de trabalho não retém por muito tempo tal informação.

A associação que fazemos sobre o exemplo anteriormente descrito com o nosso estudo é a de que ao ler uma sentença presente no teste, ao qual está sendo submetido, o sujeito participante deste estudo registra na memória de trabalho a informação que está tendo acesso.

Tal informação precisa ser recuperada quando acionada para responder a tarefa do teste. Depois, ao ler outra sentença do teste, dificilmente o sujeito lembrará do conteúdo que leu na sentença anterior porque a informação já foi apagada da memória de trabalho.

Para Mascarello (2013) a memória de trabalho é um tipo de memória classificada como rápida e *online* por manter a informação que está sendo processada por alguns segundos, no máximo minutos, para depois serem trabalhadas e enviadas à memória de longa duração.

Mascarello (2013) defende que o desempenho da capacidade da memória de trabalho influencia diretamente o processo de Compreensão Leitora. Por isso, além de problemas como: distúrbios da linguagem, também *déficits* de memória são responsáveis por problemas de Compreensão Leitora. A partir do pensamento deste autor entendemos que deficiências na memória de trabalho podem ser a base para o surgimento de problemas de compreensão de textos por indivíduos, como por exemplo, problemas relativos a resolução de ambiguidade anafórica pronominal, o objeto de estudo desta pesquisa.

Ao analisarmos o processo de resolução de ambiguidade anafórica sendo realizado por grupos de faixas etárias diferentes, ou seja, estudando Compreensão Leitora e envelhecimento, torna-se importante observarmos como a literatura científica investiga a relação entre Compreensão Leitora e o *déficit* da memória de trabalho, para tanto utilizaremos o pensamento de Mascarello (2013) sobre o tema.

Segundo Mascarello (2013) especificamente a memória de trabalho é bastante atingida pelo processo de envelhecimento. Desta forma, falhas geradas pelo avanço da idade comprometem a retenção de informação por algum tempo na memória de trabalho. Em nossa pesquisa este foi um dos aspectos relacionados a capacidade de armazenamento da memória de trabalho observado por meio da aplicação dos testes com os grupos de leitores de faixas etárias diferentes.

Conforme Mascarello (2013) quanto maior a idade, melhor o desempenho de compreensão de um texto porque com avanço da idade este processo cognitivo acaba sofrendo um processo de expansão, motivada pela expansão das habilidades de memória ligadas ao acréscimo das habilidades de fala e linguagem. Já na velhice a memória apresenta declínio a partir de alterações biológicas, fisiológicas e psicológicas.

Mascarello (2013) defende que além do componente fonológico da memória de trabalho existe também o componente visuo-espacial. Tal componente é o principal responsável pela nossa capacidade de saber onde estamos e identificar o que vemos. Este componente da memória de trabalho tende a ter um menor desempenho entre os idosos,

quando comparado o desempenho de jovens e de adultos.

Tal realidade, descrita anteriormente, possui motivação na diminuição da velocidade de processamento das informações. Em decorrência a memória de trabalho acaba sofrendo prejuízo e declínio, o que segundo Mascarello (2013) caracteriza-se como um processo natural do envelhecimento que apresenta uma diminuição da função inibitória. Outros estudos também investigam processos de compreensão e significação da linguagem humana, como os produzidos pelo Laboratório de Compreensão Neurocognitiva da Linguagem - LACON³, mais recentemente o estudo de Leite et al. (2021).

De acordo com Mascarello (2013) o componente da função inibitória apresenta nos idosos uma maior dificuldade para inibir fatos corriqueiros na memória de trabalho. Esta realidade que ocasiona uma menor eficiência no processo de decodificar e maior dificuldade para recuperar uma informação. Tal aspecto, relacionado ao desempenho da memória de trabalho de idosos, foi observado na aplicação dos testes com os sujeitos submetidos aos testes deste estudo.

Após a apresentação da importância da memória para a Compreensão Leitora, na sequência apresentamos algumas abordagens teóricas voltadas para o tema da referenciação, mais um aspecto importante para o entendimento do processo de resolução de ambiguidade anafórica pronominal.

2.3 A REFERENCIAÇÃO

Ao nos propormos a realizar o estudo da referenciação, antes tornou-se necessário trilharmos um percurso teórico sobre o tema da referência, à luz da Linguística Textual e da Linguística Cognitiva.

Conforme Marcuschi (2008) existem, na tradição dos estudos semântico-discursivos, duas abordagens sobre referência. A primeira é voltada para uma visão objetiva e realista da linguagem como transparente e referencialista que tem como base uma visão instrumentalista de língua. A segunda noção propõe a linguagem como sendo uma atividade sociocognitiva em que a interação, a cultura, as experiências e também aspectos situacionais interferem na

³ O Laboratório de Compreensão Neurocognitiva da Linguagem – LACON reúne pesquisas de cunho teórico, experimental e aplicado que investigam os processos de compreensão e significação da linguagem humana à luz dos pressupostos teórico-metodológicos das Ciências Cognitivas, das Neurociências e da Linguística e que procuram explicar o funcionamento linguístico-cognitivo do processamento semântico por falantes com ou sem patologias de linguagem e memória. O LACON funciona nas dependências do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes – CCHLA, na Universidade Federal da Paraíba – UFPB, em João Pessoa – PB.

determinação referencial. Para esta abordagem a língua é tomada como atividade, percebendo o texto como um evento e os sentidos são construídos a partir da interação.

Em nosso estudo nos baseamos na segunda abordagem defendida por Marcuschi (2008) sobre a referência, desta forma, a resolução de ambiguidade anafórica pronominal foi investigada como sendo um processo de referenciação. Acreditamos que o que está escrito estabelece relações de sentido e de significado, tanto com os elementos que antecedem uma referência quanto com os que a sucedem, constituindo uma cadeia textual significativa, ou seja, uma referenciação.

Marcuschi (2008) defende que para a Linguística Textual a referenciação é estudada levando-se em consideração o papel da manutenção da coesão textual. Já para a Linguística Cognitiva a importância do estudo a referenciação é pelo fato deste fenômeno linguístico envolver processos cognitivos que, analisados com mais atenção, contribuem de forma mais efetiva para compreensão dos mecanismos de significação dos textos. Entre estes processos cognitivos podemos o de resolução anafórica pronominal.

Para Marcuschi (2008) um texto se constrói e progride com base em dois processos que correspondem à análise entre referenciação e coerência, são eles: o progresso referencial e a progressão tópica. O primeiro processo diz respeito às estratégias de designação de referentes formando a cadeia referencial. Já a progressão tópica abrange vários tópicos discursivos tratados no decorrer do texto. Ambos processos não são relacionados, mas sim co-determinados pelo fato do referencial ser a base para o desenvolvimento de um tópico, o que oferece condições que possibilitam e preservam a continuidade referencial.

Koch (2015) se posiciona sobre o tema argumentando que a referência é uma atividade discursiva em que os processos de referenciação são escolhas do sujeito em função do que dizer. Nesta relação, os objetos de discurso não se confundem com a realidade extralinguística, todavia lhe reconstroem dentro do processo de interação. A partir deste viés de estudo sobre a referenciação, entendemos que uma expressão referencial só chega a sua referência quando empregada em um discurso, ou seja, na interação entre interlocutores.

Leitão e Simões (2011) entendem que um processo comunicativo pode requerer a utilização repetida de uma mesma entidade, sendo as expressões anafóricas elementos linguísticos importantíssimos para estabelecer essa referência.

Para Lima (2017) não entender a referenciação dificulta a compreensão do texto, pois retomar o que foi dito anteriormente é um fator de coesão textual e de coesão.

Fazendo uma correlação entre o pensamento de Lima (2017) e o nosso estudo acreditamos que devido ao envelhecimento do processo cognitivo da memória a capacidade

de armazenamento da informação na memória de trabalho torna-se comprometida e recuperar uma informação retida neste tipo em específico de memória para responder a testes de compreensão leitora exige mais custos. Desta forma, o tempo para processar a linguagem torna-se mais longo. Tal hipótese foi testada por meio dos testes aplicados com os sujeitos que participaram deste estudo sobre a resolução da ambiguidade anafórica pronominal.

Após este breve estudo sobre o tema da referenciação entendemos que este processo mental deve ser compreendido do ponto de vista discursivo, sendo resultado da construção de referentes, entendidos como objetos do discurso, como por exemplo, os candidatos a antecedente anafórico pronominal em uma sentença, pois segundo Fontana (2001) estes objetos também são encontrados na referenciação.

Na sequência deste trabalho apresentamos um estudo sobre a anáfora com o foco voltado para observações sobre sua descrição enquanto um fenômeno linguístico.

2.4 A ANÁFORA

A anáfora é um fenômeno linguístico muito comum. Conforme Marcuschi (2001) seria um mecanismo utilizado para se referir a conceitos previamente mencionados, existentes em discursos orais e escritos. Desta forma, estudar o processamento e a resolução anafórica é estudar o entendimento de termos bastante frequentes no uso da língua, pois as anáforas remetem a outros elementos do texto que devem ser identificados para se chegar a uma interpretação coerente dele.

A origem do termo anáfora vem do grego e seria uma evolução da palavra *anaphóra*, que na língua portuguesa significa “para trás”. Para Bechara (2001) o termo anáfora indica processos de retomada e antecipação textual. Os pronomes são um grande exemplo do que seja este fenômeno linguístico devido ao caráter de substituição.

Na literatura científica sobre o tema diversos autores descrevem e caracterizam a anáfora. Para Leffa (2001) anáfora é um processo que origina uma volta ao texto. O processo se inicia quando o anaforizante é conhecido e posteriormente concluído quando o anaforizado é encontrado.

Marcuschi (2001) defende que a anáfora designa expressões textuais que dizem respeito a outras expressões de enunciados, conteúdos ou contextos textuais (retomando-os ou não) contribuindo para a continuidade tópica e referência.

Conforme Fontana (2014) a anáfora é um elemento de coesão textual responsável pelas retomadas e que contribui para a progressão textual. Esta progressão, que se refere à

relação entre os elementos no texto, pode ser explicitada tanto por nomes quanto por pronomes que funcionam como referentes textuais, formas gramaticais pronominais e nominais. Em termos de função comunicativa, a anáfora mantém a coerência e coesão discursiva por meio da eliminação e substituição de nomes, em função da economia linguística e da clareza, evitando assim repetições desnecessárias.

Koch e Elias (2013) argumentam que por meio da anáfora pode-se apontar ou remeter para elementos existentes no texto que também são inferíveis a partir deste. Este fenômeno linguístico pode ser entendido como sendo estratégias de referenciação utilizadas no discurso que possuem a função de estabelecer relações coesivas entre objetos de discursos e os enunciados linguísticos. É essa referenciação que faz com que se construa um texto coeso com todas as suas partes “amarradas” numa grande e vasta cadeia referencial.

No Brasil a investigação do processo de resolução da anáfora começou a ser realizada há cerca de 15 anos, tendo em Leitão (2005) a primeira pesquisa produzida sobre o tema. Na atualidade observamos que a produção de estudo tendo como foco de pesquisa a resolução anafórica corrobora para o entendimento de que vários fatores influenciam a resolução de tal processo, como por exemplo, de ordens: sintáticas, pragmáticas, semânticas e estratégias de representação mental do mundo do discurso.

Em nosso estudo demos ênfase às análises sobre fatores semântico-cognitivos que afetam a resolução da ambiguidade anafórica pronominal. Na investigação deste processo fomos guiados por algumas teorias de processamento linguístico que apresentam modelos de resolução da anáfora pronominal, baseadas em expectativas sobre como se realiza a retomada anafórica. Nos pautamos, por exemplo, conforme o que rege a teoria da Hipótese do Antecedente. Conforme Carminati (2002 *apud* MORGADO 2013) tal teoria baseia-se no pressuposto da Gramática Gerativa, segundo a qual a posição canônica do sujeito se situa em Spec de IP⁴, o sintagma que contém a informação sobre flexão verbal. Para esta teoria, na resolução da anáfora, tanto o pronome nulo quanto o lexical ocupam a posição de Spec IP, ou seja, de sujeito. Este antecedente na posição de sujeito tem mais chances de ser escolhido para resolver a anáfora.

Fomos guiados também conforme o que postula a Teoria da Acessibilidade Canônica que de acordo Schwenter (2003) diz respeito à distribuição das formas anafóricas sem levar em conta as funções gramaticais que ocupam. Por outro lado, há uma generalização importante relacionando estas funções e topicalidade: sujeitos são canonicamente tópicos,

⁴ Ver o quadro o gráfico que descreve a posição canônica em Spec de Ip em Morgado (2013,p . 496).

objetos diretos (neste estudo o complemento do verbo) são canonicamente não tópicos. Para esta teoria o antecedente sendo tópico possui mais chances de ser escolhido para realizar a retomada anafórica.

Partimos também do que defende a Hipótese Multifatorial, que de acordo com Kaiser & Trueswell (2008) considera que não só diferentes aspectos linguísticos discursivos são considerados na resolução de expressões referenciais como também que as diferentes formas anafóricas são sensíveis e diferentes fatores, os quais são ponderados de forma diferente durante o processamento referencial.

O Efeito de Distância do antecedente também teve importância na investigação realizada por nós sobre o processo de resolução de ambiguidade anafórica. Segundo Leitão e Simões (2011) estudos têm demonstrado que pronomes são menos custosos do que nomes repetidos e que a distância influencia a resolução anafórica. Além destes aspectos, o processamento de retomadas é facilitado quando a distância é curta do antecedente para a anáfora.

A escolha dos aportes teóricos das teorias de processamento linguísticos anteriormente mencionados se sustentou no fato de acreditarmos na relação direta entre o que tais teorias postulam e as pistas linguísticas que acreditamos serem utilizadas pelo leitor para resolver a ambiguidade anafórica pronominal.

Investigamos o processamento anafórico por meio de um tipo em específico de anáforas, as anáforas pronominais. Para tanto, tonou-se necessário analisarmos algumas pesquisas realizadas sobre este grupo de anáforas. Em uma delas, Coulson (1996 *apud* Haag e Othero 2003) defende que a resolução da ambiguidade anafórica pode ser realizada através de dois métodos, são eles: o *immediate on-line process*, em que o leitor opta pelo candidato que considera ser o melhor antecedente por meio da resolução anafórica imediata; a *posteriori*, nesta forma de resolução o leitor espera que mais informações tornem-se acessíveis antes de tomar uma decisão na identificação do antecedente de um processo anafórico. No mesmo estudo Haag e Othero (2003) comprovaram a existência de duas perspectivas de análise da compreensão leitora de anáforas, uma sintática e outra semântica.

Por meio dos resultados obtidos no estudo de Haag e Othero (2003) ficou comprovado que não só a posição do antecedente na sentença, mas também o Traço Semântico possui um peso importante na decisão do leitor pela escolha do antecedente anafórico. Este resultado reforça a ideia de que ao realizar o processamento anafórico o leitor aciona conhecimentos linguístico, extralinguístico e contextual para decidir pelo candidato mais adequado a ser escolhido como antecedente pronominal, resolvendo assim a ambiguidade anafórica

pronominal. Além deste aspecto, no estudo a classificação dos candidatos a antecedentes através de Traços Semânticos como + Humano, + Animado, - Animado e + Coletivo, trazida por Haag e Othero (2003), reforça a ideia de que não só questões sintáticas são determinantes para escolhas de um candidato a possível antecedente, mas também questões semânticas influenciam a decisão do leitor para tal escolha.

Em nosso estudo a perspectiva de análise da Compreensão Leitora de anáforas é justamente a semântica. Por meio da manipulação dos Traços Semânticos dos candidatos a antecedente anafórico nas sentenças dos testes observamos a influência desta variável na escolha da resposta do teste por parte dos leitores.

As anáforas pronominais, como característica, apresentam como referente um pronome. Conforme Leffa (2001) o grupo das anáforas pronominais é o mais encontrado na produção discursiva, sendo evidenciada justamente quando uma anáfora pronominal (um pronome pessoal ou demonstrativo) retoma um sintagma nominal na sentença. Para um melhor entendimento sobre o tema, na sequência deste trabalho apresentamos um exemplo da ocorrência da anáfora pronominal em uma sentença.

2. O livro está em cima da mesa. Ele vai ser usado pelo professor.

Segundo Leffa (2001) o processo de referenciação anafórica pronominal começa quando a anáfora (no caso da anáfora pronominal, o pronome) é encontrada pelo leitor e termina quando o antecedente (a palavra a qual o pronome se refere) é encontrado.

Na sentença contida no enunciado 2 encontramos uma retomada anafórica pronominal, pois o pronome Ele retoma o sintagma nominal livro, estabelecendo assim uma ligação com o termo antecedente, retomando-o e dando coesão e progressão ao texto. O exemplo contido no enunciado 2 também pode ser chamado de retomada anafórica pronominal direta.

Segundo Teixeira (2017) pronomes pessoais e demonstrativos podem ser itens anafóricos quando se relacionam a outro termo dentro de um texto. Quando os são, exigem a presença de um elemento com o qual se identificam referencialmente. Quando pronomes, sejam eles pessoais ou demonstrativos, comportam-se como itens anafóricos temos então o processo de anáfora pronominal. É o que foi representado na quarta linha deste parágrafo, em que o sintagma eles, um pronome, retoma o sintagma nominal pronomes, o referente da sentença. Este exemplo serve para demonstrarmos como a anáfora pronominal é utilizada em um contexto comunicativo para continuar o tópico textual, sem que fosse necessário repetir o referente em um curto espaço de tempo, sendo desta forma um processo de referenciação anafórica.

Malheiros Filho (2010) se posiciona sobre o tema afirmando que no fenômeno

linguístico da anáfora a função básica de um pronome é a de identificar seu referente no discurso, remetendo a uma fonte que lhe preenche um significado. Esta fonte pode ser a situação em que o enunciado é proferido ou o próprio enunciado. Se a fonte for o próprio enunciado então temos o fenômeno linguístico denominado de anáfora. Em uma sentença o mecanismo da anáfora envolve a transferência de noções puramente dêiticas de espaço e localização, relativas à existência textual e não a existência real. O referente pode não estar presente no texto, porém deve ser inferido por meio de um termo antecedente responsável por introduzi-lo ou identificá-lo. Desta forma, uma anáfora pode ser definida como um dêitico textual.

De acordo com Malheiros Filho (2010, p. 46):

A anáfora pronominal direta possui sua fonte de informação no interior do discurso, estando ligada ao referente por um processo de substituição do termo anafórico por um sintagma nominal já existente, restrito a informações textuais. Um substantivo é denominado um sintagma nominal. Os pronomes, em geral, são utilizados para substituírem os sintagmas nominais.

Fontana (2014) argumenta que para resolver uma anáfora pronominal se faz necessário que o leitor faça inferências para identificar o antecedente do elemento anafórico, isto porque o referente se encontra explícito na própria superfície textual linguística. Este grupo específico de anáforas atua como um substituto do elemento por ele retomado, mas deve-se ter cautela em casos em que existe mais de uma possibilidade de um termo ou expressão ser retomada, como nos casos de ambiguidade anafórica pronominal. Na ocorrência desta possibilidade se faz necessário observar os aspectos gramaticais, como por exemplo, a concordância de gênero e número pessoa, as pistas linguísticas, para assim ter com clareza quem é o antecedente referencial mais indicado para ser escolhido pelo leitor.

Apesar da necessidade da utilização dos aspectos gramaticais, como os apresentados por Fontana (2014), para a efetivação do processo de resolução da anáfora pronominal existem casos em que as pistas linguísticas não são suficientes para guiar o leitor para a escolha do candidato mais adequado para se resolver tal processo, são exatamente os casos de resolução de ambiguidade anafórica pronominal, este o objeto de estudo desta pesquisa.

Nas línguas naturais, como característica, existem casos em que mais de um termo precedente partilha das características morfológicas de pessoa, número e gênero do pronome anafórico pessoal, são os casos de ambiguidade anafórica pronominal. Antes de nos debruçarmos sobre o estudo deste fenômeno linguístico em particular, torna-se necessário que entendamos em primeiro lugar o que é uma ambiguidade.

Na literatura sobre o tema há várias definições sobre o que seria o fenômeno linguístico da ambiguidade. Para Câmara Júnior (1968) a ambiguidade seria a circunstância de uma comunicação linguística se prestar a mais de uma interpretação.

Fiorin (2009) defende que a ambiguidade aparece quando uma palavra simples é associada a mais de um significado e se manifesta pelo fato de uma frase possuir estrutura sintática suscetível de diversas interpretações, isto é o que gera a ambiguidade, ou seja, as diferentes possibilidades de se reorganizar as sentenças, possibilitando a ocorrência de diferentes estruturas sintáticas na mesma sentença.

Neste estudo entendemos o fenômeno linguístico da resolução da ambiguidade anafórica pronominal através de um tipo em específico, a ambiguidade a semântica, que de acordo com Chierchia (2003) é gerada pelo fato de em uma sentença o pronome existente poder ter diversos antecedentes, por isso é chamada de ambiguidade semântica, pois é uma questão relacionada à correferencialidade, como acontece com as anáforas pronominais.

Observemos na sequência um exemplo da ocorrência de ambiguidade semântica.

3. João não falou com Pedro. Ele está chateado.

O enunciado 3 é um período simples com duas orações, sendo que a segunda apresenta um pronome anafórico, Ele. Tal pronome que pode ter dois possíveis antecedentes, são eles: João ou Pedro. A ambiguidade semântica decorre justamente por este fato. A este fenômeno linguístico dá-se o nome de ambiguidade pronominal anafórica, um processo de resolução pouco claro em que mais de um antecedente partilha das mesmas características de pessoa, número e gênero com o pronome.

Na sequência deste trabalho apresentamos uma abordagem teórica sobre a área de estudos linguísticos que investiga o significado das palavras, a Semântica, um tema central para o entendimento da resolução de ambiguidade anafórica pronominal.

2.5 A SEMÂNTICA E O ESTUDO DOS SIGNIFICADOS

Para a realização de um estudo que envolva a Semântica, como o nosso, torna-se necessário que entendamos o que seria o significado. Entender a linguagem por meio do significado das palavras sempre foi uma preocupação do homem. Para Leite (2014) o significado possui as características de ser natural e experiencial, construindo-se a partir de nossas interações físicas com o ambiente, não sendo nem exclusivo nem prioritariamente linguístico.

Conforme Leite (2014):

O significado não é, portanto, arbitrário, já que deriva dos esquemas sensório-motores. São nossas ações no mundo que permitem apreender esquemas imagéticos de base, os quais configuram o significado de nossas expressões linguísticas. Os esquemas e as organizações sinestésicas carregam os dados da experiência que dão estrutura ao nosso falar e pensar.

Significar é uma questão de cognição geral e não um fenômeno linguístico de base, como defende Leite (2014). A finalidade de significar é fortemente voltada para o processamento do conhecimento.

De acordo com Ribeiro (2016) o estudo das palavras foi motivado por perguntas como: As palavras espelham a realidade? Existe uma relação natural entre palavras e os seres humanos?

Tais questionamentos atravessaram os tempos e chegaram até o século XX, período histórico em que a Linguística se firmou enquanto ciência graças a Ferdinand Saussure que propôs a língua como objeto de estudo da Linguística. Saussure conceituou a língua como um sistema de signos, com um objeto de estudo, um objetivo e um método de investigação, tornando a Linguística uma ciência, a das línguas naturais.

Conforme Cagliari (1993) ao longo do tempo a linguística caminhou na investigação do seu método de estudo e dividiu-se em áreas específicas como : Fonética, Fonologia, Morfologia, Sintaxe, Semântica, Análise do Discurso e outros ramos de estudo.

Sobre a Semântica, conforme Cançado (2008) esta área de estudos linguísticos se ocupa dos processos lógicos, cognitivos e discursivos responsáveis pela produção e compreensão dos significados das palavras, frases e enunciados, manifestados nas situações de uso da língua. O autor defende que a Semântica tem como objetivo entender de que forma se estabelecem os significados de palavras e frases.

Cançado (2018) argumenta que como as demais disciplinas linguísticas a Semântica dividiu-se em outros ramos ou tipologias a partir de abordagens que cada uma realiza de forma particular para estudar o significado. Desta forma, por exemplo, uma abordagem referencial lida com a relação da referência no mundo e as palavras. Já a abordagem mentalista propõe que o sentido também acontece em um nível intermediário entre o mundo e as palavras, o nível da representação mental. Por fim, a abordagem pragmática estuda os usos situados da língua.

Cançado (2008) defende que pode-se afirmar que existem vários tipos de Semântica, como por exemplo: argumentativa, representacional, lexical, formal, cognitiva e outros ramos,

sendo que cada uma delas se ocupa do estudo do significado de forma particular.

Segundo Cançado (2008) a semântica argumentativa é um dos modelos que surgem como alternativos à semântica formal. Para a semântica argumentativa as sentenças são pronunciadas como sendo parte de um discurso em que o falante tenta convencer seu interlocutor de uma hipótese qualquer. A ideia é a de que não usamos a linguagem para falar sobre o mundo, mas para convencer o outro em um jogo argumentativo.

Segundo Cançado (2018) a semântica representacional é um tipo de semântica mentalista, por perceber a mente como uma representação da realidade. O compromisso desta semântica é com a forma das representações mentais internas que constitui a estrutura conceitual com as relações formais entre esse nível e os níveis de representação sintático, fonológico, visual e outros.

Já a semântica lexical é voltada para estudos relacionados aos significados das palavras em suas unidades lexicais. Conforme Lewis (1993) o entendimento é o de que uma unidade lexical diz respeito a qualquer palavra ou combinação de palavras que constitua uma unidade de significação dotada de um significado próprio, como por exemplo, as palavras: casa, lápis, terreno.

Fiorin (2009) defende que a semântica formal estabelece as línguas humanas como a propriedade central para referenciar algo. Por essa razão, a semântica formal baseia-se no estudo da relação que existe entre as expressões linguísticas e o mundo.

Por utilizarmos como base teórica para a produção deste estudo a Linguística Cognitiva iremos analisar uma ramificação em particular da Semântica, a cognitiva, um tipo em especial de semântica que surgiu como uma espécie de oposição às ideias trazidas pelo Estruturalismo e Gerativismo.

Conforme Cançado (2008) a semântica cognitiva é uma ramificação da Semântica que busca descrever a funcionalidade da língua no processo comunicativo em paralelo a uma representação de mundo em movimento. Tal semântica é voltada para o dinamismo mental no processo de construção do pensamento e entende ser primordial levar em conta os fatores extralinguísticos na construção dos sentidos. Nesta relação, a língua está relacionada ao processo perceptivo do indivíduo e a linguagem contribui para nossa percepção e conhecimento do mundo.

Segundo Ribeiro (2016) surgida em meados dos anos oitenta por meio da motivação pelo interesse no fenômeno da significação, a semântica cognitiva trata a comunicação como elemento resultante da interação do sujeito e o seu contexto e conhecimento de mundo.

Por termos neste estudo como foco de análise a importância da informação semântica

carregada pelo candidato a antecedente anafórico para a resolução da ambiguidade anafórica pronominal, consideramos de fundamental importância analisarmos como é tratada a questão dos Traços Semânticos pela literatura científica. Na sequência deste estudo apresentamos algumas considerações teóricas acerca de tal assunto.

2.5.1 Traços Semânticos

O estudo dos traços é muito tratado em estudos linguísticos, sendo possível indispensável para pesquisas sobre Morfologia, Sintaxe e Semântica. Os traços são definidos por Lopes e Quadros (2005) como sendo de duas naturezas: não interpretáveis (formais) e interpretáveis (semânticos). Iremos nos ater neste estudo sobre os traços interpretáveis, uma tipologia de traços que faz parte do léxico universal e objeto do componente semântico.

Conforme Santos (2013) os estudos sobre Traços Semânticos partem de análises sobre os sintagmas de uma sentença. A noção de traço como unidades mínimas dos constituintes nasceu em estudos fonológicos com o foco em análises sobre as segmentações sonoras da linguagem. A explicação seria a de que os itens lexicais são concebidos como conjunto de traços que alimentam o sistema computacional para que gere derivações que serão interpretadas semanticamente. Desta forma, entende-se a interpretação semântica de uma dada derivação como derivada composicionalmente da Sintaxe.

Santos (2013) argumenta que a noção de traço tem sua origem no século XX em teorias que nasceram a partir de ideias formuladas por estudiosos pertencentes a Escola de Praga. O estudo desta escola foi a fonte para que cientistas da linguagem passassem a pensar em um conjunto de características fonológicas distintivas como a base da constituição dos próprios fonemas e segmentos. Em Semântica, os Traços Semânticos foram utilizados como sendo componentes do significado. Observemos o esquema abaixo:

- (1)
- a. menina mulher irmã esposa rainha [FEMININO]
 - b. menino homem irmão marido rei [MASCULINO]
 - c. criança pessoa cônjuge monarca [sexo não especificado]

No esquema acima os traços à direita compõem a matriz de traços e são potenciais indicadores de cada elemento. Segundo Santos (2013) os traços [FEMININO] e [MASCULINO] não são diferentes, mas sim complementares. Assim [FEMININO] pode ser escolhido tendo o traço representado por [+FEMININO] e [MASCULINO] pode ser representado pelo traço [- FEMININO].

Por meio da análise do esquema apresentado entendemos que as palavras do grupo

“a” possuem todas as características que lhe inserem no traço FEMININO. Do mesmo modo, as palavras do grupo “b” carregam os traços característicos do traço MASCULINO. Já as palavras do grupo “c” concordam em todos os aspectos com o traço semântico de não específico.

Todas as palavras obedecem a uma categoria classificada a partir do Modelo de Condições Necessárias e Suficientes (NSC model). Uma categoria é definida por um conjunto de condições necessárias que juntas são suficientes para defini-la. De acordo com Santos (2018, p.10):

Por exemplo, se assumirmos que a categoria MULHER é definida pelas três condições de ser humano, feminino e adulto, cada uma é necessária. Se alguém não é humano ou não é mulher ou não é adulto, ele não é uma MULHER. Por outro lado, a condição de ser humano e feminino e adulto, é suficiente para ser membro da categoria MULHER. Não importa quais outras condições alguém ou alguma coisa possa cumprir. Ser mulher ou não depende dessas três condições.

Segundo Santos (2018) o (NSC Model) apresenta as seguintes condições: a categorização depende de um conjunto fixo de condições ou recursos; cada condição é absolutamente necessária; as condições são binárias (sim ou não); a associação à categoria é um problema binário (sim ou não); as categorias têm limites claros e todos os membros de uma categoria possuem igual *status*. Mais tarde por meio de outros estudos linguísticos este paradigma de condições para a categorização de um traço foi desafiado através da Teoria dos Protótipos.

Conforme Duque (2011) para a Teoria dos Protótipos as categorias não são estruturas homogêneas. De acordo com evidências experimentais as categorias exibem melhor uma estrutura protótipo, existindo bons e maus exemplos. Os membros protótipos, também chamados de centrais, são àqueles que os falantes primeiro evocam ao escutar ou ver o nome de uma categoria, os quais se organizam. Para tornar mais nítido o pensamento de Duque (2011), acerca da Teoria dos Protótipos, utilizaremos o seguinte exemplo: caderno é um protótipo da categoria MATERIAL ESCOLAR.

Duque (2011) defende que a compreensão e aprendizagem das categorias sobre a base dos protótipos (membros mais centrais das categorias de nível mais básico) tem utilidade prática por permitir aos falantes manter suas categorias as mais distintas possíveis, fazendo-as assim mais informativas.

Em uma abordagem teórica de cunho cognitivo, e menos formalista, de acordo com Duque (2011) , podemos entender que a diferença de categorização entre (NSC Model) e a

Teoria dos Protótipos reside no fato de a segunda reempregou a noção de traço utilizada pela (NSC Model) pela de atributo, enquanto os traços se caracterizam por serem binários.

Conforme Duque (2011) enquanto os traços se caracterizam por ser binários e por terem o mesmo *status* analítico, os atributos possuem efeito. A existência de membros mais representativos implica que existem atributos mais centrais (protótipos) que outros. Além deste aspecto, a ideia dos protótipos ou da Teoria dos Protótipos, se apoia também em evidência experimental através do estudo das cores⁵, uma investigação pioneira que serviu de argumento não só para a noção do protótipo, mas também para a Linguística Cognitiva em geral.

Ao retomarmos a questão dos Traços Semânticos nos valem do pensamento de Mollica (1997) que postula existirem várias são as classificações de Traços Semânticos encontradas na literatura sobre o tema. Segundo o autor os Traços Semânticos podem ser classificados como: + Humano; +Animado; + Especificado; - Especificado; + Coletivo ou somente Coletivo; + Referência e etc. Em nossa pesquisa daremos ênfase às considerações sobre quatro tipos de Traços Semânticos, são eles: +Humano; +Animado; -Animado e Coletivo, estes utilizados nas condições experimentais dos testes aplicados com os sujeitos participantes deste estudo.

Conforme Mollica (1997) cada Traço Semântico possui um grau de animacidade e a especificação de cada traço obedece a uma codificação. Em nosso estudo as codificações dos Traços Semânticos utilizados nas condições experimentais dos dois testes são: o Traço Semântico +Humano é relativo a seres que possuem características como sendo da espécie humana, além de considerar a presença de artigos defendidos, de pronomes possessivos e de pronomes demonstrativos no singular ou plural. Já o Traço Semântico + Animado diz

⁵ Os resultados deste estudo contradizem a hipótese estruturalista da arbitrariedade das categorias linguísticas, assim como a concepção de sua organização em traços essenciais. Segundo o estruturalismo e o enfoque de componentes de significado, a realidade é um continuum indiferenciado que a linguagem divide arbitrariamente em unidades discretas. As categorias não têm, então, um fundamento objetivo, com uma base na realidade. A terminologia da cor deveria ser idealmente apta para demonstrar esta ideia, já que cada linguagem divide o contínuo da cor de maneira diversa. O estudo de Berlin e Kay, em 1969, revela, contudo, algo diferente. Embora seja certo que as línguas apresentem uma grande variedade de termos de cor, a evidência experimental assinala que existe um inventário universal de onze cores focais (termos de nível básico), de base cognitivo- perceptual. Assim, contrariamente à visão estruturalista, a divisão e organização do continuum da cor em categorias não se constitui em termos de unidades discretas, mas sim, em torno de entidades focais (mais centrais, mais estáveis). Cada categoria de cor tem uma cor focal, um exemplar central primário, de cuja generalização depende a classe de denotação completa da categoria e cuja existência está determinada por fatores biológicos (o olho humano), cognitivos e, inclusive, ambientais. Assim, as categorias de cor têm centro e periferia e seus membros, em consequência, não têm todos o mesmo status (existem roxos melhores, verdes melhores, amarelos melhores etc.), além disso, os exemplares focais permanecem constantes dentro da categoria, independente da quantidade de termos de cor, ou seja, independentemente do fato de estarem ou não lexicalizadas, na língua, outras cores. As categorias de cor não formam, portanto, um sistema, no sentido saussuriano. Taylor(1989 *apud* DUQUE, 2011).

respeito aos animais em geral. O Traço Semântico - Animado é correlacionado a objetos ou elementos estáticos. Por último o Traço Semântico Coletivo relaciona-se a nomes por meio da marca morfêmica de plural.

Ao investigarmos a influência do Traço Semântico carregado pelo candidato a antecedente anafórico para a resolução da ambiguidade anafórica pronominal nos pautamos teoricamente por meio do que rege a Escala de Animacidade⁶, uma teoria de processamento linguístico que informa e descreve a hierarquia dos elementos por meio do grau de animacidade dos Traços Semânticos.

Comrie (1981) argumenta que a animacidade é uma propriedade extralinguística, mas que exerce um papel importante nas línguas naturais. Esta propriedade pode ser definida como sendo uma hierarquia entre elementos, que vai do mais alto ao mais baixo grau de animacidade, ou seja, entre os elementos humano>animal>inanimado.

A investigação da natureza morfo-semântica de um sintagma nominal que antecede a anáfora é uma das pistas utilizadas pelo leitor para a descoberta de variáveis que permitem o emprego da anáfora. As características semânticas ou de Traços Semânticos do sintagma nominal antecedente apontam diretamente para a direção das motivações de uso das anáforas, além de sua posição em relação à fronteira inter-sintagmática, ou seja, a posição que ocupa na sentença em relação à anáfora.

Após a apresentação deste segundo capítulo de nossa pesquisa, em que demos ênfase a uma abordagem cognitiva sobre o processo de resolução de ambiguidade anafórica pronominal, apresentamos na sequência um capítulo voltado para a metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa.

⁶ Comrie (1981).

Capítulo 3 - METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A proposta deste estudo foi a de realizar uma investigação sobre a Compreensão Leitora de grupos de leitores de faixas etárias diferentes, mas do mesmo nível de escolaridade, tendo como objeto de estudo o processo de resolução de ambiguidade anafórica pronominal em sentenças durante tarefas de Compreensão Leitora.

A partir do entendimento de que a ambiguidade é na verdade uma dupla interpretação discursiva produzida pelo cenário e pelo contexto enunciativo, resolvemos analisar este fenômeno linguístico com a ocorrência de anáforas pronominais em sentenças.

O fenômeno linguístico da ambiguidade anafórica pronominal acontece quando dois termos precedentes partilham características morfológicas de pessoa, número e gênero do pronome anafórico pessoal, resultando em um processo pouco claro, em que mais de um antecedente possui tais características.

Para a investigação do objeto de estudo utilizamos como metodologia a pesquisa experimental. Foram elaborados dois experimentos, cada um trazendo um teste sobre compreensão leitora de anáforas pronominais. O primeiro experimento é um teste de *cloze online*⁷ sobre complementação de sentenças de períodos compostos incompletos na voz ativa e o segundo experimento apresenta um teste *online* de resolução de ambiguidade anafórica pronominal em períodos simples com duas orações também na voz ativa.

Neste estudo a aplicação da pesquisa experimental nos forneceu a orientação necessária para a obtenção, processamento e validação dos dados colhidos nos dois testes com os sujeitos referentes ao problema que foi investigado, ou seja, a resolução de ambiguidade anafórica pronominal.

A metodologia experimental deste estudo consistiu na produção de sentenças ambíguas, em que os Traços Semânticos carregados pelos candidatos a antecedente anafórico foram controlados, como também suas posições distal e proximal em relação ao pronome anafórico. O intuito foi o de observar os efeitos de tais alterações nas respostas das tarefas dos

⁷ Uma técnica que se compõe por um texto em que se omitem todas as quintas palavras que são substituídas por um traço de tamanho similar ao da palavra omitida. Essa técnica vem sendo utilizada ao longo dos últimos quarenta anos no Brasil como um instrumento de diagnóstico da compreensão em leitura – em que avalia a compreensão em leitura, interpreta os resultados e classifica os participantes em níveis de desempenho – e como um instrumento de intervenção – em que desenvolve a habilidade da compreensão em leitura ao conceder ao participante a possibilidade de prever as palavras omitidas pelo uso de seu conhecimento prévio e pelo domínio das estruturas linguísticas. Abreu et al. (2017).

testes que tinham como objetivo resolver a ambiguidade anafórica pronominal.

Neste estudo a preferência pelo paradigma experimental *online* foi motivada pela necessidade de mensurar os tempos de cada ação realizada pelos sujeitos submetidos aos testes quando o estímulo fosse aplicado, como também a coleta, em tempo real, das respostas dos testes. Por meio deste paradigma experimental conseguimos investigar a Compreensão Leitora dos grupos nas tarefas de resolução de ambiguidade anafórica pronominal. As escolhas pelo candidato a antecedente anafórico foram consideradas na forma de números brutos e os dados relativos aos tempos de respostas às tarefas dos testes foram considerados em milissegundos.

Tendo a nosso dispor os dados relativos aos grupos de leitores submetidos aos dois testes, o próximo passo foi o de analisarmos os resultados, com o intuito de encontrarmos respostas para alguns questionamentos surgidos. Considerávamos que as respostas procuradas eram importantes para o entendimento do processo de resolução de ambiguidade anafórica pronominal. Os questionamentos surgidos eram:

- a) Qual a tendência de leitores de grupos diferentes na associação do termo anafórico em um processo de resolução anafórica pronominal quando há dois possíveis antecedentes?
- b) A informação semântica do candidato a antecedente anafórico é um fator decisivo para sua escolha?
- c) A posição do candidato a antecedente anafórico na sentença, se próximo ou distante da anáfora pronominal define sua escolha?
- d) Na comparação entre os grupos o aumento da faixa etária é um fator que gera mais tempo para que o leitor processe e resolva a ambiguidade anafórica pronominal?

Como respostas para tais questões de pesquisa levantamos as seguintes hipóteses:

- a) A tendência de leitores de grupos diferentes na associação do termo anafórico em um processo de resolução anafórica pronominal é motivada pela informação semântica carregada pelo candidato a antecedente anafórico;
- b) A informação semântica carregada pelo antecedente anafórico é um fator decisivo para sua escolha no processo de resolução de ambiguidade anafórica pronominal, quando existem dois possíveis candidatos;
- c) Independente da distância que o antecedente tiver para anáfora é a informação semântica que carrega que será decisiva para sua escolha como antecedente anafórico;
- d) Quanto maior a faixa etária do grupo mais tempo os leitores levarão para ler a

sentença, como também para responder a tarefa do teste.

O objetivo geral da produção deste estudo foi entender o processo de resolução de ambiguidade anafórica pronominal realizado por grupos de faixas etárias diferentes.

Os objetivos específicos deste estudo foram: Analisar a importância da informação semântica carregada pelo candidato a antecedente anafórico para o estabelecimento de cadeias referenciais em períodos compostos incompletos na voz ativa e em períodos simples com duas orações também na voz ativa; Informar se a distância do candidato a antecedente anafórico para a anáfora em uma sentença é um fator que acarreta mais tempo para a resolução da ambiguidade anafórica pronominal em uma sentença; Informar se em períodos compostos incompletos na voz ativa e em períodos simples com duas orações também na voz ativa os Traços Semânticos carregados pelos candidatos a antecedente anafórico, como também a construção linguística das sentenças, permitem que a ambiguidade na leitura seja desfeita ou resolvida pelo leitor de forma mais rápida; Descobrir se o aumento da faixa etária de grupos de leitores diferentes significa uma perda de desempenho da memória no processo de desambiguação semântica da anáfora pronominal.

Para a produção deste estudo houve a necessidade da aplicação de dois testes pilotos com leitores de três grupos de faixas etárias, mas de mesmo nível educacional. A aplicação dos testes pilotos foi motivada, entre outros aspectos, pela necessidade da apresentação de dados preliminares sobre esta pesquisa na etapa da qualificação do trabalho, como também para que possíveis falhas nos experimentos fossem identificadas e corrigidas.

3.2 LOCAL DE PESQUISA

De início, o local de pesquisa deste estudo seria o ambiente escolar, mais precisamente escolas públicas do município do Conde - PB que oferecessem a EJA. A escolha de escolas da rede pública de ensino do município do Conde - PB foi motivada pelo fato deste ter sido o domicílio onde na época da realização deste estudo este pesquisador residia. Desta forma, julgamos ser importante a realização de uma pesquisa que abrangesse o público de alunos da EJA da cidade.

Em decorrência do isolamento social necessário ao combate à pandemia da Covid-19, a aplicação dos testes deste estudo no ambiente escolar não foi possível, devido a suspensão temporária das atividades presenciais em escolas públicas da Educação Básica do estado da Paraíba, sem prazo previsto de retorno.

Diante desta realidade, optamos por realizar a coleta dos dados desta pesquisa com os

sujeitos alunos das escolas públicas do Conde - PB por meio da *internet* de forma remota.

Disponibilizamos os testes em uma plataforma digital, a *Qualtrics*, acessada pelos alunos por meio da ferramenta de comunicação *Whatsapp*, um aplicativo de troca de mensagens e comunicação em áudio e vídeo pela *internet*.

Os alunos que participaram dos testes receberam um *link* de acesso à plataforma através do grupo de suas turmas no *Whatsap*. Só assim foi possível a coleta dos dados deste estudo.

3.3 ESCLARECIMENTOS ÉTICOS

Por se tratar de um estudo que envolvia a participação de seres humanos, houve a necessidade de cadastrarmos o projeto de pesquisa deste estudo na Plataforma Brasil⁸.

A aprovação do projeto de pesquisa foi concedida pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba - CEP/CCS por meio do parecer substanciado de número 4.361.134, aprovado em 26 de outubro de 2020 (Parecer disponível no Anexo D). Os procedimentos adotados para a aplicação dos testes com os sujeitos foram de acordo com a Resolução CNS N°466/2012, MS.

Antes da aplicação dos testes foi esclarecido aos participantes os objetivos e benefícios do estudo, os procedimentos a serem adotados, os possíveis desconfortos decorrentes do estudo, além da informação de que a privacidade do leitor seria respeitada, bem como a opção de recusa em participar do estudo ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar-se. O procedimento adotado para a participação ou não do aluno no teste era o de clicar em ACEITO ou NÃO ACEITO. Ao clicar em ACEITO o leitor tinha acesso ao teste. O mesmo procedimento foi aplicado nos dois testes deste estudo.

3.4 DEFINIÇÃO DA AMOSTRA

3.4.1 Sujeitos da pesquisa

Os testes deste estudo foram aplicados com alunos dos ciclos 3 (do 6º ao 7º anos) e 4

⁸ Uma base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos para todo o sistema CEP/CONEP. Esta base permite que as pesquisas sejam acompanhadas em seus diferentes estágios, desde sua submissão até a aprovação final pelo CEP e CONEP. O sistema permite, ainda, a apresentação de documentos também em meio digital, propiciando à sociedade o acesso aos dados públicos de todas as pesquisas aprovadas. Plataforma Brasil (2018).

(do 8º ao 9º anos) que correspondem ao Ensino Fundamental II incompleto da EJA. A aplicação dos dois testes foi realizada no período do dia 16 de junho ao dia 16 de julho de 2021.

Os participantes deste estudo puderam se declarar como sendo dos gêneros: masculino, feminino, outro, ou que preferiram não responder. Em cada um dos dois testes os sujeitos foram divididos em três grupos, foram eles: Grupo de Jovens, com a faixa etária de 15 a 29 anos de idade; Grupo de Adultos, com a faixa etária de 30 a 59 anos de idade e por último o grupo dos Idosos, formado por indivíduos acima dos 60 anos.

Todos os sujeitos que participaram desta pesquisa são brasileiros, têm como língua materna a língua portuguesa e são alunos da EJA. Escolhemos neste estudo pela aplicação dos testes com alunos com o perfil de aluno da EJA por entendermos que esta modalidade de ensino nos proporcionaria dados relativos a alunos de faixas etárias diferentes, mas de mesmo nível de escolaridade agrupados em um mesmo ambiente, uma característica existente na EJA que facilitou a coleta dos dados referentes ao nosso estudo.

Além deste aspecto, acreditamos que a aplicação de estudos com alunos da EJA auxilia no desenvolvimento de políticas educacionais que objetivam o desenvolvimento e a melhoria da qualidade do ensino público em nosso país, referentes ao ensino público voltado para alunos que ainda não conseguiram concluir os estudos ou que não tiveram acesso à educação básica na idade apropriada.

3.4.2 Amostra

Participaram deste estudo 75 sujeitos. No teste 1 sobre resolução de ambiguidade anafórica pronominal em períodos compostos incompletos na voz ativa se submeteram ao teste 39 participantes, divididos em três grupos da seguinte forma: grupo de Jovens, 7 pessoas. O grupo de Adultos, 29 participantes e o grupo dos Idosos formado por 3 pessoas.

Já no teste 2 sobre resolução de ambiguidade anafórica pronominal em períodos simples com duas orações também na voz ativa participaram 36 sujeitos, divididos em três grupos da seguinte forma: grupo de Jovens, 10 participantes; O grupo de Adultos, 23 pessoas e o grupo dos Idosos formado por 3 sujeitos.

3.5 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS PARA COLETA DOS DADOS DOS GRUPOS

3.5.1 Contatos para a aplicação dos testes do estudo

O primeiro passo para a coleta dos dados deste estudo foi entrar em contato com alguma escola que se dispusesse a participar do estudo e que autorizasse a participação dos alunos nos testes. Desta forma, a primeira ação realizada foi um contato com o gestor da Secretaria de Educação do Município de Conde - PB, com o objetivo de obtermos a autorização para realizar este estudo com os alunos matriculados na EJA no município.

Após recebermos o aval da secretaria de educação do município, o passo seguinte foi o de entrarmos em contato com os diretores de cada uma das escolas que iriam disponibilizar alunos para participarem dos testes. Conversamos com cada diretor, explicando do que se tratava e os objetivos deste estudo. Sem nenhum empecilho recebemos autorização dos diretores das escolas para aplicar os testes com os alunos.

O passo seguinte foi conversar com cada professor responsável pelo ensino de língua portuguesa nas turmas da EJA de cada escola. Novamente explicamos do que se tratava e os objetivos da pesquisa e prontamente recebemos o sinal positivo dos professores para que pudéssemos aplicar os testes deste estudo com os alunos.

Ao iniciarmos a aplicação dos testes percebemos a baixíssima participação dos alunos da EJA do município do Conde - PB. Diante desta realidade, decidimos por realizar este estudo também com outros alunos da EJA de vários municípios brasileiros. Para tanto, enviamos convites em redes sociais da EJA por meio da *internet* com o intuito de angariar o maior número possível de alunos que se disponibilizassem a participar dos dois testes deste estudo. As respostas aos convites foram satisfatórias e com a participação dos alunos da EJA, tanto do município do Conde - PB quanto de outros municípios brasileiros, foi possível a captação de um quantitativo de dados que pudesse apresentar um percentual satisfatório a ser analisado neste estudo.

3.5.2 Seleção e organização dos materiais linguísticos

Após a criação, elaboração e seleção dos materiais para os dois experimentos partimos em seguida para a produção dos testes na plataforma *Qualtrics*. Cada teste continha:

- Um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE;

- Orientações para a realização do teste;
- Uma sessão de treino com quatro sentenças;
- 16 sentenças de teste e mais 32 sentenças distratoras, totalizando 48 sentenças;
- Duas opções possíveis para responder as tarefas do teste.

3.5.2.1 Teste 1: Resolução de ambiguidade anafórica em períodos compostos na voz ativa

Neste primeiro teste em todas as sentenças de Teste o candidato a antecedente anafórico na posição distal da anáfora ocupava a função sintática de sujeito. Já o segundo candidato a antecedente anafórico na posição proximal da anáfora ocupava a função de complemento do verbo. Na sequência apresentamos uma condição experimental utilizada no teste.

4. O pai agrediu o filho porque ele _____
perdeu a paciência. desobedeceu a ordem

Como pode ser observada acima, a construção sintática das sentenças de Teste obedece ao padrão SUJEITO+VERBO+COMPLEMENTO DO VERBO. Todas as sentenças de Teste apresentavam verbos classificados como sendo de ação ou de ação processo. Após a sentença na voz ativa era apresentada uma conjunção que poderia ser: Explicativa, Conclusiva ou Adversativa, seguida de um pronome anafórico singular que poderia ser “ele” ou “ela”.

Neste teste para que a sentença de Teste obtivesse sentido o leitor deveria completá-la, decidindo por uma entre duas opções de desambiguação apresentadas, sendo que a primeira opção era voltada para o primeiro sintagma nominal. Já a segunda para o segundo sintagma nominal.

A complementação da sentença tinha como objetivo obter o sentido da sentença de Teste por meio da necessidade da retomada anafórica pronominal. Nas sentenças de Teste houve a preocupação em manter o mesmo número de segmentos, tanto para a construção das sentenças quanto para as opções de resposta. Para o teste foi definido o número de 6 a 8 segmentos para cada sentença de Teste Para as opções de resposta o número de segmentos foi entre 3 e 4.

3.5.2.2 Teste 2: Resolução de ambiguidade anafórica em períodos simples com duas orações na voz ativa

Como no primeiro, no teste 2 em todas as sentenças de Teste o candidato a antecedente anafórico na posição distal da anáfora ocupava a função sintática de sujeito. Já o segundo candidato a antecedente anafórico na posição proximal da anáfora ocupava a função de complemento do verbo. Na sequência apresentamos uma sentença de Teste utilizada no teste 2.

5. Carlos empurrou Diego. Ele ficou descontrolado.

O que você compreendeu?

Carlos ficou descontrolado. Diego ficou descontrolado

A construção sintática das sentenças de Teste também obedece ao padrão SUJEITO+VERBO+COMPLEMENTO DO VERBO. Nas sentenças de Teste os verbos da primeira oração eram classificados como sendo de ação ou ação processo e na segunda oração verbos de estado. Eram períodos simples que continuam duas orações na voz ativa, sendo que a segunda oração subordinada trazia um pronome no singular que poderia ser “ele” ou “ela”.

Como no primeiro teste, neste teste 2 a retomada anafórica pronominal era promovida por intermédio do pronome. Este teste 2 trazia uma pergunta a ser respondida pelo leitor sobre o conteúdo do período simples com duas orações na voz ativa. A resposta da tarefa do teste tinha duas opções de escolha, a primeira voltada para o primeiro sintagma nominal da primeira oração e a segunda para o segundo sintagma nominal da primeira oração.

O número de segmentos para cada sentença de Teste foi de 6 a 7 segmentos e o número de segmentos das opções de respostas ficou entre 2 e 3.

Nos dois testes utilizamos um tipo de monitoramento em que próprio sujeito controlava o tempo de exibição das sentenças e o tempo de leitura das perguntas, sendo, portanto, um paradigma experimental *online*. A preferência por este paradigma experimental foi motivada pela necessidade de mensurar os tempos de cada ação realizados pelos sujeitos submetidos aos testes, como também captar a resposta da tarefa experimental quando o estímulo fosse aplicado.

Observamos o fenômeno da resolução de ambiguidade anafórica pronominal mensurando as reações obtidas nos testes no momento da leitura das sentenças de Teste e

também das escolhas pelo candidato a antecedente anafórico objetivando comparar os resultados dos três grupos em cada um dos testes. A utilização deste paradigma experimental nos possibilitou a captação de dados referentes a compreensão leitora dos sujeitos, tornando possível investigar o processamento de informações de natureza específica e a compreensão da linguagem. Por meio da utilização do método *online* foi possível rastrear o processamento e a resolução da ambiguidade anafórica pronominal nas sentenças de Teste dos testes passo a passo enquanto os sujeitos ainda estavam engajados no processo de compreensão linguística.

Após a produção dos testes na *Qualtrics* demos início a aplicação dos testes enviando uma mensagem eletrônica, via *Whatsapp*, para cada grupo de turma da EJA do município do Conde - PB que se dispôs a participar do estudo. Enviamos também convites por meio de redes sociais da EJA no *Facebook* para que alunos de outros municípios brasileiros também pudessem participar do estudo. Salientamos que cada sujeito que participou deste estudo respondeu apenas a um dos dois testes.

Os dois testes foram produzidos com o intuito de coletar dados sobre os três grupos para que depois fossem analisados e os resultados encontrados pudessem responder a pergunta central desta pesquisa, ou seja: A desambiguação semântica gera mais custos de processamento para a memória com o aumento da faixa etária do leitor?

A procura pela resposta desta pergunta teve como objetivo informar qual influência do Traço Semântico carregado por um candidato a antecedente anafórico para a resolução da ambiguidade anafórica pronominal e a relação com o desempenho da memória, em especial da memória de trabalho, influenciado pelo envelhecimento deste processo cognitivo.

3.6 DESENHO DOS EXPERIMENTOS

3.6.1 Experimento 1: Teste de resolução de ambiguidade anafórica pronominal em períodos compostos incompletos na voz ativa

Este primeiro experimento é uma adaptação do experimento de Haag e Othero (2003), que em um estudo verificaram se a tendência de leitores é a de realizar o processamento anafórico imediatamente, ligando o termo anafórico ao seu antecedente mais próximo ou ligando o termo anafórico ao tópico da sentença.

A tarefa do teste era a seguinte: a partir da leitura do período composto incompleto na voz ativa o leitor deveria resolver a ambiguidade existente decidindo pela escolha do antecedente mais distante ou pelo mais próximo da anáfora pronominal, completando assim o

sentido do período composto.

Foram apresentadas para cada leitor 16 períodos compostos incompletos na voz ativa, as sentenças de Teste, e 32 sentenças distratoras também incompletas, totalizando um número de 48 condições experimentais. No teste era apresentada, de forma controlada, uma sentença de Teste e duas sentenças distratoras, com o intuito de que o leitor não percebesse qual informação estava sendo coletada por meio dos dados produzidos.

Após ler o período composto incompleto na voz ativa o leitor tinha acesso a duas opções de resposta para a complementação da segunda sentença. Ao escolher por uma das opções apresentadas o leitor então resolvia a ambiguidade anafórica pronominal nas sentenças de Teste. Nas sentenças distratoras o leitor também tinha acesso a duas opções de resposta da tarefa do teste.

Os objetivos do teste foram: Captar a escolha do antecedente anafórico por parte de leitores de grupos diferentes; Informar qual Traço Semântico carregado pelo candidato a antecedente anafórico tem maior incidência de escolha por parte dos leitores; Informar qual Traço Semântico carregado pelo candidato a antecedente anafórico tem menor incidência de escolha por parte dos leitores; Mensurar os tempos de leitura da sentença e de resposta das tarefas do teste por parte dos 3 grupos de leitores; Informar se com o aumento da faixa etária do grupo a escolha pela resolução da ambiguidade por meio da informação semântica do candidato a antecedente leva mais tempo para ser realizada; Informar qual grupo gastou mais tempo para ler a sentença e para responder a tarefa do teste; Informar qual grupo gastou menos tempo para ler as sentenças e para responder a tarefa do teste.

3.6.1.1 Variáveis

Este experimento trata-se de um procedimento investigativo. Os níveis presentes nas Variáveis Independentes foram manipulados com vistas a compreender como elas influem na decisão do leitor quando da escolha pelo candidato a antecedente anafórico mais indicado para resolver a ambiguidade anafórica pronominal. As observações das respostas dos participantes nas tarefas do teste são oriundas exclusivamente das variáveis em controle.

As variáveis deste teste são duas. A primeira é a Variável Dependente (a resposta da tarefa do teste), em que observou-se justamente a escolha por parte do leitor do candidato a antecedente anafórico. A segunda são as Variáveis Independentes, que na ocasião são duas, a primeira é a posição do candidato a antecedente anafórico na sentença, que possui dois níveis (a posição distal do candidato a antecedente anafórico para a anáfora,

que exerce a função sintática de sujeito na sentença e a posição proximal do candidato a antecedente anafórico para a anáfora pronominal, que ocupa a função sintática de complemento do verbo). A segunda Variável Independente deste teste é o Traço Semântico carregado pelos candidatos a antecedente anafórico na sentença. Esta Variável Independente possui quatro níveis, são eles: + Humano, + Animado, - Animado e Coletivo.

Os Quadros 1, 2, 3 e 4 apresentam o cruzamento das duas Variáveis Independentes que produziram as 16 condições experimentais deste experimento.

A Quadro 1 é referente as condições experimentais relativas ao Traço Semântico + Humano.

Quadro 1 - Condições experimentais relativas ao Traço Semântico + Humano no teste 1.

| TRAÇO SEMÂNTICO | CONDIÇÃO EXPERIMENTAL |
|-----------------|----------------------------|
| + Humano | D*:+Humano X P**:+Humano |
| | D*:+Humano X P**:+Animado |
| | D*:+Humano X P**:- Animado |
| | D*:+Humano X P**: Coletivo |

D**: Posição do candidato a antecedente anafórico distal da anáfora desempenhando a função sintática de sujeito da sentença.

P**: Posição do candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora desempenhando a função sintática de complemento do verbo.

Fonte: autoria própria.

O Quadro 2 é referente as condições experimentais relativas ao Traço Semântico + Animado.

Quadro 2 - Condições experimentais relativas ao Traço Semântico + Animado no teste 1.

| TRAÇO SEMÂNTICO | CONDIÇÃO EXPERIMENTAL |
|-----------------|-----------------------------|
| + Animado | D*:+Animado X P**:+ Animado |
| | D*:+Animado X P**:+ Humano |
| | D*:+Animado X P** - Animado |
| | D*:+Animado X P** :Coletivo |

D** : Posição do candidato a antecedente anafórico distal da anáfora desempenhando a função sintática de sujeito da sentença.

P** : Posição do candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora desempenhando a função sintática de complemento do verbo.

Fonte: autoria própria.

O Quadro 3 é referente as condições experimentais relativas ao Traço Semântico - Animado.

Quadro 3 - Condições experimentais relativas ao Traço Semântico - Animado no teste 1.

| TRAÇO SEMÂNTICO | CONDIÇÃO EXPERIMENTAL |
|-----------------|------------------------------|
| - Animado | D*:-Animado X P**:-Animado |
| | D*:-Animado X P** : + Humano |
| | D*:-Animado X P** +Animado |
| | D*:-Animado X P** :Coletivo |

D** : Posição do candidato a antecedente anafórico distal da anáfora desempenhando a função sintática de sujeito da sentença.

P** : Posição do candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora desempenhando a função sintática de complemento do verbo.

Fonte: autoria própria.

O Quadro 4 é referente as condições experimentais relativas ao Traço Semântico Coletivo.

Quadro 4 - Condições experimentais relativas ao Traço Semântico Coletivo no teste 1.

| TRAÇO SEMÂNTICO | CONDIÇÃO EXPERIMENTAL |
|-----------------|-------------------------------|
| Coletivo | D*: Coletivo X P***: Coletivo |
| | D*:Coletivo X P***: + Humano |
| | D*:Coletivo X P***: +Animado |
| | D*:Coletivo X P***: - Animado |

D***: Posição do candidato a antecedente anafórico distal da anáfora desempenhando a função sintática de sujeito da sentença.

P***: Posição do candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora desempenhando a função sintática de complemento do verbo.

Fonte: autoria própria.

A notação fatorial deste experimento é $2 \times 2 \times 4 = 16$. A notação do *design* corresponde as duas Variáveis Independentes, aos dois níveis da primeira Variável Independente e aos 4 níveis da segunda Variável Independente. 16 é o número de condições experimentais.

Neste primeiro teste as hipóteses experimentais levantadas para a resolução de ambiguidade anafórica pronominal por parte dos leitores de cada grupo foram:

1º Quando a escolha pelo antecedente ocorrer entre um candidato a antecedente anafórico que carrega o Traço Semântico + Humano e outro que carrega o Traço Semântico diferente, independente da posição que o candidato a antecedente anafórico que carrega o Traço Semântico + Humano ocupe na sentença este será o Traço Semântico escolhido;

2º Quando a escolha pelo antecedente ocorrer entre um candidato a antecedente anafórico que carrega o Traço Semântico + Animado e outro que carregue o Traço Semântico - Animado, independente da posição que o candidato a antecedente anafórico que carrega o Traço Semântico +Animado estiver na sentença este será o Traço Semântico escolhido;

3º Quando os Traços Semânticos dos candidatos a antecedente anafórico forem os mesmos o leitor optará pelo antecedente que ocupa posição distal da anáfora;

4º Quando a escolha pelo antecedente ocorrer entre um candidato a antecedente anafórico que carrega o Traço Semântico - Animado e outro candidato a antecedente anafórico de Traço Semântico diferente o leitor irá optar pelo candidato a antecedente anafórico de Traço Semântico diferente do - Animado;

5° Em todas as condições apresentadas o Grupo dos Idosos será o que gastará mais tempo tanto para ler a sentença quanto para responder a tarefa do teste;

6° Em todas as condições apresentadas o Grupo dos Jovens será o que levará menos tempo tanto para ler a sentença quanto para responder a tarefa do teste.

As predições para as hipóteses levantadas são as seguintes:

- A informação semântica carregada pelo candidato a antecedente anafórico é um fator decisivo para sua escolha no processo de resolução de ambiguidade anafórica pronominal quando existem dois possíveis candidatos;
- Independente da distância que o candidato a antecedente anafórico estiver para a anáfora, se próximo ou distante, é a sua informação semântica que será decisiva para sua escolha como antecedente anafórico;
- Independente da construção linguística da sentença, em que os antecedentes ocupam as funções de sujeito e de complemento do verbo, é a sua informação semântica que decidirá sua escolha como antecedente anafórico;
- Quanto maior a faixa etária do grupo mais tempo os leitores levarão para ler a sentença de Teste sentença como também para responder a tarefa de teste.

3.6.1.2 Método

Antes de ser aplicado o experimento foi testado para que fossem observadas possíveis falhas a serem corrigidas.

Todos os sujeitos responderam o teste por meio de *smartphones*. Para participar do teste o aluno matriculado em alguma das escolas públicas do município do Conde - PB recebia um *link* por meio do grupo da sala da EJA a qual fazia parte no *Whatsapp*. Ao clicar no *link* o sujeito era direcionado para a página eletrônica do teste. Já os participantes deste estudo que pertenciam a outro município brasileiro receberam também um *link* de acesso ao teste por meio da rede social da EJA a qual fazia parte no *Facebook*. Ao clicar no *link* o participante também era direcionado para a página eletrônica do teste.

No teste o leitor deveria resolver a ambiguidade do período composto incompleto na voz ativa optando por uma de duas opções de escolha pelo candidato a antecedente anafórico, completando assim o sentido da segunda sentença do período composto.

3.6.1.3 Materiais e Procedimento

Nas sentenças de Teste os períodos compostos incompletos na voz ativa foram criados e manipulados a partir do cruzamento das duas Variáveis Independentes deste estudo, já apresentadas anteriormente.

As construções linguísticas das 16 sentenças de Teste apresentam pronomes anafóricos ele, ela, eles e elas. Os períodos compostos incompletos na voz ativa foram produzidos com tipos de verbo de ação física e de ação processo. Além deste aspecto, tais períodos continham relações lógicas de três tipos: Adversativa, Conclusiva e Explicativa.

Observemos na sequência um exemplo de um material deste teste 1:

+Animado (antecedente distal) X +Animado (antecedente proximal)

7. O elefante matou o leão porque ele _____
 protegeu a manada. atacou o filhote.

No exemplo acima não há qualquer informação contextual que possa influenciar a escolha do candidato a antecedente anafórico por parte do leitor. A ambiguidade quanto ao antecedente retomado não é desfeita em momento algum. Desta forma, tanto o sintagma nominal na posição mais distante da anáfora pronominal, elefante, quanto o sintagma nominal na posição mais próxima da anáfora pronominal, leão, podem se referir ao pronome anafórico ele. Nestas situações os dois sintagmas são candidatos a retomada anafórica pronominal.

O objetivo da produção de períodos compostos incompletos na voz ativa, com tais características, era para que investigássemos se além do Traço Semântico carregado pelo candidato a antecedente anafórico e a posição ocupada na sentença (distal ou proximal da anáfora), o tipo de verbo e a relação lógica existente nos períodos também influíam no processo de desambiguação da anáfora pronominal. Os materiais deste teste 1 estão disponibilizados no Anexo A deste estudo.

Antes do início do teste cada participante leu na tela do *Smartphone* o TCLE. Ao aceitar em participar do estudo o sujeito era direcionado para uma tela para que respondesse a alguns questionamentos que tinham como objetivo a obtenção de respostas relativas ao seu perfil. Os questionamentos eram: Qual sua faixa de idade; Qual o seu gênero; Em que ciclo

da EJA você está matriculado, 3 ou 4? Por que você optou pela modalidade de educação EJA?

Após responder aos questionamentos o leitor tinha acesso a uma sessão de treino do teste. Após realizar o treino o leitor era direcionado para iniciar o teste. Ao final do teste o sujeito participante tinha acesso a uma tela que continha uma mensagem de agradecimento por participar do estudo.

Figura 1- Primeira tela de orientação do teste 1.

Olá

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa científica sobre leitura e compreensão em língua portuguesa.

Para participar deste estudo, você precisará responder algumas questões e, em seguida, fazer a leitura de sentenças e completar as frases com as opções fornecidas.

Esteja ciente de que sua privacidade será respeitada, e que suas informações pessoais ou dados que possam, de qualquer forma, identificar qualquer participante, serão mantidos em sigilo.

Você pode se recusar a participar do estudo, ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar-se, e se desejar sair da pesquisa, não sofrerá qualquer prejuízo.

Esclarecemos que o teste em si, não traz riscos a sua saúde. Porém, ao usar seu computador por períodos excessivos, você poderá sentir dores lombares e problemas na
Fonte: *Qualtrics*.

Figura 2. Sentença de Teste utilizada no teste 1.

O público aplaudiu o palhaço porque ele _____



Fonte: *Qualtrics*.

Ao clicar na seta apareciam duas opções para que o leitor escolhesse apenas uma e respondesse a tarefa da sentença de Teste.

Figura 3. Opções de resposta de tarefa da Sentença de Teste do teste 1.



Fonte: *Qualtrics*.

Ao escolher por uma das duas opções, e desta forma responder a tarefa do teste, o leitor, ao clicar na seta, em seguida tinha acesso às demais sentenças do teste.

Após finalizar o teste o leitor tinha acesso a uma pergunta que tinha como objetivo saber em qual dispositivo ele havia feito o teste. As opções de resposta eram duas: em computador ou *Smartphone*. Após responder a pergunta, clicando em uma das duas opções, o leitor então lia uma mensagem final de agradecimento por participar do teste.

Figura 4. Mensagem final de agradecimento por participar do teste 1.

Agradecemos o tempo que você dedicou respondendo a esta pesquisa.
Sua resposta foi registrada.

Fonte: *Qualtrics*.

3.6.2 Experimento 2: Teste de resolução de ambiguidade anafórica pronominal em períodos simples com duas orações na voz ativa

Este segundo experimento é uma adaptação do aplicado por Morgado (2013), que em sua pesquisa pretendeu avaliar o peso da informação linguística (sintática e semântica) que pode contribuir decisivamente para o estabelecimento de cadeias referenciais.

Neste segundo experimento foram apresentadas para cada leitor 16 períodos simples com duas orações na voz ativa e 32 sentenças distratoras, totalizando um número de 48 condições experimentais. Como no primeiro, neste segundo teste os materiais foram

distribuídos de forma aleatória.

A tarefa deste segundo teste era a seguinte: a partir da leitura de um período simples com duas orações na voz ativa o leitor deveria resolver a ambiguidade anafórica pronominal respondendo a uma pergunta com duas opções de escolha, uma voltada para o candidato a antecedente anafórico mais distante e outra para o candidato a antecedente anafórico mais próximo da anáfora pronominal.

3.6.2.1 Variáveis

Como no primeiro, neste segundo experimento a primeira Variável Independente Traços Semânticos possui quatro níveis, são eles: +Humano, +Animado, - Animado e Coletivo. Já a segunda Variável Independente posição do candidato o antecedente anafórico sentença possui dois níveis, são eles: a posição do candidato a antecedente anafórico mais distante e a posição do candidato a antecedente anafórico próxima da anáfora.

Os Quadros 5,6,7,e 8 apresentam o cruzamento das duas variáveis que produziram as condições experimentais deste segundo experimento.

O Quadro 5 é referente as condições experimentais relativas ao Traço Semântico + Humano.

Quadro 5 - Condições experimentais relativas ao Traço Semântico + Humano no teste 2.

| TRAÇO SEMÂNTICO | CONDIÇÃO EXPERIMENTAL |
|-----------------|----------------------------|
| + Humano | D*:+Humano X P**:+Humano |
| | D*:+Humano X P**:+Animado |
| | D*:+Humano X P**:- Animado |
| | D*:+Humano X P**: Coletivo |

D**: Posição do candidato a antecedente anafórico distal da anáfora desempenhando a função sintática de sujeito da sentença.

P**: Posição do candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora desempenhando a função sintática de complemento do verbo.

Fonte: autoria própria.

O Quadro 6 é referente as condições experimentais relativas ao Traço Semântico + Animado.

Quadro 6 - Condições experimentais relativas ao Traço Semântico + Animado no teste 2.

| TRAÇO SEMÂNTICO | CONDIÇÃO EXPERIMENTAL |
|-----------------|------------------------------|
| + Animado | D*:+Animado X P**:+ Animado |
| | D*:+Animado X P**:+ Humano |
| | D*:+Animado X P** - Animado |
| | D*:+Animado X P** : Coletivo |

D** : Posição do candidato a antecedente anafórico distal da anáfora desempenhando a função sintática de sujeito da sentença.

P** : Posição do candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora desempenhando a função sintática de complemento do verbo.

Fonte: autoria própria.

O Quadro 7 é referente ao as condições experimentais relativas ao Traço Semântico - Animado.

Quadro 7 - Condições experimentais relativas ao Traço Semântico - Animado no teste 2.

| TRAÇO SEMÂNTICO | CONDIÇÃO EXPERIMENTAL |
|-----------------|------------------------------|
| - Animado | D*:-Animado X P**:-Animado |
| | D*:-Animado X P** : + Humano |
| | D*:-Animado X P** +Animado |
| | D*:-Animado X P** : Coletivo |

D** : Posição do candidato a antecedente anafórico distal da anáfora desempenhando a função sintática de sujeito da sentença.

P** : Posição do candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora desempenhando a função sintática de complemento do verbo.

Fonte: autoria própria.

O Quadro 8 é referente as condições experimentais relativas ao Traço Semântico Coletivo.

Quadro 8 - Condições experimentais relativas ao Traço Semântico - Coletivo no teste 2.

| TRAÇO SEMÂNTICO | CONDIÇÃO EXPERIMENTAL |
|-----------------|------------------------------|
| Coletivo | D*: Coletivo X P**::Coletivo |
| | D*:Coletivo X P**::+ Humano |
| | D*:Coletivo X P**::- Animado |
| | D*:Coletivo X P**::Coletivo |

D**:: Posição do candidato a antecedente anafórico distal da anáfora desempenhando a função sintática de sujeito da sentença.

P**:: Posição do candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora desempenhando a função sintática de complemento do verbo.

Fonte: autoria própria.

A notação fatorial deste segundo experimento é a mesma do primeiro, ou seja, $2 \times 2 \times 4 = 16$. A notação do *design* corresponde as duas Variáveis Independentes, aos dois níveis da primeira Variável Independente e aos 4 níveis da segunda Variável Independente. 16 é o número de condições experimentais. Nas sentenças de Teste os pronomes possuem Traços Semânticos : +Humano, +Animado, - Animado e Coletivo.

As hipóteses experimentais levantadas para a resolução de ambiguidade anafórica pronominal por parte dos leitores de cada grupo são as mesmas do primeiro teste. Da mesma forma, as predições para as hipóteses levantadas são as mesmas do primeiro.

3.6.2.2 Método

Como o primeiro, este segundo experimento também foi testado para que fossem observadas possíveis falhas a serem corrigidas. Todos os sujeitos responderam o teste por meio de *Smartphones*.

A metodologia de aplicado deste segundo teste foi a mesma do primeiro.

Foi proposto aos participantes o seguinte teste: o leitor deveria ler períodos simples com duas orações na voz ativa. Depois o sujeito submetido ao teste iria ler uma pergunta e em seguida respondê-la, resolvendo assim a ambiguidade anafórica pronominal ao escolher por uma entre duas opções, a primeira opção voltada para o candidato a antecedente anafórico na

posição distal e a segunda para o candidato o candidato a antecedente anafórico na posição proximal da anáfora.

3.6.2.3 Material e Procedimento

Nas sentenças de Teste os períodos simples com duas orações na voz ativa foram criados e manipulados a partir do cruzamento das duas Variáveis Independentes deste estudo, já apresentadas anteriormente.

Como no primeiro, neste segundo teste as 16 sentenças de Teste trazem as anáforas pronominais ele, ela, eles e elas, como também os Traços Semânticos dos candidatos a antecedente anafórico nas posições mais distante e mais próxima da anáfora, que foram manipulados carregando os traços +Humano, +Animado, - Animado e Coletivo.

As sentenças do teste foram produzidas com dois tipos de verbo: verbos de ação física e de ação processo. O objetivo da produção de sentenças com estas características era para que investigássemos se além do Traço Semântico carregado pelo candidato a antecedente anafórico e a posição ocupada na sentença (distal ou proximal da anáfora), o tipo de verbo da sentença também influencia no processo de desambiguação da anáfora pronominal.

Vejamos o exemplo de um material utilizado neste teste 2:

+ Humano (antecedente distal) X +Animado (antecedente proximal)
 10. Pedro puxou o cão. Ele ficou irritado.
 O que você compreendeu?
 a) Pedro ficou irritado. b) O cão ficou irritado.

Como pode ser observado no exemplo acima, tanto o sintagma nominal na posição mais distante da anáfora pronominal, Pedro, quanto o sintagma nominal mais próximo da anáfora pronominal, cão, podem se referir ao pronome anafórico Ele. Nestas condições os dois sintagmas são candidatos à retomada anafórica.

O objetivo da produção de períodos simples com duas orações na voz ativa, com tais características, era para que investigássemos se além do Traço Semântico carregado pelo candidato a antecedente anafórico e a posição ocupada na sentença (distal ou proximal da anáfora), o tipo de verbo e a relação lógica existente nos períodos também influíam no processo de desambiguação da anáfora pronominal. Os materiais deste teste 2 estão

disponibilizados no Anexo B deste estudo.

Os procedimentos aplicados neste segundo teste foram idênticos aos do primeiro.

Figura 5. Primeira tela de orientação do teste 2.

Olá

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa científica sobre leitura e compreensão em língua portuguesa.

Para participar deste estudo, você precisará responder algumas questões e, em seguida, fazer a leitura de sentenças e completar as frases com as opções fornecidas.

Esteja ciente de que sua privacidade será respeitada, e que suas informações pessoais ou dados que possam, de qualquer forma, identificar qualquer participante, serão mantidos em sigilo.

Você pode se recusar a participar do estudo, ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar-se, e se desejar sair da pesquisa, não sofrerá qualquer prejuízo.

Esclarecemos que o teste em si, não traz riscos a sua saúde. Porém, ao usar seu computador por períodos excessivos, você poderá sentir dores lombares e problemas na
Fonte: *Qualtrics*.

Figura 6. Sentença de Teste utilizada no teste 2.

A boneca alegrou a menina. Ela era linda.



Fonte: *Qualtrics*.

Ao clicar na seta apareciam duas opções para que o leitor escolhesse apenas uma e respondesse a tarefa da sentença de Teste.

Figura 7. Opções de resposta de tarefa da Sentença de Teste do teste 2.

O que você compreendeu?

A menina era linda.

A boneca era linda.

Fonte: *Qualtrics*.

Ao escolher por uma das duas opções, e desta forma responder a tarefa do teste, o leitor, ao clicar na seta, em seguida tinha acesso às demais sentenças do teste.

Como no primeiro, ao final deste segundo teste era feita uma pergunta ao leitor para saber em qual dispositivo havia feito o teste. As opções de resposta eram: em computador ou *Smartphone*.

Após responder à pergunta, clicando em uma das duas opções, o leitor então lia uma mensagem final de agradecimento por participar do teste.

Figura 8. Mensagem final de agradecimento por participar do teste 2.

Agradecemos o tempo que você dedicou respondendo a esta pesquisa.
Sua resposta foi registrada.

Fonte: *Qualtrics*.

3.6.3 Tratamento e organização dos dados colhidos nos testes

Tendo ao nosso dispor os dados produzidos pelos sujeitos submetidos aos dois testes realizamos o tratamento e organização dos dados colhidos, um procedimento necessário para que pudessemos realizar a análise estatística descritiva⁹ dos dados por meio do uso de

⁹ Um dos instrumentos imprescindíveis quando se busca retratar comportamentos e tendências a partir de fenômenos reais. Ela vem a ser a base sobre a qual os métodos estatísticos se aplicam, o que faz dela uma prática fundamental no universo dos negócios. Sua utilização em favor de seus objetivos exige dominar não só o conceito como as técnicas, ferramentas e os processos relacionados a esse tipo de avaliação. *Five acts* (2021).

softwares de análise estatística.

Optamos por gerar no formato PDF todas as informações colhidas nos dois experimentos diretamente na plataforma *Qualtrics*. Desta forma, foram gerados dois arquivos em PDF, cada um contendo as informações sobre os dados colhidos em cada teste. Tendo ao nosso dispor as informações sobre os dados coletados nos testes realizamos uma interpretação inicial dos dados.

De início, um fato nos chamou atenção sobre a utilização da plataforma *Qualtrics* para a aplicação e coleta de dados. Observamos que nos dois testes uma informação importante sobre o processo de resolução de ambiguidade anafórica pronominal não havia sido registrada, justamente o tempo gasto para a leitura de cada uma das 48 condições experimentais por parte dos leitores dos três grupos. O que a plataforma *Qualtrics* nos apresentou foram *scores* sobre o tempo geral gasto por cada grupo para responder as tarefas das 48 condições experimentais em cada teste, como também o registro das respostas das tarefas das 48 condições experimentais em cada teste, o que nos possibilitou conhecer a escolha pelo candidato a antecedente anafórico feita por cada grupo.

Antes de realizarmos a análise estatística descritiva dos dados transferimos as informações dos dados gerados do formato PDF para tabelas no formato Excel. Em seguida levamos os dados organizados nos arquivos em Excel para o *software* de análises estatísticas *JMP Trial*. Em seguida realizamos a análise estatística descritiva dos dados.

Os resultados da análise estatística descritiva dos dados produzidos pelos participantes dos três grupos em cada teste apresentaram as seguintes relações:

- Os dados de cada um dos três grupos da distribuição sobre a escolha do candidato a antecedente anafórico;
 - Os dados de cada um dos três grupos sobre o tempo médio gasto para responder aos testes;
 - Os dados unificados dos três grupos da distribuição geral sobre a média de escolha do candidato a antecedente anafórico nos testes;
 - Os dados unificados dos três grupos da distribuição geral sobre o tempo gasto para responder aos testes;
 - Os dados unificados dos três grupos apresentando a média de escolha na correlação proximal/distal geral, quando da relação lógica da sentença nos testes.
-

- Os dados unificados dos três grupos apresentando a média de escolha na correlação proximal/distal geral, quando da construção linguística da sentença nos testes.
- Os dados unificados dos três grupos da descritiva sobre a média de escolha e tempo de resposta para a escolha do candidato a antecedente anafórico na posição proximal da anáfora distal nos testes;
- Os dados unificados dos três grupos da descritiva sobre a média de escolha e tempo de resposta para a escolha do candidato a antecedente anafórico na posição distal da anáfora pronominal nos testes;
- Os dados de cada um dos três grupos sobre a média de escolha na correlação pelo candidato a antecedente anafórico proximal nos testes;
- Os dados de cada um dos três grupos sobre a média de escolha na correlação pelo candidato a antecedente anafórico distal nos testes.

A análise descritiva produzida pelo *software JMP Trial* não analisou uma relação em especial: a escolha tanto por grupo quanto geral do candidato a antecedente anafórico por meio do Traço Semântico nos testes.

Tendo esta lacuna a ser preenchida decidimos por criar um código específico para os Traços Semânticos dos candidatos a antecedente anafórico dentro da última aba de cada um dos arquivos no formato Excel. Tal aba era a que trazia o resultado geral do teste com os registros dos dados de todos os grupos unificados. Feito isto, realizamos novamente a análise estatística descritiva dos dados dos testes. Transferimos os dados colhidos do formato Excel para o *software* de análise estatística o SPSS. Em seguida realizamos a análise estatística descritiva dos dados dos três grupos em cada teste, relativos à escolha do candidato a antecedente anafórico por meio do Traço Semântico.

Sobre o quantitativo de participantes deste estudo, no teste 1 sobre resolução de ambiguidade anafórica pronominal em períodos incompletos na voz ativa e no teste 2 sobre resolução de ambiguidade anafórica pronominal em períodos simples com duas orações na voz ativa a distribuição de participantes nos grupos não foi equitativa. Diante desta realidade decidimos por investigar o processo de resolução de ambiguidade anafórica neste estudo não mais a partir da comparação dos dados entre os grupos, mas sim de forma geral por meio das análises dos dados unificados, relativos ao somatório dos dados dos três grupos em cada um dos testes.

Decidimos por utilizar esta metodologia de análise de dados por acreditarmos que a

diferença de número de participantes desta pesquisa poderia interferir nos resultados de comparação das médias de escolhas e de tempo de resposta aos testes entre os grupos. Desta forma, tornou-se dispensável realizarmos a comparação dos dados obtidos nos testes por meio da correlação dos dados entre os grupos.

É importante também reforçamos a informação de que os dados específicos sobre o tempo de leitura de cada uma das 16 condições experimentais em cada teste não foram mensurados neste estudo.

Acreditamos que as considerações anteriormente informadas são oportunas, pois é do conhecimento de toda comunidade científica de que toda pesquisa de cunho experimental possui suas limitações, e no caso desta não seria diferente.

Tendo em mãos os resultados gerais da análise estatística descritiva dos dados colhidos partimos para a análise, interpretação dos dados. Os resultados desta fase serão apresentados na sequência deste trabalho.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE E DISCUSSÃO

Optamos por analisar, interpretar e apresentar os resultados dos dados colhidos em cada teste de forma separada. Utilizamos esta metodologia para facilitar o entendimento sobre o processo de resolução de ambiguidade anafórica pronominal tanto em períodos compostos incompletos na voz ativa quanto em períodos simples com duas orações na voz ativa.

Ao nos propormos a realização de uma investigação sobre o processo de resolução de ambiguidade anafórica tornou-se de suma importância lançarmos mão de teorias de processamento linguístico que nos guiaram e auxiliaram na interpretação dos dados colhidos, além de nos orientarem na produção de considerações pessoais a respeito do objeto de estudo investigado.

Por meio do que postulamos teorias como: Hipótese da posição da antecedente, Hipótese da Acessibilidade Canônica, Efeito de Distância do antecedente, Hipótese Multifatorial e da Escala de Animacidade, que a sua maneira apresentam modelos de saturação da anáfora pronominal e que postulamos a existência de expectativas sobre como se realiza a resolução da ambiguidade anafórica, conseguimos descrever quais pistas linguísticas e extralinguísticas são utilizadas por sujeitos de grupos diferentes para realizar a desambiguação anafora pronominais.

Realizamos as análises e interpretações dos dados produzidos pelos sujeitos nos dois testes objetivando descobrir a influência das duas Variáveis Independentes manipuladas nas condições experimentais desta pesquisa sobre as respostas das tarefas dos testes, ou seja, na Variável Dependente.

Acreditamos que as análises apresentadas neste estudo nos conduzirão a uma resposta, testada cientificamente, para o problema desta pesquisa. Entendemos que as Variáveis Independentes: posição ocupada pelo candidato a antecedente para a anáfora e Traços Semânticos possuem uma relevância direta com a investigação sobre o processo de resolução de ambiguidade anafórica pronominal.

Na sequência, resgatamos os objetivos específicos deste estudo.

- Analisar a importância da informação semântica carregada pelo candidato a antecedente anafórico para o estabelecimento de cadeias referenciais em períodos compostos incompletos na voz ativa e em períodos simples com duas orações na voz ativa.

- Informar se a distância do candidato a antecedente anafórica para a anáfora em uma sentença é um fator que acarreta mais tempo para a resolução da ambiguidade anafórica pronominal em uma sentença;
- Informar se em períodos compostos incompletos na voz ativa e em períodos simples com duas orações na voz ativa os Traços Semânticos carregados pelos candidatos a antecedente anafórico, como também a construção linguística das sentenças, permitem que a ambiguidade na leitura seja desfeita ou resolvida pelo leitor de forma mais rápida;
- Descobrir se o aumento da faixa etária de grupos de leitores diferentes significa uma perda de desempenho da memória no processo de desambiguação semântica da anáfora pronominal.

Para a apresentação dos dados colhidos nos dois testes utilizaremos tabelas e gráficos que informarão o desempenho geral dos leitores a partir da análise estatística descritiva do que foi captado e mensurado nos dois experimentos. Nas análises e discussões serão postulados indícios, sugestões e tendências também relativos aos resultados gerais.

Analizamos no teste 1 sobre resolução de ambiguidade anafórica pronominal em períodos compostos incompletos na voz ativa a posição ocupada pelo candidato a antecedente para a anáfora, o Traço Semântico carregado pelo candidato a antecedente anafórico, o tipo de verbo e a relação lógica da sentença influenciam na escolha do candidato a antecedente anafórico. Já no teste 2 sobre resolução de ambiguidade anafórica pronominal em períodos simples com duas orações na voz ativa analisamos se a posição ocupada pelo candidato a antecedente anafórico, Traço Semântico carregado pelo candidato a antecedente anafórico e o tipo de verbo presente na sentença influenciam na escolha do candidato a antecedente anafórico para resolver a ambiguidade anafórica pronominal nas sentenças do teste.

Esclarecida e justificada a metodologia utilizada para analisar e interpretar os dados, na sequência apresentamos as análises e resultados dos dois experimentos.

4.1 TESTE UM: RESOLUÇÃO DE AMBIGUIDADE ANAFÓRICA PRONOMINAL EM PERÍODOS COMPOSTOS NA VOZ ATIVA

Analizamos o processo de resolução de ambiguidade anafórica pronominal neste teste 1 a partir dos dados gerais obtidos sobre números brutos de escolha pelo candidato a antecedente anafórico, de tempo de resposta às tarefas do teste, da escolha pelo Traço Semântico, do tempo de escolha pelo Traço Semântico e do percentual de escolhas pelo

Traço Semântico, relativos as 16 sentenças de Teste.

As análises gerais neste teste são relativas aos dados gerais. Tais dados representam o somatório dos dados dos grupos dos Jovens, Adultos e Idosos. As análises foram produzidas a partir da descrição dos dados gerais obtidos na análise estatística descritiva.

Tabela 1 - Médias gerais de escolhas pelos candidatos a antecedente anafórico nas sentenças de Teste do teste I.

| GRUPOS | TOTAL DE SENTENÇAS DE TESTE | VARIÁVEL | MÉDIA DE ESCOLHAS |
|--------------------------|-----------------------------|----------|-------------------|
| Jovens, Adultos e Idosos | 16 | distal | 19,62 |
| | | proximal | 21,75 |

Fonte: autoria própria.

Como pode ser observado na Tabela 3, os resultados gerais informam que juntos os leitores dos três grupos escolheram por uma média de 19,62 pelo candidato a antecedente anafórico na posição distal da anáfora nas 16 sentenças de Teste. O candidato a antecedente proximal obteve 21,75 das escolhas dos leitores.

Ao correlacionarmos os dados informados na Tabela 3 descobrimos que há indícios nos resultados de que a diferença de médias de escolha por um dos dois candidatos a antecedente anafórico não é significativa, mas sim uniforme. Há a sugestão de que a posição ocupada pelo candidato a antecedente anafórico não determina sua escolha, apesar de que no teste o padrão de *default*¹⁰ ser o antecedente proximal.

Acreditamos que a maior média de escolhas pelo candidato a antecedente anafórico que ocupa a posição proximal da anáfora nas condições experimentais do teste foram motivadas pelo Efeito de Distância, pois estando o candidato a antecedente mais próximo da anáfora, esta posição influência e facilita a retomada anafórica por tal antecedente. Conforme Leitão e Simões (2001) a proximidade entre antecedente e anáfora torna mais fácil o processamento correferencial porque referentes localizados na parte da frase mais próxima da retomada anafórica são mais facilmente recuperados pela memória de trabalho do que aqueles localizados em partes mais distantes da anáfora.

Já as escolhas dos sujeitos dos três grupos pelo candidato a antecedente anafórico

¹⁰ Parâmetro padrão.

distal podem ter sido guiadas pela Teoria da Acessibilidade Canônica, pois de acordo com Schwenter e Silva (2003) há uma correlação entre a forma da expressão anafórica e o grau de acessibilidade do referente. Os referentes com alto grau de acessibilidade, como o sintagma nominal na posição de tópico de uma sentença, ou seja, o sujeito, são retomados por formas mínimas, os pronomes lexicais.

O que se observa por meio dos dados apresentados é que há indícios de que outros fatores parecem ser mais relevantes para a resolução da ambiguidade anafórica, além da posição ocupada pelo candidato a antecedente. Tal indício encontrado em nosso estudo corrobora com o pensamento de Haag e Othero (2003) que afirmam existir no processo de resolução da ambiguidade anafórica outros fatores que influenciam na escolha do antecedente, além da distância entre o termo anafórico e antecedente.

Tabela 2 - Média geral de tempo para responder ao teste 1.

| GRUPOS | TOTAL DE SENTENÇAS DE TESTE | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|--------------------------|-----------------------------|-------------------------------------|
| Jovens, Adultos e Idosos | 16 | 1834, 875 ms |

Fonte: autoria própria.

Os resultados dos dados apresentados sugerem que a média geral de tempo gasto para responder ao teste foi de 1834,875 ms, como pode ser observado por meio da Tabela 4.

Tabela 3 - Médias gerais de escolhas pelos candidatos a antecedente anafórico e de tempo de resposta ao teste nas sentenças de Teste que possuem relação lógica Adversativa no teste 1.

| RELAÇÃO LÓGICA DA SENTENÇA | TOTAL DE SENTENÇAS DE TESTE | VARIÁVEL | MÉDIA | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|----------------------------|-----------------------------|----------|-------|-------------------------------------|
| Adversativa | 2 | distal | 4.33 | 2.16383 ms |
| | | proximal | 9.00 | |

Fonte: Autoria própria.

Ao correlacionarmos os dados apresentados na Tabela 5 descobrimos que há indícios nos resultados de que a maioria das escolhas dos leitores dos grupos foi pelo antecedente na posição proximal da anáfora nas duas sentenças de Teste que trazem a relação lógica adversativa. Tal indício encontrado dialoga com os achados de Streb et. al (2004) que em um estudo encontraram resultados de que a distância mais curta tem a vantagem de permitir uma compreensão mais rápida se comparada às distâncias maiores, além de demandar menos custo em termos de memória de trabalho.

Além do aspecto mencionado anteriormente, há a sugestão nos resultados dos dados de que a relação lógica da sentença Adversativa também promova a influência da escolha pelo candidato a antecedente que ocupa a posição proximal da anáfora nas duas sentenças de Teste.

Uma explicação para esta constatação é a de que possivelmente as conjunções Adversativas presentes nas sentenças do teste geram expectativas no leitor sobre o rumo que vai tomando o discurso. Tais expectativas parecem funcionar como pistas decisivas para a escolha do antecedente mais indicado para resolver a anáfora pronominal, pois como afirma Godoy (2010) assim que o sujeito encontra uma expressão referencial, ele já terá antecipado quais referentes seriam possivelmente retomados naquele momento.

Apesar de tal constatação, salientamos que seria importante que em outro teste psicolinguístico fossem apresentadas a sujeitos submetidos às condições experimentais um número de sentenças de relação lógica Adversativa maior. O objetivo era o de que fosse possível observar se o candidato a antecedente anafórico na posição proximal da sentença teria novamente a tendência de ser mais escolhido do que o distal e se a relação lógica Adversativa teria influência em tal resultado.

Tabela 4 - Médias gerais de escolhas pelos candidatos a antecedente anafórico e de tempo de resposta ao teste nas sentenças de Teste de relação lógica Conclusiva do teste 1.

| RELAÇÃO LÓGICA DA SENTENÇA | TOTAL DE SENTENÇAS DE TESTE | VARIÁVEL | MÉDIA | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|----------------------------|-----------------------------|----------|-------|-------------------------------------|
| Conclusiva | 3 | distal | 9.00 | 1.28844 ms |
| | | proximal | 4.89 | |

Fonte: Autoria própria.

Na correlação dos dados apresentados na Tabela 6 descobrimos que os leitores dos três grupos optaram por escolher, em sua maioria, pelo candidato a antecedente anafórico na posição distal da anáfora nas 3 sentenças de Teste que possuem a relação lógica Conclusiva.

Além da posição canônica ocupada pelo candidato a antecedente anafórico na posição distal, ou seja, exercendo a função sintática de sujeito, há indícios nos resultados de que quando a sentença apresenta uma relação lógica Conclusiva existe a possibilidade de que o candidato antecedente anafórico a ser mais escolhido seja justamente o distal. Possivelmente as conjunções Conclusivas, existentes nas 3 sentenças de Teste, funcionam como predições para a escolha do antecedente distal geradas por este tipo de conjunção, pois conforme Kehler (2007) o processo de resolução pronominal depende de expectativas geradas sobre os trechos subsequentes de um texto e tais expectativas são dinamicamente atualizadas conforme o discurso vá se desdobrando.

Apesar dos indícios apresentados nos resultados, defendemos que sejam realizados testes inferenciais com um número maior de sentenças de Teste que contenham a relação lógica Conclusiva. O objetivo é o de que os dados coletados confirmem ou refutem os resultados apresentados neste estudo.

Tabela 5 - Médias gerais de escolhas pelos candidatos a antecedente anafórico e de tempo de resposta ao teste nas sentenças de Teste de relação lógica Explicativa do teste 1.

| RELAÇÃO LÓGICA DA SENTENÇA | TOTAL DE SENTENÇAS DE TESTE | VARIÁVEL | MÉDIA | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|----------------------------|-----------------------------|----------|-------|-------------------------------------|
| Explicativa | 11 | distal | 6.00 | 1.92394 ms |
| | | proximal | 7.58 | |

Fonte: Autoria própria.

Como pode ser observado através da Tabela 7, apesar do candidato a antecedente anafórico proximal ter obtido uma média de escolhas ligeiramente maior do que o candidato a antecedente anafórico distal nas tarefas das 11 sentenças de Teste que trazem a relação lógica Explicativa, observa-se nos resultados dos dados que não houve uma média de escolhas significativa por parte dos leitores dos três grupos a favor de um dos dois candidatos a

antecedente anafórico. As médias das escolhas podem ser consideradas como sendo uniformes.

Os resultados sugerem que a relação lógica Explicativa presente nas 11 sentenças de Teste não é um fator determinante para a escolha do candidato a antecedente anafórico.

Além da relação lógica de uma sentença, outras pistas linguísticas parecem ser mais influenciáveis para a resolução da ambiguidade anafórica, pois conforme Malheiros (2010) para o entendimento do processo de resolução anafórica torna-se necessário formular regras sintáticas que auxiliam a resolução da anáfora, além do entendimento da existência da relação entre os termos promovida pelo significado (uma teoria de correferência) o que torna o processo de resolução da anáfora também fundamentado na Semântica.

Ao correlacionarmos os dados sobre os tempos de resposta ao teste por meio dos dados sobre as três tipologias de relação lógica das sentenças de Teste descobrimos que há indícios nos resultados de que as sentenças que possuem a relação lógica Conclusiva obtiveram a menor média de tempo de resposta às tarefas do teste. A sugestão é a de que sentenças que possuem a relação lógica Conclusiva favorecem o processamento mais rápido da anáfora pronominal.

Além do achado mencionado anteriormente, descobrimos também que o candidato a antecedente anafórico distal obteve uma média maior de escolhas nas sentenças de Teste que trazem relação lógica Conclusiva e uma média de escolhas menor nas que apresentam a relação lógica Adversativa. Já o candidato a antecedente anafórico proximal obteve uma média de escolhas maior quando as sentenças de Teste possuem a relação lógica adversativa, em contrapartida, quando a relação lógica da sentença é Conclusiva as escolhas por tal antecedente foram as menores obtidas no teste.

Tabela 6 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico distal e de tempo de resposta ao teste nas sentenças de Teste que apresentam verbos de ação física no teste 1.

| CONSTRUÇÃO LINGUÍSTICA DA SENTENÇA | TIPO DE VERBO | VARIÁVEL | MÉDIA DE ESCOLHAS | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|------------------------------------|-----------------------|----------|-------------------|-------------------------------------|
| *SN1SVa1SN2 | ação física ou mental | distal | 6.42 | 1.68333 ms |

*Descrição da construção linguística: SN1 = Sintagma Nominal na posição distal da anáfora pronominal, SVa1 = Verbo de ação física ou mental, SN2 = Sintagma Nominal na posição proximal da anáfora pronominal.
Fonte: Autoria própria.

Os dados dispostos na Tabela 8 informam que no somatório geral dos dados dos três grupos a escolha pelo candidato a antecedente anafórico distal nas as 4 sentenças de Teste que trazem verbos de ação física ou mental obteve uma média de 6.42. A média de tempo de resposta ao teste, relativa a tais sentenças, foi de 1.68333 ms.

Tabela 7 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico proximal e de tempo de resposta ao teste nas sentenças de Teste que apresentam os verbos de ação física ou mental no teste 1.

| CONSTRUÇÃO LINGUÍSTICA DA SENTENÇA | TIPO DE VERBO | VARIÁVEL | MÉDIA DE ESCOLHAS | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|------------------------------------|-----------------------|----------|-------------------|-------------------------------------|
| *SN1SVa1SN2 | ação física ou mental | proximal | 7.33 | 1.68333 ms |

*Descrição da construção linguística: SN1 = Sintagma Nominal na posição distal da anáfora pronominal, SVa1 = Verbo de ação física ou mental, SN2 = Sintagma Nominal na posição proximal da anáfora pronominal.
Fonte: Autoria própria.

O candidato a antecedente anafórico proximal nas 4 sentenças de Teste que trazem verbos de ação física ou mental obteve uma média de escolhas de 7.33 por parte dos leitores dos três grupos. O tempo para responder ao teste foi de 1.68333 ms, como pode ser observado na Tabela 9

Correlacionamos os dados relativos às escolhas tanto pelo candidato a antecedente

anafórico distal quanto pelo proximal nas 4 sentenças de Teste que trazem verbos de ação física ou mental e descobrimos que há indícios nos resultados de que a diferença de escolhas por um dos candidatos a antecedente anafórico não foi significativa.

Apesar da existência nas condições experimentais de um tipo de verbo de ação física ou mental, ou seja, um verbo que expressa uma atividade realizada por um sujeito agente, um fazer por parte do sujeito, há indícios nos resultados de que a influência destas características não implicou em uma média de escolhas maior a favor justamente do candidato a antecedente anafórico que exerce a função de sujeito nas condições experimentais, o distal.

Em um viés teórico semântico a partir do pensamento de Chierchia (2003) entendemos que o verbo descreve um evento cujos argumentos desempenham papéis específicos, chamados de Papéis Temáticos.

Baseados em Zampoli (2003) para este estudo citaremos dois Papéis Temáticos comuns: Agente (o indivíduo que tem a iniciativa da ação, que tem controle sobre a ação) e Tema (o indivíduo ou objeto diretamente afetado pela ação). Nas condições experimentais apresentadas aos sujeitos submetidos a este teste o Agente seria o candidato a antecedente anafórico que ocupa a posição distal da anáfora, já o Tema seria o proximal.

Ao analisarmos as médias de escolha obtidas por ambos os antecedentes observamos que a decisão pelo antecedente anafórico mais indicado parece ser inerente ao tipo de verbo de ação física ou mental presente nas condições experimentais, apesar do padrão de desambiguação ter sido pelo antecedente proximal.

Devido ao pequeno número de sentenças de Teste defendemos que testes inferências sejam realizados com um número maior de sentenças de Teste que contenham verbos de ação física ou mental para que seja comprovada ou refutada influência desta variável na investigação do processo de resolução de ambiguidade anafórica pronominal.

Tabela 8 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico distal e de tempo de resposta ao teste nas sentenças de Teste que apresentam verbos de ação processo no teste 1.

| CONSTRUÇÃO LINGÜÍSTICA DA SENTENÇA | TIPO DE VERBO | VARIÁVEL | MÉDIA DE ESCOLHAS | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|------------------------------------|---------------|----------|-------------------|-------------------------------------|
| **SN1SVbSN2 | ação processo | distal | 6.33 | 1.88525 ms |

* Descrição da construção linguística: SN1 = Sintagma Nominal na posição distal da anáfora pronominal, SVb = Verbo que expressa mudança de estado ou de condição levada a efeito por um sujeito ativo e causativo, SN2 = Sintagma Nominal na posição proximal da anáfora pronominal.

Fonte: Autoria própria.

As 12 sentenças de Teste que possuem verbos de ação processo obtiveram uma média de escolhas pelo candidato a antecedente anafórico distal de 6.33 por parte dos leitores dos três grupos. Como informa a Tabela 10, o tempo em média de resposta ao teste nas mesmas sentenças foi de 1.88525 ms.

Tabela 9 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente proximal e de tempo de resposta ao teste nas sentenças de Teste que apresentam verbos de ação processo no teste 1.

| CONSTRUÇÃO LINGÜÍSTICA DA SENTENÇA | TIPO DE VERBO | VARIÁVEL | MÉDIA DE ESCOLHAS | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|------------------------------------|---------------|----------|-------------------|-------------------------------------|
| **SN1SVbSN2 | ação processo | proximal | 7.22 | 1.88525 ms |

*Descrição da construção linguística: SN1 = Sintagma Nominal na posição distal da anáfora pronominal, SVb = Verbo que expressa mudança de estado ou de condição levada a efeito por um sujeito ativo e causativo, SN2 = Sintagma Nominal na posição proximal da anáfora pronominal.

Fonte: Autoria própria.

As 12 sentenças de Teste que possuem verbos de ação processo obtiveram uma média de escolhas pelo candidato a antecedente anafórico proximal de 7.22 por parte dos leitores dos três grupos. O tempo em média de resposta ao teste nas mesmas sentenças foi de 1.88525 ms, como podemos observar por meio da Tabela 11.

Ao correlacionamos os dados dispostos na Tabela 10 e Tabela 11, relativos às escolhas

pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal nas 12 sentenças de Teste que possuem verbos de ação processo, descobrimos que os resultados sugerem que a diferença entre as médias de escolhas não foi significativa. Na verdade, os dados informam que existe uma ligeira vantagem de números absolutos a favor da escolha pelo candidato a antecedente anafórico proximal, sendo o padrão de desambiguidade este antecedente.

Por meio da análise dos dados apresentados descobrimos que há indícios nos resultados de que a existência de verbos de ação processo nas 12 sentenças de Teste não é uma pista linguística determinante para a escolha por um dos dois candidatos a antecedente anafórico. Apesar deste tipo de verbo ter como característica representar uma ação realizada por um sujeito agente, (nas sentenças deste teste o antecedente anafórico que ocupa a posição distal da anáfora) e causação ocorrida por um sujeito acusativo, cuja ação verbal afeta o complemento (nas sentenças de Teste o antecedente anafórico que ocupa a posição proximal da anáfora), esta propriedade não significou uma média de escolha a favor do candidato a antecedente distal.

Acreditamos que a desambiguação da anáfora pronominal nas condições experimentais do teste por meio dos tipos de verbo de ação física ou mental e de ação processo possivelmente seja é determinada por outros fatores, como por exemplo: a ordem dos constituintes. Para tal constatação nos valem da Hipótese Multifatorial proposta por Kaiser & Trueswell (2008) que consideram a existência de diferentes fatores linguísticos a serem considerados quando da resolução anafórica.

Ao correlacionarmos os dados relativos ao tempo de resposta ao teste tanto nas 4 sentenças de Teste que apresentam verbos de ação física ou mental quanto nas 12 que apresentam verbos de ação processo descobrimos que existem tendências nos resultados de que as sentenças de Teste que apresentam verbos de ação física ou mental obtêm um tempo menor de resposta por parte dos leitores do grupo, em relação as 4 sentenças de Teste que possuem ação processo.

Sugerimos que na investigação do processo de resolução anafórica testes inferenciais sejam realizados contendo condições experimentais em que existam verbos que possuam características diferentes das existentes em nosso estudo, como por exemplo, verbos transitivos indiretos. O objetivo é para que seja observado se os resultados das médias obtidas dialogam com os achados encontrados em nossa pesquisa, pois as condições experimentais apresentadas aos sujeitos neste estudo privilegiaram o uso de verbos transitivos diretos.

Tabela 10 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando o Traço Semântico + Animado e de tempo de resposta ao teste 1.

| CONDIÇÕES EXPERIMENTAIS | VARIÁVEL | MÉDIAS DE ESCOLHAS | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|---------------------------|----------|--------------------|-------------------------------------|
| D:+ Animado, P: + Animado | distal | 8.42 | 1.59517 ms |
| D:+ Animado, P: + Humano | | | |
| D:+ Animado, P: - Animado | proximal | 5.17 | |
| D:+Animado, P: + Coletivo | | | |

Fonte: Autorial própria.

O candidato a antecedente anafórico na posição distal da anáfora carregando o Traço Semântico + Animado obteve uma média maior de escolhas nas 4 condições experimentais, comparado ao candidato a antecedente anafórico carregando os traços semânticos: + Animado, + Humano, - Animado ou Coletivo, estes ocupando a posição proximal da anáfora.

O tempo de resposta ao teste na escolha por um dos dois candidatos a antecedente anafórico foi o mesmo, 1.59517ms, como podemos observar por meio da Tabela 12.

Correlacionamos os dados e descobrimos que há indícios nos resultados de que o traço de animacidade¹¹ +Animado possivelmente tem efeito sobre a escolha do antecedente anafórico distal nas condições experimentais do teste. As escolhas dos sujeitos parecem ter sido baseadas na escala de animacidade, a qual entidades humanas estão num extremo da escala, sendo, portanto, mais animadas entre todas as entidades animadas e que entidades não animadas estão no extremo oposto. Desta forma, acreditamos que tal escala influencia a escolha do antecedente pelo fato da escala de animacidade ter origem na representação mental das diferentes entidades do discurso, pois como afirma McDonald Et. al (1993) entidades animadas estão mais acessíveis do que entidades não animadas, uma relação que acaba influenciando a escolha por antecedentes que carregam a informação de animados.

¹¹A animacidade é uma propriedade extralinguística, mas que exerce um papel importante nas línguas naturais. Esta propriedade pode ser definida como sendo uma hierarquia entre elementos, que vai do mais alto ao mais baixo grau de animacidade, ou seja, entre os elementos humano>animal>inanimado. Comrie (1981).

Tabela 11 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora carregando o Traço Semântico + Animado e de tempo de resposta ao teste 1.

| CONDIÇÕES EXPERIMENTAIS | VARIÁVEL | MÉDIA DE ESCOLHAS | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|----------------------------|----------|-------------------|-------------------------------------|
| D:+ Animado, P: + Animado | distal | 6.50 | 1.69042 ms |
| D:+ Humano, P: + Animado | proximal | 7.33 | |
| D: - Animado, P: + Animado | | | |
| D: Coletivo, P: + Animado | | | |

Fonte: Autoria própria.

O candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora carregando o Traço Semântico + Animado obteve uma média de escolhas de 7.33 nas 4 condições experimentais.

Já o candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando os Traços Semânticos: + Animado, + Humano, - Animado ou Coletivo obteve uma média de 6.50 das escolhas. Como informa a Tabela 13, o tempo de resta ao teste na escolha por um dos dois candidatos a antecedente anafórico foi de 1.69042 ms, ou seja, o mesmo.

Correlacionamos os dados da Tabela 13 e descobrimos que há a sugestão de que diferença de média de escolha por um dos dois candidatos a antecedente anafórico não foi significativa. Desta forma, o Traço Semântico + Animado parece não ter sido determinante para a escolha do candidato a antecedente proximal. Quando este fenômeno linguístico acontece partimos do entendimento de que o Traço Semântico não possui efeito na escolha.

No caso específico dos dados apresentados na Tabela 13 o proximal é o padrão de desambiguação. Em contrapartida, os demais traços ativaram ou inibiram esse padrão.

Sobre a hipótese experimental de que quando a escolha pelo antecedente ocorrer entre um candidato a antecedente anafórico que carrega o Traço Semântico + Animado e outro que carregue o Traço Semântico - Animado, independente da posição que o candidato a antecedente anafórico que carrega o Traço Semântico +Animado estiver na sentença, será este o Traço Semântico escolhido, há indícios nos resultados da análise dos dados disponibilizados de que quando a escolha pelo candidato a antecedente anafórico ocorreu entre os que carregam o Traço Semântico + Animado na posição distal e um de Traço Semântico - Animado na posição proximal, este último obteve uma média de escolhas de

5.17, ou seja, a escolha pelo candidato a antecedente anafórico que carrega Traço Semântico + Animado, independente de sua posição para a anáfora, não foi unânime.

Sobre a hipótese experimental de que quando os Traços Semânticos dos candidatos a antecedente anafórico forem os mesmos o leitor optará pelo antecedente que ocupa posição distal da anáfora. O que os resultados obtidos por meio da análise dos dados informam é que quando a escolha pelo candidato a antecedente anafórico ocorreu entre os que carregam o mesmo Traço Semântico, ou seja, + Animado, a escolha pelo candidato a antecedente anafórico que ocupa a posição distal da anáfora não foi unânime, havendo uma ligeira vantagem de escolhas pelo candidato a antecedente proximal.

Uma possível explicação para as constatações das descobertas nos dois casos é a de que além do acionamento de pistas semânticas, o leitor também faz o uso de outras pistas linguísticas para resolver uma ambiguidade anafórica pronominal. A média de escolhas a favor do candidato a antecedente anafórico que ocupa a posição distal da anáfora carregando o Traço Semântico + Animado, ou diferente deste, pode ter motivações relacionadas a ordem estrutural da sentença, pois como Morgado (2013) independentemente da forma pronominal da expressão anafórica e do papel temático do antecedente, o sujeito da primeira frase é sempre retomado, ou seja, a posição estrutural é sempre determinante. Esta característica acaba influenciando na escolha do antecedente que ocupa a posição distal da anáfora, isto porque em termos sintáticos esta é a posição estruturante da sentença.

Correlacionamos os dados apresentados na Tabela 12 com os dados da Tabela 13 e descobrimos que há indícios nos resultados de que a presença de um Traço Semântico + Animado tanto em um antecedente anafórico que ocupe a posição distal da anáfora quanto proximal não significa um tempo maior ou menor para resolver uma ambiguidade anafórica, pois as médias de tempo de resposta ao teste apresentadas são praticamente uniformes.

Tabela 12 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando o Traço Semântico + Humano e de tempo de resposta ao teste 1.

| CONDIÇÕES EXPERIMENTAIS | VARIÁVEL | MÉDIA DE ESCOLHAS | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|--------------------------|----------|-------------------|-------------------------------------|
| D:+ Humano, P: + Humano | distal | 7.17 | |
| D:+ Humano, P: + Animado | | | 2.00075 ms |
| D:+ Humano, P: - Animado | proximal | 6.33 | |
| D:+ Humano, P: Coletivo | | | |

Fonte: Autoria própria.

Como podemos observar por meio da Tabela 14, o candidato a antecedente anafórico distal carregando o Traço Semântico + Humano nas 4 condições experimentais obteve uma média geral de escolhas maior, em comparação ao candidato a antecedente anafórico proximal carregando os Traços Semânticos: + Humano, + Animado, - Animado ou Coletivo. A média de tempo para responder às tarefas foi de do teste 2.00075 ms.

Correlacionamos os dados apresentados na Tabela 14 e descobrimos que a diferença na média de escolhas tanto pelo candidato a antecedente anafórico distal que carrega o Traço Semântico + Humano quanto pelo candidato a antecedente anafórico proximal carregando os Traços Semânticos: + Humano, + Animado, - Animado ou Coletivo não é significativa.

Há indícios nos dados analisados de que o Traço Semântico + Humano não seja determinante para a escolha do antecedente distal nem do proximal, apesar da pequena média a favor da escolha do candidato a antecedente anafórico distal poder ter sido influenciada pelo traço de animacidade + Humano.

Acreditamos que as escolhas a favor do antecedente distal são influenciadas por outras pistas linguísticas, como por exemplo, pelas escalas hierárquica sintática e de acessibilidade, pois como defende Morgado et. al (2018), nesta relação pode-se inferir que o sujeito (a função sintática do antecedente distal) sendo a função sintática mais proeminente, e consequentemente mais acessível, é preferencialmente interpretado como correferente com a forma mais reduzida da língua, neste estudo um pronome anafórico. No caso específico dos dados apresentados na Tabela 14, o distal é o padrão de desambiguação e os demais traços

ativaram ou inibiram esse padrão.

Sobre a hipótese experimental de que quando a escolha pelo antecedente ocorrer entre um candidato a antecedente anafórico que carrega o Traço Semântico + Humano e outro que carrega o Traço Semântico diferente, independente da posição que o candidato a antecedente anafórico que carrega o Traço Semântico + Humano ocupe na sentença, este será o Traço Semântico escolhido, observamos que ora este Traço Semântico foi escolhido ora a escolha dos sujeitos dos grupos foi por um Traço Semântico diferente do +Humano.

Sobre a hipótese experimental de que quando os Traços Semânticos dos candidatos a antecedente anafórico forem os mesmos o leitor optará pelo antecedente que ocupa posição distal da anáfora. O que os resultados obtidos por meio da análise dos dados informam é que quando a escolha pelo candidato a antecedente anafórico ocorreu entre os que carregam o mesmo Traço Semântico, ou seja, + Humano, a escolha pelo candidato a antecedente anafórico que ocupa a posição distal da anáfora não foi unânime, havendo uma ligeira média de escolhas a favor de tal candidato a antecedente anafórico.

Tabela 13 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora carregando o Traço Semântico + Humano e de tempo de resposta ao teste 1.

| CONDIÇÕES EXPERIMENTAIS | VARIÁVEL | MÉDIA DE ESCOLHAS | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|---------------------------|----------|-------------------|-------------------------------------|
| D:+ Humano, P: + Humano | distal | 4.92 | |
| D:+ Animado, P: + Humano | proximal | 8.75 | 2.12483 ms |
| D:- Animado, P: + Humano | | | |
| D: Coletivo, P : + Humano | | | |

Fonte: Autoria própria.

Os dados sobre a média de escolhas dos participantes dos três grupos apresentados na Tabela 15 sugerem que o candidato a antecedente anafórico que ocupa a posição proximal da anáfora nas 4 condições experimentais do teste carregando o Traço Semântico + Humano obteve uma média de escolhas maior, em comparação ao candidato a antecedente anafórico distal carregando os Traços Semânticos: + Humano, + Animado, - Animado ou Coletivo nas condições experimentais, que obteve uma média de escolhas de 4.92. Como pode ser

observado na Tabela 15, a média de tempo para responder às tarefas do teste foi de 2.12483 ms.

Correlacionarmos os dados da Tabela 15 e descobrimos que há inícios nos resultados de que o Traço Semântico + Humano, carregado pelo candidato a antecedente anafórico na posição proximal da anáfora, seja uma informação semântica que influencia sua escolha para resolver a ambiguidade anafórica.

Possivelmente a maior média de escolhas dos sujeitos pelo candidato a antecedente anafórico proximal carregando o Traço Semântico + Humano foi guiada pela escala hierárquica dos elementos de animacidade, isto porque conforme Yamamoto (1999) entidades humanas estão num extremo da escala (são as mais animadas entre todas as entidades animadas).

Sobre a hipótese de que quando a escolha pelo antecedente ocorrer entre um candidato a antecedente anafórico que carrega o Traço Semântico + Humano e outro que carrega o Traço Semântico diferente, independente da posição que o candidato a antecedente anafórico que carrega o Traço Semântico + Humano ocupe na sentença, este será o Traço Semântico escolhido, os resultados da análise dos dados informam que ora foi escolhido o Traço Semântico + Humano ora foi escolhido pelos sujeitos outro traço diferente.

Sobre a hipótese experimental de que quando os Traços Semânticos dos candidatos a antecedente anafórico forem os mesmos o leitor optará pelo antecedente que ocupa posição distal da anáfora. O que os resultados obtidos por meio da análise dos dados informam é que quando a escolha pelo candidato a antecedente anafórico ocorreu entre os que carregam o mesmo Traço Semântico, ou seja, + Humano, a escolha pelo candidato a antecedente anafórico que ocupa a posição distal da anáfora não foi unânime, havendo uma média maior de escolhas pelo candidato a antecedente proximal.

Correlacionamos as médias sobre o tempo de resposta disponibilizadas na Tabela 14 e na Tabela 15 e descobrimos que a diferença as médias dos tempos não são significativas. Há indícios nos resultados dos dados de que possivelmente a posição ocupada pelo antecedente anafórico carregando o Traço Semântico + Humano não significa um tempo menor ou maior de processamento da anáfora.

Tabela 14 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando o Traço Semântico - Animado e de tempo de resposta ao teste 1.

| CONDIÇÕES EXPERIMENTAIS | VARIÁVEL | MÉDIA DE ESCOLHAS | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|----------------------------|----------|-------------------|-------------------------------------|
| D: - Animado, P: - Animado | distal | 6.17 | 2.13792 ms |
| D:- Animado, P: + Humano | | | |
| D:- Animado, P: + Animado | proximal | 7.08 | |
| D:- Animado, P: Coletivo | | | |

Fonte: Autoria própria.

Como pode ser observado na Tabela 16, o candidato a antecedente anafórico distal carregando Traço Semântico - Animado nas 4 condições experimentais do teste obteve uma média geral de escolhas menor do que o candidato a antecedente anafórico proximal carregando os Traços Semânticos - Animado, + Humano, + Animado ou Coletivo. Apesar desta informação, podemos entender que a diferença das médias não é significativa. O tempo de resposta ao teste foi de 2.13792 ms.

Correlacionamos os dados da Tabela 16 e descobrimos que os resultados sugerem que o traço - Animado não é determinante para a escolha do candidato a antecedente distal. Há indícios de que possivelmente outras pistas linguísticas são mais determinantes para a resolução da ambiguidade anafórica por parte dos leitores, como por exemplo, pistas linguísticas sintáticas e fatores pragmáticos (frutos do conhecimento de mundo dos leitores) que também têm uma função decisiva na resolução pronominal, pois conforme Nicol (1998) possivelmente questões de ordem pragmática também possuem um papel determinante para a efetivação de tal processo através do módulo da correferência¹².

Tal módulo determina quais os referentes potenciais (os candidatos a antecedente anafórico) de um item dependente referencialmente (a anáfora pronominal) para acessá-los e estabelecer a correferência apropriada. Desta forma, o processo de escolha do antecedente anafórico referindo-se à anáfora é uma área em que a pragmática pode influenciar o

¹² O módulo da correferência constituiria, por conseguinte, um estágio intermediário entre processos estritamente estruturais (sintáticos) e processos interpretativos. Leitão e Maia (2005).

processador.

Sobre a hipótese de que quando a escolha pelo antecedente ocorrer entre um candidato a antecedente anafórico que carrega o Traço Semântico - Animado e outro candidato a antecedente anafórico de Traço Semântico diferente, o leitor irá optar pelo candidato a antecedente anafórico de Traço Semântico diferente do - Animado, há indícios nos resultados de que houve uma média de escolhas tanto pelo candidato a antecedente anafórico com o Traço Semântico - Animado quanto por um candidato a antecedente anafórico proximal de Traço Semântico - Animado, + Humano, + Animado ou Coletivo.

Para a hipótese experimental de que quando os Traços Semânticos dos candidatos a antecedente anafórico forem os mesmos o leitor optará pelo antecedente que ocupa posição distal da anáfora, há indícios nos resultados de que quando o Traço Semântico dos candidatos a antecedente anafórico é o - Animado não há uma diferença significativa a favor do que ocupa a posição distal para a anáfora nas condições experimentais do teste.

Tabela 15 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora carregando o Traço Semântico - Animado e de tempo de resposta ao teste 1.

| CONDIÇÕES EXPERIMENTAIS | VARIÁVEL | MÉDIA DE ESCOLHAS | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|----------------------------|----------|-------------------|-------------------------------------|
| D: - Animado, P: - Animado | distal | 8.08 | 1.74533 ms |
| D:+ Humano, P: - Animado | | | |
| D:+ Animado, P: - Animado | proximal | 5.25 | |
| D: Coletivo, P: - Animado | | | |

Fonte: A autoria própria.

Os dados sobre a média de escolhas dos participantes dos três grupos informam que o candidato a antecedente anafórico que ocupa a posição proximal da anáfora carregando o Traço Semântico - Animado obteve uma média de escolhas menor do que o candidato a antecedente anafórico distal carregando os Traços Semânticos: - Animado, + Humano, + Animado ou Coletivo.

Os resultados apresentados sugerem que a escala de animacidade influenciou as escolhas dos sujeitos, pois conforme Yamamoto (1999) as entidades não animadas estão no

extremo oposto da escala, um fator que possivelmente impacta no resultado de média menor da escolha por um antecedente que carregue o Traço semântico - Animado, o que foi observado nos dados apresentados, isto porque o candidato a antecedente anafórico carregando o Traço Semântico -Animado obteve uma média de escolhas menor, em comparação aos candidatos a antecedente anafórico de Traço Semântico diferente.

Sobre a hipótese experimental de que quando a escolha pelo antecedente ocorrer entre um candidato a antecedente anafórico que carrega o Traço Semântico - Animado e outro candidato a antecedente anafórico de Traço Semântico diferente, o leitor irá optar pelo candidato a antecedente anafórico de Traço Semântico diferente do - Animado, os resultados obtidos sugerem que o candidato a antecedente anafórico -Animado obteve uma média de escolhas a seu favor para resolver a ambiguidade anafórica nas sentenças do teste.

Com relação a hipótese experimental de que quando os Traços Semânticos dos candidatos a antecedente anafórico forem os mesmos o leitor optará pelo antecedente que ocupa posição distal da anáfora, o que descobrimos é que o candidato a antecedente anafórico que ocupa a posição proximal carregando o mesmo Traço Semântico do distal, ou seja, o - Animado, obteve uma média de escolhas por parte dos submetidos ao teste.

Correlacionamos os dados sobre os tempos de resposta das tarefas dispostos na Tabela 16 e Tabela 17 e descobrimos que os resultados sugerem o candidato a antecedente anafórico proximal carregando o traço semântico - Animado obteve um tempo de resposta ao teste mais rápida.

Tabela 16 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando o Traço Semântico Coletivo e de tempo de resposta ao teste 1.

| CONDIÇÕES EXPERIMENTAIS | VARIÁVEL | MÉDIA DE ESCOLHAS | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|---------------------------|----------|-------------------|-------------------------------------|
| D: Coletivo, P: Coletivo | distal | 3.67 | |
| D: Coletivo, P: + Humano | | | 1.60525 ms |
| D: Coletivo, P: + Animado | proximal | 10.42 | |
| D: Coletivo, P: - Animado | | | |

Fonte: Autoria própria.

Como podemos observar por meio dos dados apresentados na Tabela 18, a média de escolhas pelo candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando o Traço semântico Coletivo foi menor, em relação as escolhas pelo candidato a antecedente anafórico proximal carregando os Traços semânticos Coletivo, + Humano, + Animado e - Animado. O tempo de resposta ao teste foi de 1.60525 ms.

Percebe-se por meio dos resultados das médias de escolhas que a informação do Traço Semântico Coletivo parece não ter efeito sobre as escolhas do candidato a antecedente distal da anáfora no teste.

Há indícios nos dados de que os leitores dos grupos optaram por uma média de escolhas a favor dos Traços Semânticos diferentes do Coletivo influenciados pela escala animacidade. Possivelmente os Traços Semânticos dos candidatos a antecedente anafórico proximal da anáfora possuem maior grau de animacidade do que o traço Coletivo.

Além do aspecto mencionado anteriormente, outra possível motivação para a média maior em favor dos Traços Semânticos Humano, + Animado e - Animado pode ter sido de ordem gramatical, sob influência de aspectos de concordância de número dos substantivos com o pronome anafórico. Acreditamos que pelo fato de que a informação de número dos substantivos coletivos existentes nas condições experimentais do teste remeter a ideia de plural, possivelmente a concordância de número de tais substantivos com a anáfora pode ter sido afastada pelos sujeitos leitores, devido ao fato de que as retomadas anafóricas existentes encontram-se no singular.

O fato dos Traços Semânticos Humano, + Animado e - Animado fazerem menção a substantivos singulares possibilita uma média de escolhas maior por tais Traços semânticos para realizar a concordância gramatical de número com as anáforas pronominais que estão no singular. Além deste aspecto, reforçamos também que o efeito de distância parece ter contribuído para a média maior de escolhas pelo candidato a antecedente mais próximo da retomada anafórica.

Para a hipótese de que quando os Traços Semânticos dos candidatos a antecedentes forem os mesmos o leitor optará pelo antecedente que ocupa posição distal da anáfora, o que os a análise dos dados sugere é que os leitores optaram por uma média de escolhas bem maior pelo candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora carregando o Traço Semântico Coletivo.

Tabela 17 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora carregando o Traço semântico Coletivo e de tempo de resposta ao teste 1.

| CONDIÇÕES EXPERIMENTAIS | VARIÁVEL | MÉDIA DE ESCOLHAS | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|--------------------------|----------|-------------------|-------------------------------------|
| D: Coletivo, P: Coletivo | distal | 5.92 | 1.77850 ms |
| D:+ Humano, P: Coletivo | proximal | 7.67 | |
| D:+Animado, P: Coletivo | | | |
| D:- Animado, P: Coletivo | | | |

Fonte: Autoria própria.

Os dados apresentados na Tabela 19 informam que o candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora carregando Traço Semântico Coletivo obteve uma média de escolhas maior, em comparação com candidato a antecedente anafórico distal carregando os Traços Semânticos + Humano, + Animado, - Animado ou Coletivo. O tempo médio de resposta ao teste foi de 1.77850 ms.

Correlacionamos os dados apresentados na Tabela 19 e descobrimos que a diferença entre as médias não é significativa, um indício de que a informação semântica do traço Coletivo carregada pelo candidato a antecedente anafórico proximal nas condições experimentais do teste não possui efeito sobre as escolhas dos sujeitos no teste, apesar da média de escolhas maior a favor de tal antecedente. No teste o padrão de desambiguação é o candidato a antecedente anafórico que ocupa a posição proximal da anáfora carregando o Traço Semântico Coletivo.

Há a sugestão de que outras pistas parecem ser ter sido mais determinantes para a resolução da ambiguidade anafórica nas 4 condições experimentais do teste, como por exemplo, o Efeito de Distância, pois o candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora obteve uma média de escolhas maior em comparação com o distal.

Sobre a hipótese de que quando os Traços Semânticos dos candidatos a antecedentes forem os mesmos o leitor optará pelo antecedente que ocupa posição distal da anáfora, os dados apresentados sugerem que quando a escolha pelo antecedente anafórico ocorreu entre dois candidatos que possuem o mesmo Traço Semântico, ou seja, o Coletivo, houve uma média de escolhas maior pelo candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora.

Correlacionamos os dados sobre a média de tempo para responder aos testes e descobrimos que há indícios nos resultados de que a média de tempo menor foi quando os leitores dos três grupos optaram pelo candidato a antecedente anafórico que carrega o Traço Semântico Coletivo ocupando a posição distal da anáfora pronominal.

Tabela 18 - Médias gerais de escolhas pelo Traço Semântico + Animado sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal no teste 1.

| GRUPOS | NÚMERO DE SENTENÇAS DE TESTE | TRAÇO SEMÂNTICO | VARIÁVEL | MÉDIA DE ESCOLHAS |
|--------------------------|------------------------------|-----------------|----------|-------------------|
| Jovens, Adultos e Idosos | 7 | + Animado | distal | 8.42 |
| | | | proximal | 7.33 |

Fonte: Autoria própria.

Como pode ser observado por meio da Tabela 20, o candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando o Traço semântico + Animado anáfora nas 7 sentenças de Teste obteve uma média de escolhas maior do que quando ocupando a posição proximal.

Tabela 19 - Médias gerais de escolhas pelo Traço Semântico + Humano sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal no teste 1.

| GRUPOS | NÚMERO DE SENTENÇAS DE TESTE | TRAÇO SEMÂNTICO | VARIÁVEL | MÉDIA DE ESCOLHAS |
|--------------------------|------------------------------|-----------------|----------|-------------------|
| Jovens, Adultos e Idosos | 7 | + Humano | distal | 7.17 |
| | | | proximal | 8.75 |

Fonte: Autoria própria.

O candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando o Traço Semântico + Animado nas 7 sentenças de Teste obteve uma média de escolhas menor do que quando ocupando a posição proximal, como podemos observar por meio da Tabela 21.

Tabela 20 - Médias gerais de escolha pelo Traço Semântico - Animado sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal no teste 1.

| GRUPOS | NÚMERO DE SENTENÇAS DE TESTE | TRAÇO SEMÂNTICO | VARIÁVEL | MÉDIA DE ESCOLHAS |
|--------------------------|------------------------------|-----------------|----------|-------------------|
| Jovens, Adultos e Idosos | 7 | - Animado | distal | 6.17 |
| | | | proximal | 5.25 |

Fonte: Autoria própria.

Nas 7 sentenças de Teste a média de escolhas pelos candidatos a antecedente anafórico distal carregando o Traço Semântico – Animado foi maior do que quando ocupando a posição proximal, como informam os dados apresentados na Tabela 22.

Tabela 21 - Médias gerais de escolha pelo Traço Semântico Coletivo sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal no teste 1.

| GRUPOS | NÚMERO DE SENTENÇAS DE TESTE | TRAÇO SEMÂNTICO | VARIÁVEL | MÉDIA DE TEMPO ESCOLHAS |
|--------------------------|------------------------------|-----------------|----------|-------------------------|
| Jovens, Adultos e Idosos | 7 | Coletivo | distal | 3.67 |
| | | | proximal | 7.67 |

Fonte: Autoria própria.

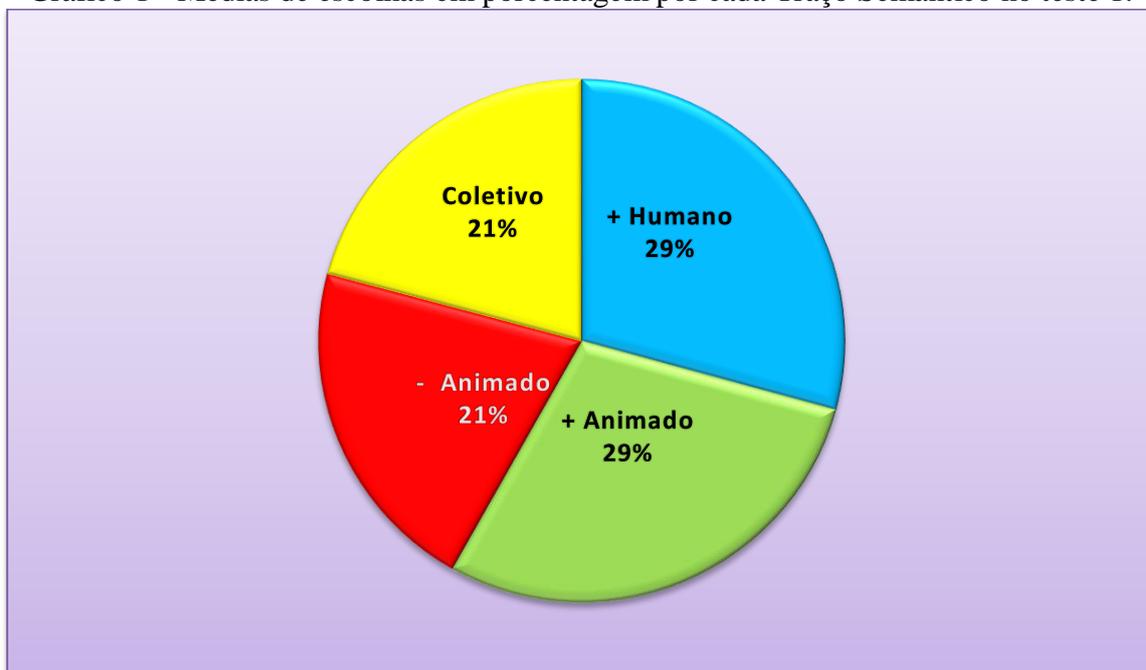
Como podemos observar por meio da Tabela 23, a média de escolhas pelo candidato a antecedente anafórica distal carregando o Traço Semântico Coletivo foi menor do que quando ocupando a posição proximal nas 7 sentenças de teste.

Correlacionamos os dados dispostos na Tabela 20, Tabela 21, Tabela 22 e Tabela 23, relativos às médias de escolhas pelo candidato a antecedente anafórico de mesmo Traço Semântico e descobrimos que há indícios de que os Traços Semânticos +Humano, +Animado e - Animado obtiveram uma média de escolhas uniforme ocupando a posição distal ou proximal da anáfora. Já o Traço Semântico Coletivo apresentou uma média de escolhas maior ocupando a posição proximal da anáfora nas 7 sentenças de Teste.

Os Traços Semânticos +Humano e Coletivo tiveram por *default* a posição proximal da anáfora nas sentenças de Teste. No caso dos Traços Semânticos + Animado e - Animado o padrão de *default* é a posição distal.

O Gráfico 1 apresenta os resultados em porcentagem sobre as médias de escolha por Traço Semântico no teste a partir da correlação dos dados informados na Tabela 20, Tabela 21, Tabela 22 e Tabela 23.

Gráfico 1 - Médias de escolhas em porcentagem por cada Traço Semântico no teste 1.



Fonte: Autoria própria.

Correlacionamos os resultados sobre as médias de escolhas e descobrimos que os Traços Semânticos mais escolhidos no teste foram o + Humano e o + Animado, ambos com uma porcentagem de 29 % de escolhas. Os menos escolhidos foram os Traços Semânticos - Animado e Coletivo, cada um com 21 % de escolhas.

Os resultados apresentados por meio do Gráfico 1 sugerem que a escala de animacidade influenciou as escolhas dos sujeitos submetidos ao teste, pois os Traços Semânticos de maior grau de animacidade na escala foram os mais escolhidos, ou seja, o + Humano e +Animado.

Tabela 22 - Médias gerais de tempo de resposta ao teste na escolha pelo Traço Semântico + Animado sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal no teste 1.

| GRUPOS | NÚMERO DE SENTENÇAS DE TESTE | TRAÇO SEMÂNTICO | VARIÁVEL | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|--------------------------|------------------------------|-----------------|----------|-------------------------------------|
| Jovens, Adultos e Idosos | 7 | + Animado | distal | 1.59517ms |
| | | | proximal | 1.69042 ms |

Fonte: Autoria própria.

Nas 7 sentenças de Teste a média de tempo de resposta ao teste na escolha pelo Traço Semântico + Animado sendo carregado pelo candidato a antecedente anafórico distal foi menor do que quando carregado pelo candidato a antecedente anafórico proximal, como podemos observar por meio da Tabela 24.

Tabela 23 - Médias gerais de tempo de resposta ao teste na escolha pelo Traço Semântico + Humano sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal no teste 1.

| GRUPOS | NÚMERO DE SENTENÇAS DE TESTE | TRAÇO SEMÂNTICO | VARIÁVEL | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|--------------------------|------------------------------|-----------------|----------|-------------------------------------|
| Jovens, Adultos e Idosos | 7 | + Humano | distal | 2.00075ms |
| | | | proximal | 2.12483 ms |

Fonte: Autoria própria.

Como pode ser observado na Tabela 25 a média de tempo de resposta ao teste na escolha pelo Traço Semântico +Humano sendo carregado pelo candidato a antecedente anafórico distal foi menor do que quando ocupando a posição proximal nas 7 sentenças de Teste.

Tabela 24 - Médias gerais de tempo de resposta ao teste na escolha pelo Traço Semântico - Animado sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal no teste 1.

| GRUPOS | NÚMERO DE SENTENÇAS DE TESTE | TRAÇO SEMÂNTICO | VARIÁVEL | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|--------------------------|------------------------------|-----------------|----------|-------------------------------------|
| Jovens, Adultos e Idosos | 7 | - Animado | distal | 2.13792ms |
| | | | proximal | 1.74533ms |

Fonte: Autoria própria.

Conforme os dados dispostos na Tabela 26 a média de tempo de resposta ao teste na pelo Traço Semântico - Animado sendo carregado pelo candidato a antecedente anafórico distal foi maior do que quando ocupando a posição proximal nas 7 sentenças de Teste.

Tabela 25 – Médias gerais de tempo de resposta ao teste na escolha pelo Traço Semântico Coletivo sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal no teste 1.

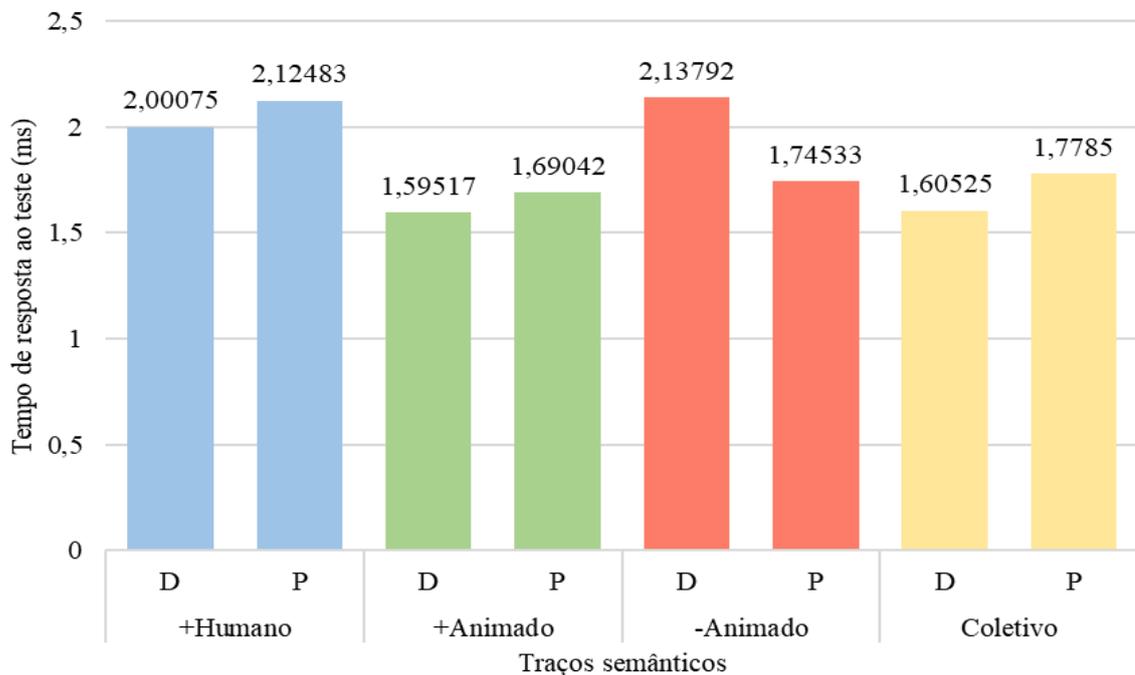
| GRUPOS | NÚMERO DE SENTENÇAS DE TESTE | TRAÇO SEMÂNTICO | VARIÁVEL | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|--------------------------|------------------------------|-----------------|----------|-------------------------------------|
| Jovens, Adultos e Idosos | | Coletivo | distal | 1.60525ms |
| | | | proximal | 1.77850ms |

Fonte: Autoria própria.

Como informa a Tabela 27, o Traço Semântico Coletivo sendo carregado pelo candidato a antecedente anafórico distal nas 7 sentenças de Teste obteve um tempo médio de escolha menor do que quando ocupando a posição proximal.

O Gráfico 2 apresenta as médias de tempo de escolha de cada Traço Semântico sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal da anáfora pronominal nas condições experimentais do teste 1.

Gráfico 2 - Médias de tempo de escolha de cada Traço Semântico sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal da anáfora pronominal nas condições experimentais do teste 1.



D: Candidato a antecedente anafórico distal.

P: Candidato a antecedente anafórico proximal.

Fonte: Autoria própria.

Realizamos a correlação dos dados sobre as médias de tempo de resposta ao teste na escolha por cada Traço Semântico sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal nas condições experimentais do teste 1. Os resultados obtidos sugerem que os Traços Semânticos +Humano, +Animado e Coletivo carregados pelo candidato a antecedente anafórico distal obtiveram uma média de tempo de escolha menor do que quando carregados pelo proximal. Já com o Traço Semântico - Animado ocorreu o contrário, ou seja, a escolha pelo candidato a antecedente anafórico que carrega este Traço Semântico obteve uma média menor de tempo de escolha quando este ocupa a posição proximal da anáfora.

Mais um achado foi o de que o candidato a antecedente anafórico na posição distal da anáfora nas condições experimentais do teste 1 que levou mais tempo para ser escolhido foi o que carrega o Traço Semântico - Animado, com uma média de tempo de 2,13792 ms.

Outra descoberta a partir desta correlação de resultados é a de que o candidato a antecedente anafórico que ocupa a posição distal da anáfora nas condições experimentais do teste 1 que levou menos tempo para ser escolhido foi o que carrega o Traço Semântico + Animado, com uma média de 1,59517ms.

Como podemos observar por meio dos dados disponibilizados no Gráfico 2, o

candidato a antecedente anafórico na posição proximal que levou mais tempo para ser escolhido foi o que carrega o Traço Semântico + Humano, com uma média de tempo de 2,12483ms. Outro achado foi o de que o candidato a antecedente anafórico que ocupa a posição proximal da anáfora que levou menos tempo para ser escolhido foi o que carrega o Traço Semântico + Animado, com uma média de 1,69042 ms.

Por meio da correlação dos dados descobrimos que os desempenhos maiores e menores de tempo de leitura na escolha pelo Traço Semântico são relativos ao candidato a antecedente distal. A média de tempo maior foi de 2.13792 ms, obtida pelo Traço Semântico - Animado. Já a média de tempo de escolha menor foi de 1.59517ms, obtida pelo Traço Semântico + Animado.

Tais resultados se configuram como sendo fortes indícios de que a distância maior ocupada pelo candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando o Traço Semântico - Animado demanda mais custos para a memória de trabalho no processamento da anáfora pronominal. Tal achado dialoga com o que defendem Streb et al. (2004) que em um estudo descobriram que indivíduos precisam de um tempo maior para solucionar uma construção anafórica quando o antecedente foi mencionado muito antes, do que quando mencionando na sentença imediatamente anterior à expressão anafórica.

Em contrapartida, a distância maior ocupada pelo candidato a antecedente anafórico distal carregando o Traço Semântico + Animado não significou a demanda de mais custos para a memória de trabalho no processamento da anáfora pronominal.

4.2 TESTE DOIS: RESOLUÇÃO DE AMBIGUIDADE ANAFÓRICA PRONOMINAL EM PERÍODOS SIMPLES COM DUAS ORAÇÕES NA VOZ ATIVA

Como no primeiro, analisamos o processo de resolução de ambiguidade anafórica pronominal neste teste 2 a partir dos dados gerais obtidos sobre números brutos de escolha pelo candidato a antecedente anafórico, de tempo de resposta às tarefas do teste, da escolha pelo Traço Semântico, do tempo de escolha pelo Traço Semântico e do percentual de escolhas pelo Traço Semântico, relativos as 16 sentenças de Teste.

As análises gerais neste teste são relativas aos dados gerais. Tais dados representam o somatório dos dados dos grupos dos Jovens, Adultos e Idosos. As análises foram produzidas a partir da descrição dos dados gerais obtidos na análise estatística descritiva.

Tabela 26 - Médias gerais de escolhas pelos candidatos a antecedente anafórico nas sentenças de Teste do teste 2.

| GRUPOS | TOTAL DE SENTENÇAS DE TESTE | VARIÁVEL | MÉDIA DE ESCOLHAS |
|--------------------------|-----------------------------|----------|-------------------|
| Jovens, Adultos e Idosos | 16 | distal | 19,62 |
| | | proximal | 17,07 |

Fonte: autoria própria.

Por meio da análise estatística descritiva sobre a média de escolhas pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal apresentada descobrimos que há indícios nos resultados de uma pequena diferença a favor do candidato a antecedente anafórico distal da anáfora nas 16 sentenças de Teste, como podemos observar por intermédio da Tabela 30.

Há a sugestão nos resultados da análise dos dados de que a posição ocupada pelo candidato a antecedente anafórico para a anáfora não seja um fator determinante para sua escolha para resolver a ambiguidade anafórica nas sentenças de Teste, apesar do candidato a antecedente distal ser o *default* de escolha de desambiguação.

Acreditamos que a maior média geral de escolhas pelo candidato a antecedente distal nas sentenças de Teste pode ter sido motivada pela Teoria da Acessibilidade Canônica, pois conforme Schwenter e Silva (2003) o sintagma nominal que ocupa a posição de tópico da sentença exercendo a função sintática de sujeito (em nosso estudo o antecedente anafórico distal da anáfora nas condições experimentais dos testes) é retomado por pronomes lexicais (em nosso estudo os pronomes pessoais ele ou ela).

Acreditamos que o fato de o candidato a antecedente anafórico distal estar alinhado com o tópico da primeira sentença, exercendo a função sintática de sujeito e que motiva seu grau de acessibilidade, acaba influenciando as escolhas dos sujeitos leitores por este candidato a antecedente anafórico.

Possivelmente as escolhas pelo candidato a antecedente anafórico proximal podem ter sido guiadas pelo Efeito de Distância, pois conforme Leitão e Simões (2001) estando mais próximo da anáfora o antecedente é mais facilmente recuperado pela memória de trabalho.

Há indícios nos resultados de que além da posição ocupada pelo candidato a antecedente anafórico, o processo de resolução da ambiguidade anafórica é regido por outras

pistas linguísticas e extralinguísticas. Conforme Levinson (1987) os processos anafóricos não se limitam ao uso de regras sintáticas, pois levam em consideração outros princípios. Na base da anáfora está o conceito de referenciação, sendo impossível descartar os dados extralinguísticos que introduzem informações complementares à compreensão do discurso.

Tabela 27 - Média geral de tempo para responder ao teste 2.

| GRUPOS | TOTAL DE SENTENÇAS DE TESTE | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|--------------------------|-----------------------------|-------------------------------------|
| Jovens, adultos e Idosos | 16 | 2425,5 ms |

Fonte: autoria própria.

A média geral de tempo gasto para responder ao teste foi de 2425,5 ms, como podemos observar por meio dos dados dispostos na Tabela 31.

Tabela 28 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico distal e de tempo de resposta ao teste nas sentenças de Teste que apresentam verbos de ação física no teste 2.

| CONSTRUÇÃO LINGUÍSTICA DA 1ª SENTENÇA | TIPO DE VERBO DA 1ª SENTENÇA | VARIÁVEL | MÉDIA DE ESCOLHAS | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|---------------------------------------|------------------------------|----------|-------------------|-------------------------------------|
| *SN1SVa1SN2 | ação física | distal | 6.78 | 2.90067 ms |

*Descrição da construção linguística: SN1 = Sintagma nominal na posição distal da anáfora pronominal, SVa1 = Verbo de ação física ou mental, SN2 = Sintagma Nominal na posição proximal da anáfora pronominal.
Fonte: Autoria própria.

Como podemos observar por meio dos dados disponibilizados na Tabela 32, a média geral de escolhas pelo candidato a antecedente anafórico distal nas 4 sentenças de Teste que trazem verbos de ação física foi de 6.78. A média de tempo de resposta ao teste, relativos a tais sentenças, foi de 2.90067 ms.

Tabela 29 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico proximal e de tempo de resposta ao teste nas sentenças de Teste que apresentam verbos de ação física no teste 2.

| CONSTRUÇÃO LINGÜÍSTICA DA 1ª SENTENÇA | TIPO DE VERBO DA 1ª SENTENÇA | VARIÁVEL | MÉDIA DE ESCOLHAS | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|---------------------------------------|------------------------------|----------|-------------------|-------------------------------------|
| *SN1SVa1SN2 | ação física | proximal | 5.33 | 2.90067 ms |

*Descrição da construção linguística: SN1 = Sintagma nominal na posição distal da anáfora pronominal, SVa1 = Verbo de ação física ou mental, SN2 = Sintagma Nominal na posição proximal da anáfora pronominal.
Fonte: A autoria própria.

A média geral de escolhas pelo candidato a antecedente anafórico proximal nas 3 sentenças que possuem o verbo de ação física na primeira sentença foi de 5.33. O tempo de resposta ao teste, relativos a tais sentenças, foi de 2.90067ms, como pode ser observado por meio da Tabela 33.

Correlacionamos os dados da Tabela 32 e da Tabela 33 e descobrimos que há indícios nos resultados de que não houve uma diferença significativa entre as médias.

A pequena diferença a favor das escolhas pelo candidato a antecedente anafórico distal é um indício de que as escolhas pelo candidato a antecedente anafórico nas tarefas do teste não foram determinadas pela existência do verbo de ação física na primeira sentença, nem tampouco influenciada pela construção linguística SN1SVa1SN2. O padrão de escolha de desambiguação e o candidato na posição distal, sendo que o proximal ativa ou inibe o *default*.

Observamos que a teoria da acessibilidade canônica parece não ter sido determinante para a resolução da ambiguidade anafórica, pois há indícios nos resultados da análise dos dados de que o candidato a antecedente que ocupa a posição distal para a anáfora, ocupando a posição de tópico da sentença (uma característica que influencia o seu grau de acessibilidade), não obteve uma média de escolhas mais significativa a seu favor. O que se observa é que, apesar a existência do tipo de verbo de ação física, ou seja, de um verbo que expressa fazer por parte do sujeito, esta informação não foi decisiva para uma a produção de uma média mais superior de escolhas pelo candidato a antecedente distal.

Da mesma forma, há indícios nos dados de que a influência verbal sobre o candidato a antecedente proximal, este que exerce a função sintática de complemento do verbo nas condições experimentais do teste, parece não ter sido suficiente para uma média maior de

escolhas por este antecedente. Tal achado contraria uma a Hipótese da Posição do Antecedente proposta por Carminati (2002 *apud* MORGADO, 2013) que defende ser a posição sintática o que determina a proeminência do antecedente, afastando fatores de ordem semântica que influenciam a resolução da anáfora. Para esta autora o pronome lexical (neste estudo os pronomes ele, ela, eles e elas presentes nas condições experimentais do teste) prefere retomar um antecedente que não esteja tão saliente no discurso (o sujeito), podendo retomar um objeto direto (neste estudo o candidato a antecedente anafórico que ocupa a posição proximal da anáfora e que exerce a função sintática de complemento do verbo nas condições experimentais do teste).

Há indícios nos resultados da análise dos dados de que verbos de ação física parecem não interferirem na saliência dos candidatos a antecedente anafórico, não determinando a escolha pelo distal ou proximal nas tarefas das sentenças do teste.

Tabela 30 - Médias gerais de escolhas pelo candidato a antecedente anafórico distal e de tempo de resposta ao teste nas sentenças de Teste que apresentam verbos de ação processo do teste 2.

| CONSTRUÇÃO LINGUÍSTICA DA 1ª SENTENÇA | TIPO DE VERBO DA 1ª SENTENÇA | VARIÁVEL | MÉDIA DE ESCOLHAS | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|---------------------------------------|------------------------------|----------|-------------------|-------------------------------------|
| *SN1SVbSN2 | ação processo | distal | 6.26 | 2.31590ms |

*Descrição da construção linguística: SN1 = Sintagma nominal na posição distal da anáfora pronominal, SVb = Verbo que expressa mudança de estado ou de condição levada a efeito por um sujeito ativo e causativo, SN2 = Sintagma Nominal na posição proximal da anáfora pronominal.

Fonte: Autoria própria.

A média geral de escolhas pelo candidato a antecedente anafórico na posição distal da anáfora nas 13 sentenças de Teste que trazem verbos de ação processo foi de 6.26. A média de tempo de resposta ao teste, relativa a tais sentenças, foi de 2.31590 ms, como informa a Tabela 34.

Tabela 31 - Médias gerais de escolhas pelo candidato a antecedente anafórico proximal e de tempo de resposta ao teste nas sentenças de Teste que apresentam verbos de ação processo do teste 2.

| CONSTRUÇÃO LINGUÍSTICA DA 1ª SENTENÇA | TIPO DE VERBO DA 1ª SENTENÇA | VARIÁVEL | MÉDIA DE ESCOLHAS | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|---------------------------------------|------------------------------|----------|-------------------|-------------------------------------|
| *SN1SVbSN2 | ação processo | proximal | 5.95 | 2.31590ms |

*Descrição da construção linguística: SN1 = Sintagma nominal na posição distal da anáfora pronominal, SVb = Verbo que expressa mudança de estado ou de condição levada a efeito por um sujeito ativo e causativo, SN2 = Sintagma Nominal na posição proximal da anáfora pronominal.

Fonte: Autoria própria.

Como podemos observar por meio dos dados disponibilizados na Tabela 35, nas 13 sentenças de Teste que possuem o verbo de ação processo a média geral de escolhas pelo candidato a antecedente anafórico proximal foi de 5.95. A média de tempo de resposta ao teste relativa a tais sentenças foi de 2.31590 ms.

Correlacionamos os dados disponíveis na Tabela 34 e na Tabela 35 e descobrimos que a diferença de médias a favor de um dos dois candidatos a antecedente anafórico, nas 13 sentenças de Teste que possuem verbos de ação processo não é significativa. Desta forma, tais dados sugerem que sentenças que possuem este tipo de verbo não influenciam na escolha do candidato a antecedente anafórico.

Há a sugestão nos resultados dos dados de que a escolha pelo candidato a antecedente anafórico nas 13 sentenças de Teste não é determinada pela construção linguística SN1SVbSN2, nem pelo tipo de verbo de ação processo.

Apesar do verbo de ação processo ser um tipo de verbo que tem como característica representar uma ação realizada por um sujeito agente, tal característica do verbo não determinou a escolha do candidato a antecedente distal para obter uma média de escolhas significativa a seu favor. O que se observa por meio dos resultados dos dados é que o grau de acessibilidade do sintagma nominal na posição de tópico das sentenças de Teste (o antecedente anafórico distal que exerce a função sintática de sujeito), não influenciou para sua retomada anafórica.

Da mesma forma, há indícios nos resultados das médias de que a influência do verbo sobre o objeto direto (neste estudo entendamos o complemento do verbo) não possibilitou uma maior média de escolhas pelo candidato a antecedente anafórico que ocupa a posição

proximal da anáfora.

O tempo de resposta por um dos dois candidatos a antecedente anafórico é o mesmo, ou seja, 2.31590 ms.

Correlacionamos os tempos de resposta por meio da construção linguística e do tipo de verbo no teste e descobrimos que as sentenças de construção linguística SN1SVbSN2 que trazem verbos de ação processo foram as que obtiveram a menor média de tempo de resposta ao teste, 2.31590 ms, apesar do resultado da compreensão leitora anafórica não ter sido alterado.

Tabela 32 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando o Traço Semântico + Animado e de tempo de resposta ao teste 2.

| CONDIÇÕES EXPERIMENTAIS | VARIÁVEL | MÉDIAS DE ESCOLHAS | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|---------------------------|----------|--------------------|-------------------------------------|
| D:+ Animado, P: + Animado | distal | 5.67 | 2.44783ms |
| D:+ Animado, P: + Humano | proximal | 6.67 | |
| D:+ Animado, P: - Animado | | | |
| D:+Animado, P: + Coletivo | | | |

Fonte: A autoria própria.

Como podemos observar por meio dos dados disponibilizados na Tabela 36, a média geral de escolha dos participantes dos três grupos pelo candidato a antecedente anafórico distal carregando o Traço Semântico + Animado foi ligeiramente menor, em comparação às escolhas pelo candidato a antecedente anafórico proximal carregando os Traços Semânticos: + Animado, + Humano, - Animado ou Coletivo. As médias de tempo de resposta ao teste são as mesmas, 2.44783 ms.

Correlacionamos os dados apresentados na Tabela 36 e descobrimos que os resultados sugerem que a diferença das médias de escolha não foi significativa. Desta forma, existe a tendência de que a informação semântica +Animado carregada pelo antecedente anafórico que ocupa a posição distal da anáfora parece não ser determinante para a escolha do antecedente anafórico. Nesse caso, o padrão de desambiguação é a escolha do Traço

Semântico diferente do + Animado na posição proximal da anáfora nas condições experimentais do teste.

Tabela 33 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora carregando o Traço Semântico + Animado e de tempo de resposta ao teste 2.

| CONDIÇÕES EXPERIMENTAIS | VARIÁVEL | MÉDIA DE ESCOLHAS | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|----------------------------|----------|-------------------|-------------------------------------|
| D:+ Animado, P: + Animado | distal | 6.92 | 1.69042 ms. |
| D:+ Humano, P: + Animado | proximal | 5.17 | |
| D: - Animado, P: + Animado | | | |
| D: Coletivo, P: + Animado | | | |

Fonte: Autoria própria.

Os dados dispostos na Tabela 37 nos informam que o candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora carregando o Traço semântico + Animado obteve uma média menor de escolhas por parte dos sujeitos, em comparação às escolhas pelo candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando os Traços Semânticos: + Animado, + Humano, - Animado ou Coletivo nas 4 condições experimentais do teste. O tempo de resposta ao teste na escolha por um dos dois candidatos a antecedente anafórico foi de 1.69042 ms.

Correlacionamos os dados informados na Tabela 37 e descobrimos que a diferença das médias não é significativa. Este indício nos resultados sugere que a informação semântica +Animada carregada pelo candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora parece não ser um fator que determine a escolha do antecedente anafórico, apesar do candidato a antecedente anafórico distal de Traço Semântico diferente do +Animado ser o padrão de desambiguação.

Sobre a hipótese experimental de que quando a escolha pelo antecedente ocorrer entre um candidato a antecedente anafórico que carrega o Traço Semântico + Animado e outro que carregue o Traço Semântico - Animado, independente da posição que o candidato a antecedente anafórico que carrega o Traço Semântico +Animado estiver na sentença, será

este o Traço Semântico escolhido, na observação dos dados da Tabela 36 os resultados dos dados sugerem que ora os sujeitos optaram por escolher pelo candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando Traço semântico +Animado ora escolheram pelo candidato a antecedente proximal carregando os Traços Semânticos: + Animado, + Humano, - Animado ou Coletivo, sendo este último candidato a antecedente anafórico o que obteve a maior média de escolhas.

Descobrimos por meio da correlação dos dados informados na Tabela 37 que o mesmo fenômeno linguístico informado anteriormente se repetiu, sendo que a média maior de escolhas foi pelo antecedente distal carregando o Traço Semântico + Animado, + Humano, - Animado ou Coletivo nas condições experimentais do teste.

Com relação a hipótese de que quando os Traços Semânticos dos candidatos a antecedente anafórico fossem os mesmos o leitor optaria pelo antecedente que ocupa a posição distal da anáfora, os dados da Tabela 36 sugerem que quando os candidatos a antecedente anafórico possuem o mesmo Traço Semântico, ou seja, o +Animado, a média maior de escolhas dos participantes do teste é pelo candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora. Como vemos na Tabela 37 aconteceu a mesma situação, sendo que a média maior de escolhas foi pelo candidato a antecedente anafórico distal da anáfora nas condições experimentais do teste.

Descobrimos também que a menor média de tempo para responder as 4 tarefas das condições experimentais do teste foi quando os participantes dos 3 grupos optaram mais em média pelo candidato a antecedente anafórico na posição distal da anáfora pronominal carregando o Traço semântico diferente do +Animado. Este achado é um forte indício de que a posição de tópico da sentença, exercida por este candidato a antecedente anafórico, possivelmente funciona como uma pista linguística mais acessível para o processamento da anáfora pronominal e um fator que influi em um tempo menor para a realização da desambiguação.

Tabela 34 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando o Traço semântico + Humano e de tempo de resposta ao teste 2.

| CONDIÇÕES EXPERIMENTAIS | VARIÁVEL | MÉDIA DE ESCOLHAS | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|--------------------------|----------|-------------------|-------------------------------------|
| D:+ Humano, P: + Humano | distal | 5.08 | |
| D:+ Humano, P: + Animado | | | 2.69533ms |
| D:+ Humano, P: - Animado | proximal | 7.00 | |
| D:+ Humano, P: Coletivo | | | |

Fonte: Autoria própria.

Como podemos observar por meio dos apresentados na Tabela 38, o candidato a antecedente anafórico distal carregando o Traço Semântico + Humano obteve uma média de escolhas menor, em relação ao candidato a antecedente anafórico proximal carregando os Traços Semânticos: + Humano, + Animado, - Animado ou Coletivo. A média de tempo para a escolha por um dos dois candidatos a antecedente anafórico foi de 2.69533ms.

Correlacionamos os dados da Tabela 38 e descobrimos que a diferença na média de escolhas tanto pelo candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando o Traço Semântico + Humano quanto pelo candidato a antecedente anafórico proximal carregando Traços Semânticos: + Humano, + Animado, - Animado ou Coletivo não foi significativa.

Há indícios de que a informação semântica + Humano carregada pelo candidato a antecedente anafórico distal da anáfora nas 4 condições experimentais do teste não é determinante para a realização da desambiguação. Apesar da escala de animacidade favorecer o alto grau do Traço semântico +Humano, tal influência não favoreceu a produção de uma média significativa a favor de tal Traço Semântico, o que contraria o pensamento de Yamamoto (1999) que argumentando sobre o tema defende que na escala de animacidade as entidades humanas (neste estudo representadas pelo Traço Semântico +Humano) se encontram no extremo da escala de animacidade, o que em relação aos Traços semânticos + Animado, - Animado ou Coletivo seria um fator de influência para uma maior média de escolhas relativas a o Traço Semântico +Humano nas tarefas das condições experimentais do

teste.

Tabela 35 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora carregando o Traço Semântico + Humano e de tempo de resposta ao teste 2.

| CONDIÇÕES EXPERIMENTAIS | VARIÁVEL | MÉDIA DE ESCOLHAS | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|---------------------------|----------|-------------------|-------------------------------------|
| D:+ Humano, P: + Humano | distal | 5.75 | |
| D:+ Animado, P: + Humano | proximal | 6.50 | 3.17358 ms |
| D:- Animado, P: + Humano | | | |
| D: Coletivo, P : + Humano | | | |

Fonte: Autoria própria.

Correlacionamos os dados relativos às médias de escolha por um dos dois candidatos a antecedente anafórico nas 4 condições experimentais do teste e descobrimos que o candidato a antecedente anafórico proximal carregando o Traço Semântico + Humano obteve uma média de escolhas maior, em relação ao candidato a antecedente distal da anáfora carregando o Traço Semântico + Humano, + Animado, - Animado ou Coletivo. A média de tempo de resposta ao teste foi de 3.17358ms, como podemos observar por meio da Tabela 39.

Os resultados da correlação dos dados informados na Tabela 39 sugerem que a informação semântica do + Humano não seja uma pista linguística decisiva para a escolha pelo antecedente anafórico, pois a diferença entre as medias apresenta-se como não sendo significativa. O padrão de desambiguação é a escolha pelo Traço Semântico +Humano, os demais traços inibem ou ativam tal padrão.

Sobre a hipótese experimental de que quando a escolha pelo antecedente ocorrer entre um candidato a antecedente anafórico que carrega o Traço Semântico + Humano e outro que carrega o Traço Semântico diferente, independente da posição que o candidato a antecedente anafórico que carrega o Traço Semântico + Humano ocupe na sentença, este será o Traço Semântico escolhido, há indícios os resultados das médias de que ora os sujeitos escolheram pelo candidato que carregava o Traço Semântico + Humano ora foi escolhido o Traço Semântico diferente deste, sendo que, conforme os dados informados na Tabela 38, a média

de escolhas pelo candidato a antecede anafórico diferente do + Humano na posição proximal da anáfora foi maior. Na tabela 39 os dados sugerem o contrário, ou seja, a média de escolhas maior a favor do candidato a antecedente anafórico + Humano na posição proximal da anáfora. O que podemos observar por meio das médias apresentadas nas duas tabelas é que possivelmente a escolha dos sujeitos pelo candidato a antecedente anafórico não seja apenas motivada pelo Traço Semântico + Humano.

Para a hipótese de que quando os Traços Semânticos dos candidatos a antecedente anafórico fossem os mesmos o leitor optaria pelo antecedente que ocupa posição distal da anáfora, o que se observa é que os dados apresentados na Tabela 38 e na Tabela 39 sugerem e que quando os candidatos a antecedente anafórico possuem os mesmos Traços Semânticos, ou seja, +Humano, a média maior de escolhas é pelo antecedente anafórico na posição proximal da anáfora.

Correlacionamos os dados das duas tabelas sobre os tempos de resposta ao teste e descobrimos que a média de tempo menor para responder as 4 condições experimentais foi obtida pelo candidato a antecedente anafórico carregando o Traço Semântico +Humano na posição distal da anáfora, o que não impactou no resultado da compreensão, apesar do menor custo de processamento da anáfora.

Descobrimos também que há a sugestão nos resultados das médias de que a maior proeminência semântica do Traço Semântico + Humano foi quando carregado pelo candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora nas condições experimentais do teste, o que se traduziu em uma média maior de escolhas, em comparação as médias de escolhas pelo candidato a antecedente anafórico distal carregando um Traço Semântico diferente do +Humano.

Tabela 36 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando o Traço Semântico - Animado e de tempo de resposta ao teste 2.

| CONDIÇÕES EXPERIMENTAIS | VARIÁVEL | MÉDIA DE ESCOLHAS | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|----------------------------|----------|-------------------|-------------------------------------|
| D: - Animado, P: - Animado | distal | 9.83 | 1.55067 ms |
| D:- Animado, P: + Humano | | | |
| D:- Animado, P: + Animado | proximal | 2.42 | |
| D:- Animado, P: Coletivo | | | |

Fonte: Autoria própria.

Como podemos observar por meio dos dados disponíveis na Tabela 40, o candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando o Traço Semântico - Animado obteve uma média de escolhas maior, em comparação ao candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora de Traço Semântico diferente. O tempo de resposta ao teste foi de 1.55067 ms.

Correlacionamos os dados informados na Tabela 40 e descobrimos que o Traço Semântico - Animado foge do padrão dos demais traços no teste, o que causa efeito na escolha pelo antecedente anafórico. A escolha bem maior por este traço contraria a escala de animacidade favorecendo sua escolha.

A média maior de escolhas a favor do candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando o Traço Semântico - Animado sugere que a escala de animacidade não influenciou tais escolhas dos sujeitos, pois o Traço Semântico - Animado é o de menor grau na escala, o que, em tese, motivaria a produção de uma média menor de escolhas por tal traço, o que não se comprovou nos resultados dos dados analisados.

Possivelmente a alta média a favor do Traço Semântico - Animado possui também influências da teoria da acessibilidade canônica, isto porque o candidato a antecedente distal carregando o Traço Semântico - Animado nas condições experimentais do teste exerce a função sintática de sujeito, ou seja, ocupa o tópico da sentença.

Os resultados dos dados sugerem que a média de escolhas a favor do candidato a antecedente anafórico distal carregando o Traço Semântico - Animado contraria a relação proposta por MacDonald et. al (1993) que defendem que entre a escala de animacidade e a

representação mental das diferentes entidades do discurso, entidades animadas estão mais acessíveis do que entidades não animadas. Estando mais acessíveis as entidades animadas tendem a ser mais escolhidas como referentes anafóricos, em comparação as entidades não animadas.

A grande diferença a favor do candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando o Traço Semântico -Animado sugere que este Traço Semântico provoca um efeito na descrição geral, sendo o candidato distal o *default*.

Tabela 37 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora pronominal carregando o Traço Semântico - Animado e de tempo de resposta ao teste 2.

| CONDIÇÕES EXPERIMENTAIS | VARIÁVEL | MÉDIA DE ESCOLHAS | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|----------------------------|----------|-------------------|-------------------------------------|
| D: - Animado, P: - Animado | distal | 5.08 | |
| D:+ Humano, P: - Animado | proximal | 7.08 | 2.05025 ms |
| D:+ Animado, P: - Animado | | | |
| D: Coletivo, P: - Animado | | | |

Fonte: Autoria própria.

Os dados sobre a média de escolhas dos participantes dos três grupos apresentados na Tabela 41 sugerem que o candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora carregando o Traço Semântico - Animado obteve uma média de escolhas maior, em relação ao candidato a antecedente anafórico distal carregando os Traços semânticos: + Humano, + Animado, - Animado ou Coletivo. A média de tempo para responder ao teste foi de 2.05025 ms.

O padrão de desambiguação das 4 condições experimentais é a escolha pelo candidato a antecedente anafórico proximal da anafórica carregando o Traço Semântico - Animado. O que se observa é que há indícios nos resultados apresentados na Tabela 41 de que a informação semântica carregada pelo Traço Semântico – Animado não determina a escolha pelo candidato a antecedente anafórico, pois a diferença de médias não se configurou como sendo significativa.

Acreditamos que a média maior de escolhas nas 4 condições experimentais do teste obtida pelo candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora pronominal carregando o Traço Semântico - Animado possui relação com o acionamento de pistas linguísticas sintáticas.

Possivelmente o Efeito de Distância foi um fator que também influenciou as escolhas dos sujeitos, isto porque sendo carregado pelo antecedente anafórico mais próximo da retomada anafórica o Traço Semântico - Animado obteve uma maior média de escolhas.

Sobre a hipótese experimental de que quando a escolha pelo antecedente ocorrer entre um candidato a antecedente anafórico que carrega o Traço Semântico - Animado e outro candidato a antecedente anafórico de Traço Semântico diferente o leitor irá optar pelo candidato a antecedente anafórico de Traço Semântico diferente do - Animado, há indícios nos resultados da correlação dos dados da Tabela 40 com a Tabela 41 de que ora os participantes escolheram pelo Traço Semântico - Animado ora por um candidato a antecedente anafórico que possuía outro Traço Semântico. Os dados da Tabela 40 sugerem que a média de escolhas pelo candidato a antecede anafórico carregando o Traço Semântico - Animado na posição distal foi bem maior, em comparação as escolhas pelo candidato a antecedente anafórico carregando o Traço Semântico + Humano, + Animado ou Coletivo.

Já os dados da Tabela 41 sugerem que houve uma média de escolhas a favor do candidato a antecedente anafórico proximal carregando Traço Semântico - Animado, sendo este antecedente o padrão de desambiguação.

Com relação a hipótese de que quando os Traços Semânticos dos candidatos a antecedente anafórico fossem os mesmos o leitor optaria pelo antecedente que ocupa posição distal da anáfora, descobrimos por meio da correlação dos dados apresentados na Tabela 40 com os da Tabela 41 que quando os candidatos a antecedentes anafóricos possuíam os mesmos Traços Semânticos, ou seja, - Animado, a maior média de escolhas foi pelo candidato a antecedente anafórico distal da anáfora.

A média de tempo menor para responder as 4 condições experimentais do teste foi quando os participantes dos 3 grupos optaram por uma média maior de escolhas pelo candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando o Traço Semântico - Animado.

Tabela 38 - Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando o Traço Semântico Coletivo e de tempo de resposta ao teste 2

| CONDIÇÕES EXPERIMENTAIS | VARIÁVEL | MÉDIA DE ESCOLHAS | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|---------------------------|----------|-------------------|-------------------------------------|
| D: Coletivo, P: Coletivo | distal | 4.83 | |
| D: Coletivo, P: + Humano | | | 3.00833 ms |
| D: Coletivo, P: + Animado | proximal | 7.25 | |
| D: Coletivo, P: - Animado | | | |

Fonte: Autoria própria.

Como podemos observar por meio dos dados apresentados na Tabela 42, o candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando o Traço Semântico Coletivo obteve uma média de escolhas menor, em relação ao candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora carregando os Traços Semânticos: Coletivo, +Humano, +animado ou - Animado. A média de tempo de resposta ao teste foi de 3.00833 ms.

Correlacionamos os dados informados na Tabela 42 e descobrimos que há sugestão nos resultados de que a média de escolhas a favor do candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora carregando os Traços Semânticos: Coletivo, +Humano, +animado ou - Animado, nas 4 condições experimentais do teste, pode ser considerada significativa. Observa-se que tal antecedente é o padrão de desambiguação. Nesta relação, o Traço Semântico Coletivo carregado pelo candidato a antecedente anafórico distal da anáfora inibe ou ativa este padrão.

O que podemos constatar por meio dos indícios nos resultados é que a informação semântica do Traço Coletivo carregada pelo candidato a antecedente anafórico distal da anáfora parece não ter efeito sobre as escolhas dos sujeitos no teste. Acreditamos que uma das motivações para a maior média de escolha pelo candidato a antecedente anafórico proximal carregando o Traço Semântico diferente do Coletivo possivelmente pode ser a influência do Efeito de Distância proximal para a anáfora, pois de acordo com Leitão e Simões (2011) a proximidade do antecedente para a anáfora é um fator que corrobora para sua escolha como referente anafórico.

Sobre a hipótese experimental de que quando os Traços Semânticos dos candidatos a antecedente anafórico fossem os mesmos o leitor optaria pelo antecedente que ocupa posição distal da anáfora, descobrimos por meio da análise dos dados dispostos na Tabela 42 que quando os candidatos a antecedentes anafóricos possuem os mesmos Traços Semânticos, ou seja, Coletivo, a média maior de preferência dos participantes do teste foi pela escolha do candidato a antecedente anafórico proximal, não havendo uma unanimidade de escolhas pelo candidato a antecedente distal, como postula a hipótese experimental.

Tabela 39 – Médias gerais de escolha pelo candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora pronominal carregando o Traço Semântico Coletivo e de tempo de resposta ao teste 2.

| CONDIÇÕES EXPERIMENTAIS | VARIÁVEL | MÉDIA DE ESCOLHAS | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|--------------------------|----------|-------------------|-------------------------------------|
| D: Coletivo, P: Coletivo | distal | 7.67 | 1.72942 ms |
| D:+ Humano, P: Coletivo | proximal | 4.58 | |
| D:+Animado, P: Coletivo | | | |
| D:- Animado, P: Coletivo | | | |

Fonte: Autoria própria.

Como podemos observar por meio da Tabela 43, o candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora carregando o Traço Semântico Coletivo obteve uma média de escolhas menor, em comparação ao candidato a antecedente anafórico distal carregando os Traços Semânticos : + Humano, + Animado, - Animado ou Coletivo. A média de tempo para os participantes dos três grupos para responder as tarefas do teste foi de 1.72942 ms.

Correlacionamos os dados informados na Tabela 43 e descobrimos que há a sugestão nos resultados de que a diferença entre as médias é considerável, sendo o padrão de desambiguação o candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando o Traço Semântico diferente do Coletivo nas 4 condições experimentais do teste.

A média de escolhas maior a favor do candidato a antecedente anafórico distal carregando os Traços Semânticos: + Humano, + Animado, - Animado ou Coletivo sugere que para os sujeitos submetidos ao teste o grau de animacidade do Traço Semântico Coletivo é menor, em comparação aos demais Traços Semânticos.

Acreditamos que a média de escolhas maiores pelo candidato a antecedente anafórico distal, de Traço Semântico igual ou diferente do Coletivo, podem ter sido influenciadas por outras pistas linguísticas, como por exemplo, sintáticas, isto porque o grau de acessibilidade do referente na posição distal, que se reflete na posição canônica de sujeito nas condições experimentais do teste, pode ter influenciado a média de escolhas maior a seu favor. Tal afirmativa tem sustentação no pensamento de pois Schwenter e Silva (2003) que defendem que a posição canônica ocupada pelo sintagma nominal na posição de sujeito da sentença (neste estudo o antecedente distal) influencia em sua retomada pelo pronome lexical (neste estudo os pronomes pessoais ele ou ela nas condições experimentais).

Sobre a hipótese experimental de que quando os Traços Semânticos dos candidatos a antecedente anafórico fossem os mesmos o leitor optaria pelo antecedente que ocupa posição distal da anáfora, descobrimos por meio da análise dos dados dispostos na Tabela 43 que quando os candidatos a antecedentes anafóricos possuem os mesmos Traços Semânticos, ou seja, Coletivo, a média maior de preferência dos participantes do teste foi pela escolha do candidato a antecedente anafórico distal da anáfora, não havendo uma unanimidade por tal candidato, como postula a hipótese experimental.

Correlacionamos os dados da Tabela 42 com os dados da Tabela 43 e descobrimos que há indícios de que a média de escolhas pelo candidato a antecedente anafórico carregando o Traço semântico Coletivo foi menor, em comparação a outro Traço Semântico, independente de sua posição para a anáfora pronominal nas condições experimentais do teste. Este achado configurasse como uma sugestão de que na escala de animacidade este Traço Semântico possui menor grau, em comparação aos demais Traços Semânticos.

A média de tempo menor para responder as tarefas do teste foi quando os participantes dos 3 grupos obtiveram uma média de escolhas maior pelo candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando o Traço Semântico diferente do Coletivo.

Tabela 40 - Médias gerais de escolhas pelo Traço Semântico + Animado sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal no teste 2.

| GRUPOS | NÚMERO DE SENTENÇAS DE TESTE | TRAÇO SEMÂNTICO | VARIÁVEL | MÉDIA DE ESCOLHAS |
|--------------------------|------------------------------|-----------------|----------|-------------------|
| Jovens, Adultos e Idosos | 7 | + Animado | distal | 5.67 |
| | | | proximal | 5.17 |

Fonte: Autoria própria.

Nas 7 sentenças de Teste o candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando o Traço Semântico - Animado obteve uma média ligeiramente maior de escolhas do que quando ocupando a posição proximal, como pode ser observado por meio da Tabela 44.

Tabela 41 - Médias gerais de escolha pelo Traço Semântico + Humano sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal no teste 2.

| GRUPOS | NÚMERO DE SENTENÇAS DE TESTE | TRAÇO SEMÂNTICO | VARIÁVEL | MÉDIA DE ESCOLHAS |
|--------------------------|------------------------------|-----------------|----------|-------------------|
| Jovens, Adultos e Idosos | 7 | + Humano | distal | 5.08 |
| | | | proximal | 6.50 |

Fonte: Autoria própria.

Como observamos por meio da Tabela 45, a média de escolhas pelo candidato a antecedente anafórico distal para a anáfora carregando carrega o Traço Semântico + Humano nas 7 sentenças de Teste é menor do que quando ocupando a posição proximal.

Tabela 42 - Médias gerais de escolha pelo Traço Semântico - Animado sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal no teste 2.

| GRUPOS | NÚMERO DE SENTENÇAS DE TESTE | TRAÇO SEMÂNTICO | VARIÁVEL | MÉDIA DE ESCOLHAS |
|--------------------------|------------------------------|-----------------|----------|-------------------|
| Jovens, Adultos e Idosos | 7 | - Animado | distal | 9.83 |
| | | | proximal | 7.08 |

Fonte: Autoria própria.

O candidato a antecedente anafórico distal para a anáfora carregando o Traço

Semântico - Animado nas 7 sentenças de Teste obteve uma média de escolhas maior do que quando ocupando a posição proximal da anáfora, como podemos observar por meio da Tabela 46.

Tabela 43 – Médias gerais de escolha pelo Traço Semântico Coletivo sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal no teste 2.

| GRUPOS | NÚMERO DE SENTENÇAS DE TESTE | TRAÇO SEMÂNTICO | VARIÁVEL | MÉDIA DE ESCOLHAS |
|--------------------------|------------------------------|-----------------|----------|-------------------|
| Jovens, Adultos e Idosos | 7 | Coletivo | distal | 4.83 |
| | | | proximal | 4.58 |

Fonte: Autoria própria.

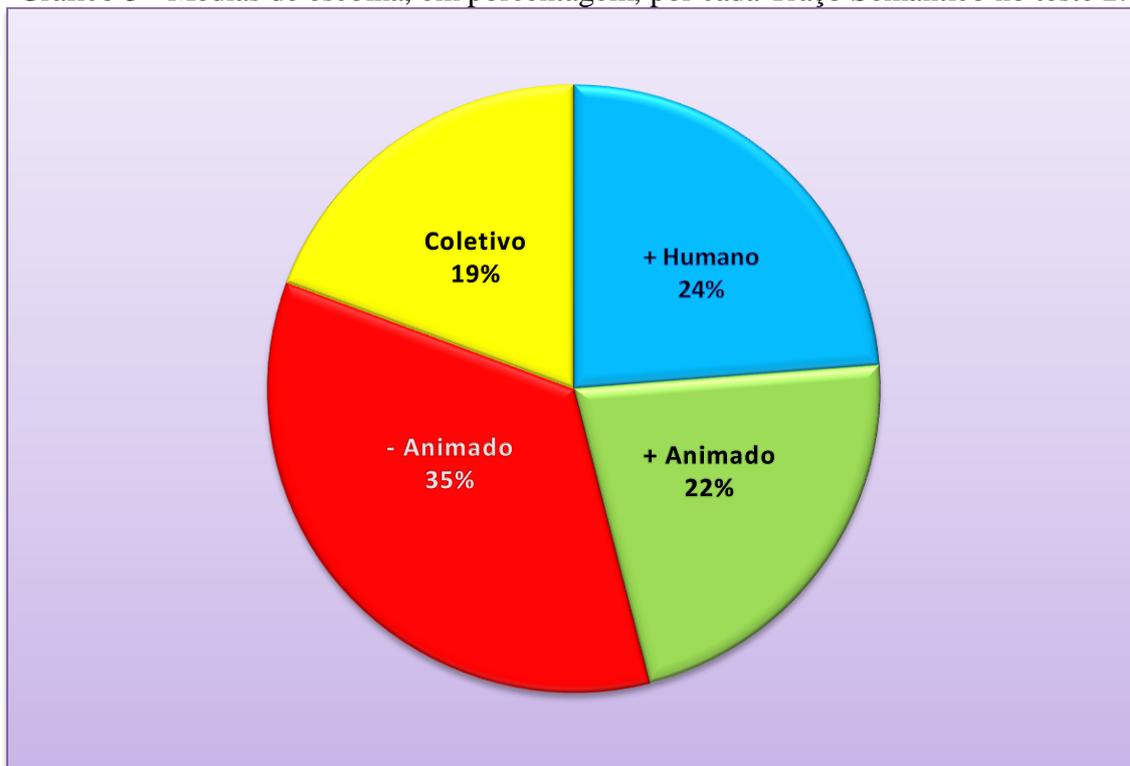
De acordo com os dados apresentados na Tabela 47, a média de escolhas pelo candidato a antecedente anafórico distal carregando o Traço Semântico Coletivo nas 7 sentenças de Teste foi ligeiramente maior do que quando ocupando a posição proximal.

Correlacionamos os dados apresentados na Tabela 44, na Tabela 45, na Tabela 46 e na Tabela 47 e descobrimos que as médias apresentadas entre os Traços Semânticos : +Humano, +Animado, - Animado e Coletivo foram uniformes, seja ocupando a posição distal ou proximal da anáfora nas sentenças de Teste do teste 2.

O Traço Semântico +Humano teve por *default* a posição distal para a anáfora. No caso dos Traços Semânticos: + Animado, - Animado e Coletivo o *default* é quando estes ocupam a posição distal.

O Gráfico 3 apresenta os resultados em porcentagem sobre as médias de escolha por Traço Semântico no teste, a partir da correlação dos dados informados na Tabela 44, na Tabela 45, na Tabela 46 e na Tabela 47.

Gráfico 3 - Médias de escolha, em porcentagem, por cada Traço Semântico no teste 2.



Fonte: Autoria própria.

Correlacionamos os dados apresentados no Gráfico 3 e descobrimos que o Traço Semântico mais escolhido pelos participantes dos três grupos foi o - Animado, com 35% das escolhas. O menos escolhido foi o Traço Semântico Coletivo, como 19% de escolhas. O Traço Semântico + Humano obteve uma porcentagem de escolhas de 24%. Já o Traço Semântico + Animado obteve um percentual de 22% das escolhas.

Os resultados obtidos sugerem que a porcentagem maior de escolhas pelo Traço Semântico - Animado contraria o que postula a escala de animacidade, isto porque sendo o Traço Semântico - Animado o de menor grau de animacidade na escala, esta característica motivaria uma média menor de escolhas a seu favor, em comparação aos demais Traços Semânticos, o que não ocorreu.

Tabela 44 - Médias gerais de tempo de resposta ao teste na escolha pelo Traço Semântico + Animado sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal no teste 2.

| GRUPOS | NÚMERO DE SENTENÇAS DE TESTE | TRAÇO SEMÂNTICO | VARIÁVEL | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|--------------------------|------------------------------|-----------------|----------|-------------------------------------|
| Jovens, Adultos e Idosos | 7 | + Animado | distal | 2.44783 ms |
| | | | proximal | 2.74892 ms |

Fonte: Autoria própria.

Nas 7 sentenças de Teste a média de tempo de resposta na escolha pelo Traço Semântico + Animado sendo carregado pelo candidato a antecedente anafórico distal foi menor do que quando carregado pelo candidato a antecedente anafórico proximal, como podemos observar por meio da Tabela 24.

Tabela 45 - Médias gerais de tempo de resposta ao teste na escolha pelo Traço Semântico + Humano carregado pelos candidatos a antecedente distal e proximal no teste 2.

| GRUPOS | NÚMERO DE SENTENÇAS DE TESTE | TRAÇO SEMÂNTICO | VARIÁVEL | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|--------------------------|------------------------------|-----------------|----------|-------------------------------------|
| Jovens, Adultos e Idosos | 7 | + Humano | distal | 2.69533ms |
| | | | proximal | 3.17358 ms |

Fonte: Autoria própria.

O candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando o Traço Semântico + Humano obteve uma média de tempo de resposta menor do que quando este mesmo Traço Semântico foi carregado pelo antecedente proximal nas 7 sentenças de Teste ,como podemos observar na Tabela 49.

Tabela 46 - Médias gerais de tempo de resposta ao teste na escolha pelo Traço Semântico - Animado carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal no teste 2.

| GRUPOS | NÚMERO DE SENTENÇAS DE TESTE | TRAÇO SEMÂNTICO | VARIÁVEL | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|--------------------------|------------------------------|-----------------|----------|-------------------------------------|
| Jovens, Adultos e Idosos | 7 | - Animado | distal | 2.13792 ms |
| | | | proximal | 1.74533 ms |

Fonte: Autoria própria.

Como podemos observar por meio da Tabela 50, o candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando o Traço Semântico - Animado nas 7 sentenças de Teste obteve uma média de tempo de resposta ao teste maior do que quando ocupando a posição proximal carregando o mesmo Traço Semântico.

Tabela 47 – Médias gerais de tempo de resposta ao teste na escolha pelo Traço Semântico Coletivo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal no teste 2.

| GRUPOS | NÚMERO DE SENTENÇAS DE TESTE | TRAÇO SEMÂNTICO | VARIÁVEL | MÉDIA DE TEMPO DE RESPOSTA AO TESTE |
|--------------------------|------------------------------|-----------------|----------|-------------------------------------|
| Jovens, Adultos e Idosos | 7 | Coletivo | distal | 3.00833 ms |
| | | | proximal | 1.72942 ms |

Fonte: Autoria própria.

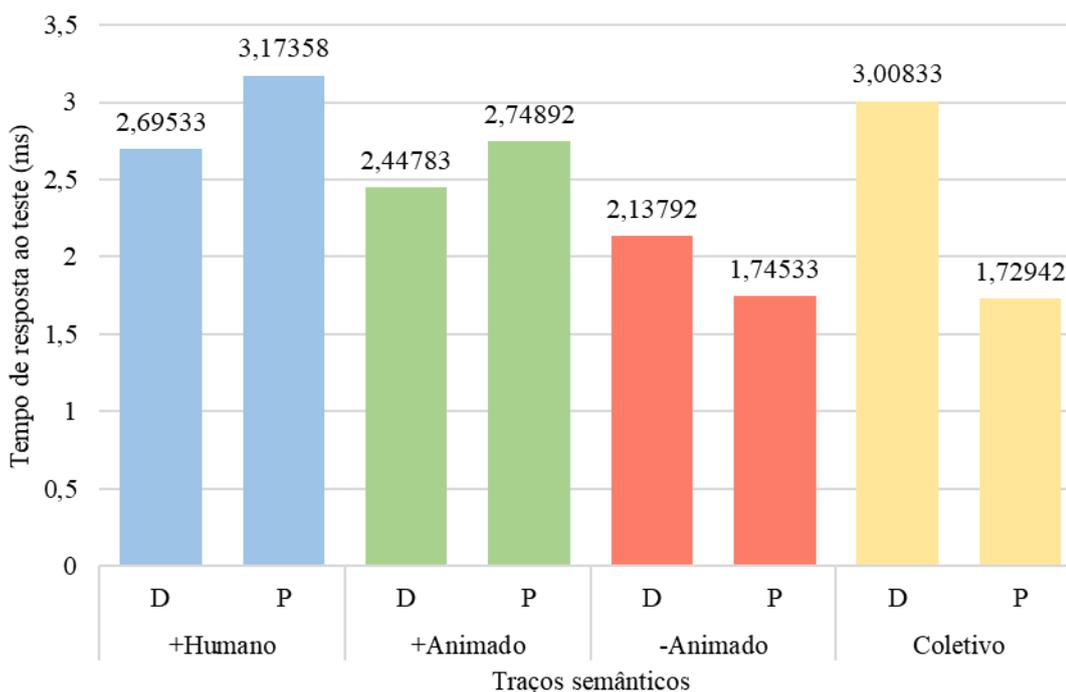
O candidato a antecedente anafórico distal da anáfora carregando o Traço Semântico Coletivo obteve uma média de tempo de resposta maior do que quando ocupando a posição proximal carregando o mesmo traço nas 7 sentenças de Teste, como podemos observar por meio da Tabela 51.

Correlacionamos os dados sobre as médias de tempo de resposta ao teste na escolha por cada Traço Semântico sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal nas 7 sentenças de Teste. Os resultados obtidos sugerem que os Traços Semânticos +Humano e +Animado obtiveram as médias menores de tempo de escolha sendo carregados pelo candidato a antecedente anafórico distal anáfora. Os Traços Semânticos - Animado e Coletivo obtiveram médias de tempo menor para serem escolhidos nas 7 sentenças de Teste

sendo carregados pelo candidato a antecedente proximal da anáfora.

O Gráfico 4 apresenta as médias de tempo de escolha de cada Traço Semântico sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal nas condições experimentais do teste 2.

Gráfico 4 - Médias de tempo de escolha de cada Traço Semântico sendo carregado pelos candidatos a antecedente anafórico distal e proximal da anáfora pronominal nas condições experimentais do teste 2.



D: Candidato a antecedente anafórico distal.

P: Candidato a antecedente anafórico proximal.

Fonte: Autoria própria.

Correlacionamos os dados apresentados no Gráfico 4 e descobrimos que o candidato a antecedente anafórico distal da anáfora que levou mais tempo para ser escolhido foi o que carregava o Traço Semântico Coletivo, com uma média de tempo de 3,00833ms. Já o que levou menos tempo para ser escolhido, ocupando a mesma oposição, foi o que carregava o Traço Semântico - Animado, com uma média de 2,13792 ms.

Na correlação dos dados o candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora que levou mais tempo para ser escolhido foi o que carregava o Traço Semântico +Humano, com uma média de tempo de 3,17358 ms. Já o que levou menos tempo para ser escolhido, ocupando a mesma posição, foi o que carregava o Traço Semântico Coletivo, com uma média de 1.72942ms.

Há indícios nos resultados dos dados de que a média de tempo maior foi pela escolha

do Traço Semântico + Humano sendo carregado pelo candidato a antecedente proximal, com uma média de tempo de resposta ao teste de 3,17358ms. O tempo de resposta menor foi de 1,72942 ms, obtida pelo candidato a antecedente anafórico proximal carregando o Traço Semântico Coletivo,

Tais resultados se configuram como sendo fortes indícios de que a distância menor ocupada pelo candidato a antecedente anafórico proximal da anáfora carregando o Traço Semântico + Humano não significa menos custos para a memória de trabalho no processamento da anáfora.

Descobrimos que a distância menor ocupada pelo candidato a antecedente anafórico proximal carregando o Traço Semântico Coletivo significa menos custos da memória de trabalho no processamento da anáfora. Esta descoberta de nossa pesquisa assemelhasse com o que postulam Streb et al. (2004) afirmando que a distância mais curta do referente, em relação a anáfora, possui a vantagem de permitir uma compreensão mais rápida, se comparada às distâncias maiores, além de exigir menos custos em termos de memória de trabalho.

4.3 DISCUSSÃO GERAL DOS DOIS EXPERIMENTOS

Neste estudo procuramos investigar como grupos de leitores de faixas etárias diferentes, mas de mesmo nível de escolaridade, realizam o processo de resolução de ambiguidade anafórica pronominal em períodos compostos incompletos na voz ativa e em períodos simples com duas orações na voz ativa.

O critério de distinção dos grupos como sendo faixas etárias desiguais foi utilizado para que por meio da análise dos *scores* gerados nos experimentos e da interpretação dos dados colhidos fosse possível observar o impacto do envelhecimento cognitivo da memória para o processo de resolução de ambiguidade anafórica pronominal.

Partimos da ideia de que o grupo dos Idosos seria o que apresentaria o tempo de desempenho mais lento às respostas das tarefas dos dois testes, em relação aos grupos dos Adultos e dos Jovens, pois conforme Grivol e Hage (2011) pessoas jovens apresentam melhor desempenho de Compreensão Leitora do que pessoas idosas. Isso decorre devido ao fato de que o desempenho de idosos em tarefas que exigem grande quantidade de processamento da memória de trabalho vai se tornando deficitário, em decorrência do envelhecimento natural.

Manipulamos nas condições experimentais dois testes os Traços Semânticos e a posição do candidato ao antecedente anafórico para a anáfora. A escolha pela Variável

Independente Traços semânticos, nos dois testes, foi motivada pelo interesse em investigar a importância da pista linguística semântica carregada pelo candidato a antecedente anafórico para o estabelecimento de cadeias referenciais em períodos compostos incompletos na voz e em períodos simples com duas orações na voz ativa. Já a escolha pela posição do candidato ao antecedente anafórico para a anáfora, como sendo mais uma Variável Independente, foi em razão de que investigássemos se a posição ocupada pelo candidato a antecedente anafórica em uma oração é um fator decisivo para sua escolha como sendo o antecedente mais indicado para resolver uma ambiguidade anafórica em períodos compostos incompletos na voz ativa e em períodos simples com duas orações na voz ativa.

A manipulação dos Traços Semânticos e das posições dos candidatos a antecedente anafórico nos possibilitou investigar a influência destas Variáveis Independentes sobre a Variável Dependente a partir da observação das escolhas dos leitores pelo candidato a antecedente anafórico que tinham como objetivo resolver a ambiguidade anafórica pronominal nas condições experimentais dos testes.

Os resultados dos dados produzidos pelos participantes dos três grupos em cada experimento serviram para que observássemos os efeitos da correlação influência da informação semântica do candidato a antecedente anafórico e desempenho da memória para o processo de resolução de ambiguidade anafórica. O intuito era o de encontrar uma resposta para a questão central deste estudo, ou seja: a desambiguação semântica gera mais custos de processamento para a memória com o aumento da faixa etária do leitor?

Os resultados analisados e discutidos, referentes aos dois experimentos deste estudo, foram detalhados na seção anterior. A partir de agora retomaremos as hipóteses experimentais e as correlacionaremos com os resultados dos testes.

Uma das hipóteses experimentais levantadas sobre o processo de resolução de ambiguidade anafórica pronominal era a de que quando a escolha pelo antecedente ocorrer entre um candidato a antecedente anafórico que carrega o Traço Semântico + Humano e outro que carrega o Traço Semântico diferente, independente da posição que o candidato a antecedente anafórico que carrega o Traço Semântico + Humano ocupe na sentença, este será o Traço Semântico escolhido. O que descobrimos a partir das análises dos dados nos dois testes é que os resultados sugerem que a diferença na média de escolhas tanto pelo candidato a antecedente anafórico que carrega o Traço Semântico + Humano quanto pelo candidato a antecedente anafórico que carrega os Traços Semânticos: + Humano, + Animado, - Animado ou Coletivo não é significativa. Os resultados sobre a média geral dos três grupos sugerem que ora os participantes escolheram por um candidato que carregava o Traço

Semântico + Humano ora por outro de Traço Semântico diferente deste.

Mais uma hipótese experimental levantada era a de que quando a escolha pelo antecedente ocorrer entre um candidato a antecedente anafórico que carrega o Traço Semântico + Animado e outro que carregue o Traço Semântico - Animado, independente da posição que o candidato a antecedente anafórico que carrega o Traço Semântico + Animado estiver na sentença, este será o Traço Semântico escolhido. O que descobrimos por meio das análises dos dados nos dois testes é que os resultados sugerem que quando a escolha pelo candidato a antecedente anafórico ocorreu entre um que carregava o Traço Semântico + Animado e outro que carregava o Traço Semântico - Animado a diferença das médias de escolha por um dos dois Traços Semânticos não foi significativa, mas sim uniformes.

Outra hipótese experimental era a de que quando os Traços Semânticos dos candidatos a antecedentes forem os mesmos o leitor optará pelo antecedente que ocupa posição distal da anáfora. O que descobrimos por meio dos resultados das análises dos dados produzidos pelos sujeitos dos três grupos nos dois testes é que há indícios de que quando os Traços semânticos dos candidatos a antecedente anafórico são os mesmos não ficou evidenciado uma preferência maior de escolhas pelo candidato a antecedente que ocupa a posição distal da anáfora. Nos dois testes os resultados da diferença de médias de escolha por um dos dois candidatos a antecedente anafórico não foram significativos.

Mais uma hipótese experimental era a de que quando a escolha pelo antecedente ocorrer entre um candidato a antecedente anafórico que carrega o Traço Semântico - Animado e outro candidato a antecedente anafórico de Traço Semântico diferente o leitor irá optar pelo candidato a antecedente anafórico de Traço Semântico diferente do - Animado. O que descobrimos por meio das análises dos dados é que há a sugestão nos resultados de que os sujeitos dos grupos optaram em média tanto pelo candidato a antecedente anafórico com o Traço Semântico - Animado quanto por um candidato a antecedente anafórico de Traços Semânticos : - Animado, + Humano, + Animado ou Coletivo nas condições experimentais dos testes.

Sobre as hipóteses relacionadas ao desempenho da memória no processo de resolução de ambiguidade anafórica, uma delas era a de que em todas as condições apresentadas o Grupo dos Idosos será o que gastará mais tempo tanto para ler a sentença quanto para responder a tarefa do teste. A outra hipótese experimental era a de que em todas as condições apresentadas o Grupo dos Jovens será o que levará menos tempo tanto para ler a sentença quanto para responder a tarefa do teste. Vale salientar que nos dois testes o tempo de leitura das sentenças não foi mensurado.

As duas hipóteses experimentais relacionadas ao desempenho da memória no processo de resolução de ambiguidade anafórica, descritas anteriormente, não puderam ser testadas neste estudo devido ao quantitativo de participantes dos três grupos nos dois experimentos não ser equitativo. Por isso optamos por investigar o processo de resolução de ambiguidade anafórica neste estudo não mais comparando os dados entre os grupos, mas sim a partir dos dados gerais, estes que representam os dados unificados dos grupos. Optamos por utilizar esta metodologia de análise de dados por entendermos que a diferença de número de participantes dos grupos nos dois testes poderia interferir nos resultados de comparação das médias de escolhas e de tempo de resposta aos testes entre os grupos.

A partir das análises dos dados coletados neste estudo o que se observa é que o processo de resolução da ambiguidade anafórica não é influenciado apenas por um fator em particular, mas sim por vários de ordem linguística e extralinguística, que de forma conjunta conduzem o leitor no processo para a escolha do antecedente que ele julga ser o mais indicado para realizar a retomada anafórica pronominal. Este achado encontrado em nosso estudo corrobora com outros resultados obtidos em pesquisas de cunho psicolinguístico que têm como foco de investigação o processo de resolução anafórica pronominal.

Particularmente sobre a investigação de tal processo, os estudos psicolinguísticos sobre a resolução da ambiguidade anafórica se iniciaram através de teoria de Grosz¹³ em 1977. O que se observa é que a grande maioria dos estudos sobre resolução pronominal geralmente é pautada em características morfológicas que ligam antecedentes a pronomes.

Desta forma, conforme Godoy (2010) parte-se do entendimento de que só é possível haver ambiguidade se houver dois ou mais antecedentes que concordam morfológicamente com a expressão pronominal.

Neste estudo resolvemos explorar a relação entre retomada anafórica e acessibilidade semântica, investigando a relação entre informação semântica carregada pelo candidato a antecedente anafórico e o desempenho da memória na resolução de ambiguidade anafórica pronominal.

Na sequência iremos correlacionar os achados encontrados nesta pesquisa com outros

¹³ A teoria de Grosz em 1977 identificou um foco global, relacionado com os sintagmas nominais definidos e um foco local, relacionado com os pronomes e elipses. Ele descreve um mecanismo de focalização que utiliza uma base de dados semântica e identifica as entidades mais salientes no texto limitando as possibilidades de antecedentes de uma anáfora. Este trabalho influenciou vários outros, nomeadamente a Teoria do Foco e a Teoria da Centragem. Malheiros (2010).

resultados descobertos em pesquisas produzidas no Brasil que têm como foco de investigação o processo de resolução anafórica pronominal. O objetivo desta correlação de resultados é o de observarmos o quanto as descobertas deste estudo se assemelham, corroboram, dialogam ou se afastam das encontradas em demais pesquisas sobre estudos linguísticos sobre tal temática.

Ao analisarmos a influência da distância do candidato a antecedente anafórico para a resolução anafórica descobrimos neste estudo que há indícios de que no teste 2 sobre resolução de ambiguidade anafórica pronominal em períodos simples com duas orações na voz ativa a média de escolhas pelo candidato a antecedente anafórico distal da anáfora é maior, em comparação ao candidato a antecedente anafórico proximal para resolver a ambiguidade anafórica nas condições experimentais do teste. Este indício se assemelha com o resultado obtido na pesquisa de Haag e Othero (2003) que analisaram o processamento da anáfora pronominal e tentaram entender como se dá esse processo na mente por meio de um teste de base psicolinguística. Para realizar o estudo os autores criaram um experimento e aplicaram um teste com trinta sujeitos nativos falantes de português. O teste envolveu a complementação de frases ambíguas do ponto de vista anafórico e tinha como objetivo mostrar qual a tendência do leitor na associação do termo anafórico em um processo de anáfora nominal quando há dois possíveis antecedentes.

Após a análise dos dados obtidos Haag e Othero (2003) comprovaram que, de maneira geral, a maioria das pessoas submetidas ao teste fez a concordância do termo anafórico com o tópico da sentença, cerca de 53,1% (o candidato a antecedente anafórico que ocupa a posição de distal da anáfora) enquanto pouco menos da metade relacionaram o termo anafórico ao candidato a antecedente que estiver mais próximo, cerca de 46%. A conclusão do estudo aponta que além da posição do antecedente na sentença existem outros fatores que entram em jogo na escolha da ligação entre o termo anafórico e seu antecedente.

Ao nos propormos a investigar a relação entre a posição ocupada pelo candidato a antecedente pronominal e a influência desta pista para o estabelecimento da retomada anafórica pronominal descobrimos por meio das análises dos dados nos dois testes que há indícios nos resultados obtidos de que as escolhas dos sujeitos para realizar a retomada anafórica são motivadas pelo acionamento de fatores semânticos, sintáticos e pragmáticos, que juntos atuam no estabelecimento da referência de um pronome ambíguo. Os resultados de nosso estudo se assemelham aos achados de pesquisa de Godoy et. al (2016) que produziram uma pesquisa em que analisaram o fenômeno da resolução da ambiguidade anafórica através de um experimento de continuação de sentenças.

Considerando a complexidade das pistas acessadas para a resolução de pronomes anafóricos, o estudo de Godoy et. al (2016) se apresenta como um estudo experimental exploratório sobre o uso de informações de cunho semântico-pragmático no processo de interpretação de pronomes ambíguos. A questão que moveu a produção do estudo buscou descobrir o que ocorre no processamento linguístico *online* tão logo o leitor tenha que interpretar um pronome ambíguo. Mais especificamente existindo uma variedade de pistas de diversas naturezas que podem ser usadas, quais seriam preferencialmente.

Para realizar o estudo os autores criaram um experimento com um teste de *cloze*, cuja metodologia é semelhante ao experimento realizado em inglês por Rohde (2008). Na pesquisa o experimento verificou confirmar a hipótese de que quando os leitores são forçados a estabelecer determinadas relações de coerência a especificidade dessas relações isto reflete em diferentes escolhas de antecedente. Ao analisarem os dados colhidos no experimento, Godoy et. al (2016) chegaram a conclusão de que o processo de resolução de pronomes ambíguos depende, em parte, das relações de coerência que o leitor constrói ao longo do texto.

Os dados obtidos no estudo de Godoy et.al (2016) se alinharam com modelos de processamento anafórico que preveem interação de informações semânticas e pragmáticas na resolução pronominal e desafiam modelos para os quais esse processo seria apenas resultado de heurísticas superficiais que se baseiam exclusivamente em pistas estruturais sobre antecedente e anafórico.

Ao analisarmos em nosso estudo a influência dos tipos de verbo e de relação lógica presentes em uma construção linguística para o processo de resolução da ambiguidade anafórica descobrimos por meio dos resultados das análises dos dados do teste 1 sobre resolução de ambiguidade anafórica pronominal em períodos compostos incompletos na voz ativa que construções linguísticas que apresentam verbos de ação física e de ação processo parecem não influenciarem a escolha pelo antecedente mais indicado para resolver a ambiguidade anafórica. A partir da sugestão deste achado partimos do entendimento de que outras pistas linguísticas são mais determinantes para a resolução da anáfora pronominal, além das voltadas para o tipo de verbo.

No teste as sentenças que apresentam verbos de ação física ou mental obtiveram a menor média de tempo de resposta ao teste. As sentenças que apresentam as relações lógicas Adversativa e Conclusiva obtiveram uma diferença de média de escolhas significativa entre os dois candidatos a antecedente anafórico, sendo que as de relação lógica adversativa a favor do proximal e as de relação lógica Conclusiva a favor do distal.

No mesmo teste as sentenças de relação lógica Conclusiva foram as que obtiveram a

menor média de tempo de resposta ao teste. Tais achados se configuram como indícios de que sentenças que apresentam verbos de ação física ou mental permitem que a desambiguação anafórica seja realizada pelo leitor de forma mais rápida. Da mesma forma, sentenças que trazem a relação lógica Conclusiva permitem que a ambiguidade anafórica seja resolvida em uma média de tempo menor, em comparação as sentenças que possuem relação lógica diferente.

Já no teste 2 sobre resolução de ambiguidade anafórica em períodos simples com duas orações na voz ativa descobrimos que há inícios nos resultados dos dados de que a existência de verbos de ação física ou de ação processo na primeira sentença não influencia a escolha pelo antecedente anafórico. Há a sugestão nos resultados que a diferença de média de escolha não é significativa. Desta forma, há evidências de que outros fatores são mais determinantes para a efetivação do processo de retomada anafórica pronominal.

No mesmo teste os resultados dos sugerem que sentenças que apresentam verbos de ação processo são as que obtiveram a menor média de tempo de resposta às tarefas do teste, um achado que corrobora para o entendimento de que sentenças que apresentam a construção linguística com verbos de ação processo tendem a ser processadas mais rapidamente se comparadas com sentenças que trazem construções linguísticas diferentes. O que os resultados obtidos nos dois testes sugerem é que, além da informação contida no tipo de verbo outros fatores linguísticos e extralinguísticos corroboram para a resolução da ambiguidade anafórica pronominal.

A pesquisa de Machado (2016) é mais um estudo que buscou investigar a influência verbal no processo de resolução anafórica. A autora estudou pensar sobre a resolução da ambiguidade no âmbito da correferencial pronominal intrassentencial e a influência da semântica verbal no seu processamento.

Para o desenvolvimento da pesquisa Machado (2016) aplicou dois testes de leitura automonitorada para investigar os vieses semânticos do verbo para entender se em que medida eles podem influenciar no processamento da correferência pronominal. Nos dois experimentos foram manipuladas a semântica do verbo e o tipo de pronome (preenchido ou pronome nulo), mas também a posição dos antecedentes do pronome de cada sentença.

A meta conjunta dos dois testes foi a de delimitar o papel estrutural no processo de correferência estabelecida em sentenças tanto com pronome preenchido como nulo. No estudo os dois testes apresentaram as mesmas seis condições e sua diferença foi o tipo do pronome.

Os resultados encontrados no estudo de Machado (2016) se assemelham aos de nossa pesquisa, pois conforme a autora a correferência não é influenciada nem determinada por

apenas um ou outro fator de natureza isolada, mas por uma gama de fatores articulados que levam à retomada do antecedente pretendido para o pronome, seja ele preenchido ou nulo e que devem ser estudados a fundo.

Para que fosse possível em nossa pesquisa realizarmos a investigação sobre o processo de resolução da ambiguidade anafórica em períodos compostos incompletos na voz ativa e em períodos simples com duas orações na voz ativa tornou-se indispensável a utilização de teorias de processamento linguístico e correferência como: Hipótese da posição do antecedente; Teoria da acessibilidade, Efeito de Distância do Antecedente, escala de animacidade e da Teoria Multifatorial. A utilização do aporte teórico de cada uma destas teorias foi de suma importância para que pudéssemos entender como se efetiva a resolução da ambiguidade anafórica pronominal, pois cada uma destas teorias, ao seu modo, por meio de olhares voltados para aspectos sintáticos, semânticos, pragmáticos, como também na junção destas três perspectivas de estudo sobre fenômenos linguísticos, descreve como se dá a resolução de tal processo.

Ao investigarmos a influência da informação semântica carregada pelo candidato a antecedente anafórico para a resolução da ambiguidade anafórica pronominal, em que grupos de sujeitos de faixas etárias diferentes foram submetidos a dois testes de Compreensão Leitora, descobrimos por meio das análises dos dados relativos a média geral que há indícios nos resultados de que a desambiguação semântica da anáfora pronominal é um processo que com o aumento da faixa etária do leitor ora acarreta mais tempo ora acarreta menos tempo para ser realizada, em comparação a outras formas de desambiguação, como, por exemplo, a sintática. Nesta relação, a forma como o leitor realiza a desambiguação, que sofre influência de fatores linguísticos e extralinguísticos, acaba impactando no tempo de processamento da anáfora.

Conforme Caulson (1996 *apud* HAAG e OTHERO 2003) a resolução da ambiguidade anafórica pode ser realizada por meio de dois métodos: *immediate on-line process* (em que o leitor opta pelo candidato que considera ser o melhor antecedente por meio da resolução anafórica imediata), uma forma de desambiguação exige um tempo menor de processamento da anáfora, conseqüentemente menos custos para a memória de trabalho. O segundo método de processamento anafórico é o a *posteriori* (neste caso o processador linguístico¹⁴ pode esperar que mais informações tornem-se acessíveis, antes de tomar uma decisão na identificação do antecedente de um processo anafórico), uma forma de desambiguação da

¹⁴ O mecanismo cognitivo que se ocupa do processamento da linguagem. Haag e Othero (2003)

anáfora acarreta mais tempo de processamento da anáfora, conseqüentemente mais custos para a memória de trabalho.

Após analisarmos os dados colhidos neste estudo observamos que há indícios nos resultados de que a desambiguação semântica da anáfora pronominal ocorre, mas outros conhecimentos são utilizados conjuntamente pelo leitor na decisão sobre o antecedente mais indicado para resolver a desambiguação anafórica pronominal.

Acreditamos, e reforçamos, que o processo de resolução de ambigüidade anafórica pronominal é influenciado por fatores linguísticos e extralinguísticos. Tais fatores guiam o leitor para a escolha do antecedente mais indicado para realizar a retomada anafórica e acabam impactando no custo da memória de trabalho e conseqüentemente no tempo de desambiguação da anáfora.

Percebemos que tanto no método *immediate on-line process* quanto no a *posteriori* o desempenho da memória de trabalho possui um papel importante para o processamento da anáfora, pois é justamente este processo cognitivo o responsável por armazenar e disponibilizar informações e conhecimentos que ao serem acionados, evocados ou rememorados permitem que o leitor compreenda o enunciado e decida, influenciado por pistas linguísticas e extralinguísticas, pelo candidato a antecedente anafórico mais indicado para realizar a desambiguação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivamos neste estudo entender o processo de Compreensão Leitora de alunos de faixas etárias diferentes. Para tanto, selecionamos um construto linguístico para ser analisado com o intuito de investigarmos como esta compreensão se manifestava. Com isso, optamos por investigar o processo de resolução de ambiguidade anafórica pronominal.

Selecionamos um arcabouço linguístico para que pudéssemos observar os processos semântico-cognitivos na desambiguação da referência pronominal a partir do entendimento de que a anáfora tem como característica ser um processo de referenciação.

Ao final desta investigação obtivemos algumas respostas para questões que moveram a produção deste estudo, as quais julgávamos serem importantes para o entendimento do fenômeno linguístico da resolução de ambiguidade anafórica.

Com base nos resultados obtidos podemos observar que a tendência de grupos diferentes na associação do termo anafórico em um processo de resolução de ambiguidade anafórica pronominal quando há dois possíveis antecedentes é a de realizar a desambiguação anafórica com base em conhecimentos linguísticos e extralinguísticos, sendo que o grau de aplicabilidade de tais conhecimentos depende do grau de domínio do leitor.

Os resultados das análises dos dados relativos ao desempenho geral dos sujeitos participantes deste estudo, na escolha pelo candidato a antecedente anafórico e sobre o tempo de resposta às tarefas das condições experimentais apresentadas, sugerem que a informação semântica é uma pista linguística importante, mas não determinante para a realização da desambiguação da anáfora. O que se observa é que a efetivação deste processo é influenciada por várias pistas linguísticas e extralinguísticas utilizadas conjuntamente pelo leitor quando da decisão pelo antecedente anafórico mais indicado para resolver uma ambiguidade anafórica.

A posição ocupada pelo antecedente também possui um papel importante dentro deste processo, pois esta pista linguística diz respeito a distribuição das formas anafóricas sem levar em conta funções gramaticais. Ao analisarmos o Efeito de Distância percebemos que a proximidade entre um antecedente e a anáfora possui um peso importante para a resolução da anáfora.

O grau de animacidade do antecedente anafórico é mais uma informação importante utilizada pelo leitor para realizar a retomada anafórica. Este princípio nos possibilitou entender de que forma a animacidade, como uma propriedade extralinguística, interfere na

escolha pelo antecedente mais indicado para resolver uma ambiguidade anafórica por meio da observação do grau de hierarquia de um elemento, proposto pela escala de animacidade.

Fatores de ordem pragmática ocupam um papel fundamental para a efetivação da resolução da ambiguidade anafórica. Tais fatores são informações advindas do conhecimento do leitor que atribuem sentido ao enunciado a qual o leitor tem acesso quando da decisão sobre qual antecedente deve ser escolhido para efetivar a retomada da anáfora.

Destacamos também a importância das relações coesivas que se constroem ao longo de um enunciado linguístico (nesta pesquisa de uma sentença). Tais relações promovem o estabelecimento de diferentes relações inter-sentenciais a partir de processos inferenciais realizados pelo leitor e exigidos pelo processo de resolução anafórica.

Ao final deste estudo defendemos que nenhuma das pistas linguísticas ou extralinguísticas utilizados pelo leitor para resolver uma ambiguidade anafórica é mais ou menos importante. Tais pistas são acionadas conjuntamente e funcionam como uma rede de caminhos utilizados pelo leitor para que ele resolva a ambiguidade anafórica a partir de suas escolhas e do domínio sobre tais conhecimentos. Ao mesmo tempo, salientamos que o olhar desenvolvido neste estudo para o aspecto semântico-cognitivo da resolução de ambiguidade anafórica reforça a importância desta pista linguística para a resolução de tal processo, mas que em si não se configura como sendo uma pista linguística que determine uma desambiguação da anáfora.

Acreditamos que os achados encontrados neste estudo, que se caracterizam como indícios e sugestões sobre como se dá a resolução da ambiguidade anafórica, nos fazem repensar algumas hipóteses anteriormente levantadas sobre como esperávamos que os sujeitos dos grupos resolvessem as tarefas dos testes deste estudo. Esta afirmação se sustenta pelo fato da dinamicidade deste processo, o que permite uma série de vieses teóricos a serem abordados que se configuram como caminhos possíveis para se investigar tal fenômeno linguístico.

Sobre o objetivo de informar se a distância do candidato a antecedente anafórica para a anáfora em uma sentença é um fator que acarreta mais tempo para a resolução da ambiguidade anafórica pronominal em uma sentença, os resultados dos dados sugerem que em ambos os testes a distância do candidato a antecedente anafórica para a anáfora, se distal ou proximal para anáfora pronominal em uma sentença, não significa que sua escolha levará menos ou mais tempo para ser realizada.

Com relação ao objetivo de informar se no teste 1 sobre resolução de ambiguidade anafórica pronominal na voz ativa o fato de uma variável semântica e uma construção

linguística/relação lógica permitiriam que a ambiguidade na leitura seja desfeita ou resolvida pelo leitor de forma mais rápida, há indícios nos resultados de que dependendo do tipo de verbo presente na construção linguística e de um tipo em especial da relação lógica presentes na sentença a desambiguação anafórica pronominal pode ser realizada em uma média de tempo menor em comparação com as demais.

Da mesma forma no teste 2 sobre resolução de ambiguidade anafórica pronominal em períodos simples com duas orações na voz ativa os resultados obtidos sugerem que sentenças que apresentam um tipo particular de verbo em sua construção linguística promovem a desambiguação da anáfora pronominal de forma mais rápida.

Sobre o objetivo de descobrir se o aumento da faixa etária de grupos de leitores diferentes significa uma perda de desempenho da memória no processo de desambiguação semântica da anáfora pronominal, nos dois testes ao investigarmos o desempenho da memória de trabalho influenciada pela escolha da forma de desambiguação por meio da informação semântica descobrimos, a partir da análise dos dados gerais produzidos pelos participantes dos três grupos em cada um dos testes, que há indícios nos resultados de que a correlação desambiguação semântica/desempenho da memória ora causa mais custos ora causa menos custos de desempenho da memória, em comparação com outras formas de desambiguação anafórica pronominal testadas e analisadas neste estudo.

De início a proposta deste estudo foi a de realizar uma investigação sobre o processo de resolução de ambiguidade anafórica enfocando análises relativas a processos semântico-cognitivos, todavia, ao final deste percurso investigativo acreditamos que no desenrolar desta pesquisa acabamos por investigar também aspectos sintáticos e pragmáticos envolvidos na resolução de tal processo, que se configuraram como olhares que contribuiriam para um melhor entendimento sobre a resolução de tal processo.

Defendemos que a principal contribuição deste estudo são os resultados empíricos obtidos e apresentados. Tais resultados sugerem evidências de que ao investigarmos o processo de resolução da ambiguidade anafórica pronominal como objeto de pesquisa é de suma importância reconhecermos que tal processo não se define apenas por relações semânticas entre antecedente e anáfora. Nos posicionamos a favor do entendimento de que os indícios e sugestões surgidos a partir das análises dos dados obtidos neste estudo contribuem para a produção de trabalhos voltados para o estudo de aspectos semântico-cognitivos, sintáticos e pragmáticos envolvidos e mobilizados na resolução do processo de resolução de ambiguidade anafórica.

Por fim, acreditamos que, apesar das limitações, esta pesquisa possui uma importância

significativa para a comunidade científica que estuda o fenômeno linguístico da ambiguidade anafórica, pois o olhar voltado para uma investigação linguística que envolveu sujeitos de faixas etárias diferentes serviu para que descobríssemos que o envelhecimento cognitivo não significa exatamente uma perda de desempenho da memória e comprometimento da Compreensão Leitora de indivíduos. Outros fatores interferem na efetivação de tal compreensão, como por exemplo: pouca atividade leitora, problemas de saúde, desinteresse pelo tema de um texto e baixo nível de letramento¹⁵.

Diante dos objetivos traçados e dos resultados obtidos, defendemos que este estudo não chegou ao seu ponto final. Acreditamos que o fenômeno da resolução de ambiguidade anafórica pronominal pode ser investigado por meio de outros desdobramentos de ordem sintática, semântica ou pragmática. Desta forma, outras abordagens investigativas sobre a desambiguação anafórica pronominal podem ser realizadas, como por exemplo, uma análise sobre a influência da Ordem Variável do Adjetivo na sentença para a realização da desambiguação, além de uma investigação sobre a influência dos Argumentos dos Papéis Temáticos de Agente e Paciente presentes em uma sentença para a resolução da ambiguidade anafórica pronominal. Com isso, novos olhares sobre o tema poderão ser produzidos.

¹⁵O uso funcional de sistemas convencionais que permitem a compreensão e a produção de textos escritos verbalmente codificados e dependentes da língua oral. Conforme a concepção de letramento de Scliar-Cabral se pode depreender que para tornar-se letrado na atual sociedade não somente o indivíduo deve ser capaz de compreender os textos que circulam no dia a dia, mas também ser capaz de se comunicar através da escrita. Cabral, E.J. (1998).

REFERÊNCIAS

ABNT - Associação brasileira de Normas Técnicas. ABNT NBR 6028: Informação e documentação – Resumo, resenha e resenha – Apresentação . Rio de Janeiro: ABNT, 2021. 7p

ABREU, Kátia Nazareth Moura de; GARCIA, Daniela Cid de Garcia; HORA, Katharine de Freitas P. N. A. da; SOUZA, Cristiane Ramos de. **O teste de Cloze como instrumento de medida da proficiência em leitura: fatores linguísticos e não linguísticos** . Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v.25, n.3, p. 1767-1799, 2017. Acesso em: 29 de jan. de 2022. às 08h15min.

ALMEIDA, Francisca Aurea Rodrigues; ARAÚJO, Myrth Charssiany Oliveira de; SILVA, Valdercley Santos da. **AMBIGUIDADE NA SALA DE AULA: “PRA QUE TE QUERO?”** Revista Philologus, Ano 20, N° 60 Supl. 1: Anais da IX JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2014.

ANÁLISE DESCRITIVA. Five acts. Disponível em: <https://www.fiveacts.com.br/analise-descritiva/> Acesso em 13 de fev. de 2022. às 10:h 21min.

BEAUGRANDE, R. *New Foundations for a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication, and the Freedom of Access to Knowledge of Society*. Norwood, New Jersey: Ablex, 1997.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BIASIBETTI, Ana Paula Correa da Silva; LIMBERGER, Bernardo Kolling. **Questões metodológicas envolvidas no design de experimentos de processamento de leitura com o uso do software Psychopy**. Revista Domínios de Lingu@. Uberlândia-MG. vol. 13, n. 2. abr. - jun. 2019.

BOSO, Augiza Karla Boso; GARCIA, Daniela Garcia; RODRIGUES, Michele de Britto; MARCONDES, Pollyne. **ASPECTOS COGNITIVOS DA LEITURA: CONHECIMENTO PRÉVIO E TEORIA DOS ESQUEMAS**. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.15, n.2, p. 24-39, jul./dez., 2010.

BRASIL. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2010**. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 13 jun.

_____. **Manual de usuário pesquisador**. Plataforma Brasil Versão 3.2. Ministério da Saúde. 2018.

Brasil escola. uol. **Ferdinand de Saussure**. disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/ferdinand-de-saussure.htm>. acesso em 22 dez.2021 às 16: 09 hs.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1993.

CÂMARA Jr., J. M. **Problemas de linguística descritiva**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica: noções básicas e exercícios**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

CASTRO, Pedro Nunes de; GABRIEL Rosângela. **INTERFACE ENTRE MEMÓRIA E LEITURA** Signo. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 175-188, dez, 2007.

CAVALCANTE, Liliane Carvalho Félix. **Compreensão leitora de elementos anafóricos e de humor em narrativas: Um design experimental**. Liliane Carvalho Félix Cavalcante. João Pessoa – PB, 2017, 210f. Il.

_____. **Compreensão de leitura em textos multimodais impressos e suportados pelo computador: estudo de caso com alunos do ensino médio entrado ao técnico**. Liliane Carvalho Félix Cavalcante. João Pessoa – PB, 2010, 189f. Il

CAVALCANTI, Rosilene da Silva de M; MENEGASSI, Renilson José. **CONCEITOS AXIOLÓGICOS BAKHTINIANOS EM PROPAGANDA IMPRESSA**. Rev. Alfa, São Paulo, 57 (2): 433-449, 2013.

CHIERCHIA, G. **Semântica**. Tradução de L. Paganini, L. Negri e R. Ilari. Campinas: Editora da Unicamp Londrina: EDUEL. (2003).

CHUNG NIN, Bruna Renova; MELLO PINTO, Flavia Regina de; SILVA, Ana Paula Xavier da; Varela Leite. **Memória e estrutura de sentenças ativas e passivas: uma pesquisa com adultos jovens e idosos**. In: Linguagem: Teoria, Análise e Aplicações (7). Orgs: CARVALHO, Gisele; ROCHA, Décio; VASCONCELLOS, Zinda Ano (2013).

CLARK, H.H., SENGUL, C.J. In *search of referents for nouns and pronouns*. Mem. & Cog. 3, 35–41. 1979.

CLIFTON, C. & FRAZIER, L. (1989) *Comprehending sentences with long-distance dependencies*. In TANENHAUS, M.K. & CARLSON, G. (Eds.), Linguistic structure in language Processing. Dordrecht: Kluwer Academic Press.

COMRIE, Bernard. *Language Universals and Linguistic Typology*. 1981. Basil Blackwell Publisher Limited, Oxford, England.

CORREA, L.M.S. **Língua e Cognição: Antes e depois da revolução cognitiva** In: GUIMARÃES, E (ed.). Introdução às ciências da linguagem: linguagem história e conhecimento. Campinas: Editoras pontes, no prelo.

DAGA, Aline Cassol **Compreensão leitora [dissertação]: o ato de ler e a apropriação de**

conhecimento na EaD / Aline Cassol Daga; orientadora, Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti. - Florianópolis, SC, 2011.

DIAS, Dioni Maria dos Santos. **Linguagens & Cidadania**, v. 8, n. 1, jan./jun., 2006.

DIENSTBACH, Dalby. **Semântica do português [recurso eletrônico]** / Dalby Dienstbach. – Porto Alegre: SAGAH, 2017.

DIAS, Maria da Graça Bompastor Borges; FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde. **A LEITURA, A PRODUÇÃO DE SENTIDOS E O PROCESSO INFERENCIAL**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 9, n. 3, p. 439-448, set./dez. 2004.

DUQUE, P. H. **Teoria dos protótipos, categoria e sentido lexical: primeira parte**. Revista Philologus, ano 7, n. 21, 2001. Disponível em: . Acesso em: 28 de jan. de 2022. às 14:h 01min.

FARIA, Elaine Leporate Barroso; MOURÃO JÚNIOR, Carlos Alberto. **Os Recursos da Memória de Trabalho e suas Influências na Compreensão da Leitura** PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO. UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA – MG. 2013, 33 (2), 288-303.

FERRAREZI JUNIOR, Celso. **Semântica para educação básica**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2008.

FERREIRA ANDRADE, Paulo Marcos. **ESCOLA DE PRAGA E A CONTRIBUIÇÃO DE ROMAN JAKOBSON PARA A LINGUÍSTICA**. Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. 2014.

FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística, II. Princípios de análise**. 4. ed. 2ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2009.

FONTANA, Maire Josiane. **A ANÁFORA DIRETA: UMA ESTRATÉGIA DE PROGRESSÃO DISCURSIVA**. e-scrita Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis, v.5, Número 2, maio-agosto, 2014.

GABRIEL, R. **A compreensão em leitura enquanto processo cognitivo**. Revista Signo, v. 31, p. 73-83, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 7ª. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GODOY, Mahayana Cristina; OLIVEIRA, Jéssica Santos de; SILVA, Maxwel Alves da; SOUZA, Rodrigo Andrade de. **RELAÇÕES DE COERÊNCIA NO PROCESSAMENTO LINGUÍSTICO DA ANÁFORA PRONOMINAL AMBÍGUA**. Revista (Com) Textos Linguísticos. V.10 n.17 (2016).

_____. **Resolvendo a anáfora conceitual: um olhar para além da relação antecedente/anafórico** / Mahayana Cristina Godoy. -- Campinas, SP : [s.n.], 2010.

GONÇALVES, Susana. **Aprender a ler e compreensão do texto: processos cognitivos estratégias de ensino**. 2010 Disponível em: < <http://www.rioeoi.org/rie46a07.htm>>. Acesso em: 30 dez. 2020, às 17h: 30min.

GREGORY, Marilane Maria. **O Desenvolvimento da Competência Leitora, da Memória e das Funções Executivas em Crianças antes e durante a Alfabetização**.

GRIVOL, Marcia Aparecida; HAGE, Simone Rocha de Vasconcellos. **Memória de trabalho fonológica: estudo comparativo entre diferentes faixas etárias**. J Soc Bras Fonoaudiol. 2011; 23(3): 245-51.

HAAG, Cassiano Ricardo; OTHERO, Gabriel de Vila. **O processamento anafórico: um experimento sobre a resolução de ambiguidades em anáforas Pronominais**. Linguagem em (Dis) curso, Tubarão, v. 4, n.1, p.65-80, jul./dez.2003. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discursivo/article/view/255/270. Acesso em: 25 dez. 2022, às 19h:30min.

HAM, R. J. **As queixas mais comuns dos idosos**. Em: Reichel, William (e organizadores). Aspectos Clínicos do Envelhecimento (R. C. Galvão, Trad.). Rio de Janeiro: editora Guanabara Koogan. (2001).

IBM SPSS STATISTICS. **SPSS**. Disponível em: <https://www.spss.com/>. Acesso em 24 de ago. de 2021. Às 12h: 34min.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória** [recurso eletrônico] / Ivan Izquierdo. – 3. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2018.

JMP TRIAL. Disponível em: https://www.jmp.com/pt_br/download-jmp-free-trial.html. Acesso em 15 de jun. de 2021. Às 13h: 34min.

Kaiser, E. & Trueswell, J. (2008) **Interpreting pronouns and demonstratives in Finnish: Evidence for a formspecific approach to reference resolution**. *Language and Cognitive Processes*, 23 (5), pp. 709-748.

KATO, M.A. **Estratégia gramaticais e lexicais em leitura em língua estrangeira**. Cadernos Pus. 2007.

KEHLER, A. *Coherence, reference, and the theory of grammar*. Stanford, CA: CSLI Publications, 2002.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 11. ed. Campinas: Pontes, 2008.

_____. **Abordagens da leitura**. Scripta, Belo Horizonte, vol. 7, nº 14, pp. 13-22. 2004.

KOCH, Ingedore. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**/Ingedore Villaça Koch. – 2. Ed. -. São Paulo: Contexto, 2015.

_____; MORATO, M.E; BENTES, A. C.(Org). **Referenciação e Discurso**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2013.p. 7-10.

_____; ELAIS, Vanda Maria. **Ler e Compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **A interação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto. 1997.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh*. New York: Basic Books, 1999.

LEITÃO, M. M. **Processamento do objeto direto anafórico**. Tese de doutorado. Faculdade de Letras. UFRJ. 2005.

_____; SIMÕES, Antônia Barros Gibson. **A influência da distância no processamento correferencial de pronomes e nomes repetidos em português brasileiro**. VEREDAS ON LINE – ATEMÁTICA – 1/2011, P. 262-272 – PPG LINGUÍSTICA/UFJF – JUIZ DE FORA – MG.

_____;MAIA, Marcus. **PROCESSAMENTO NA INTERFACE SINTAXE - SEMÂNTICA: OBJETO DIRETO ANAFÓRICO E TRAÇO DE ANIMACIDADE**. In: Processamento da linguagem / [organizado por] Marcus Maia, Ingrid Finger. - Pelotas: EDUCAT, 2005).

LEFFA, Vilson J.**A resolução da anáfora no processamento da língua natural**. Vilson J. LEFFA (Coordenador). Relatório Final de Pesquisa. Universidade Católica de Pelotas. Escola de Educação. Núcleo de pesquisa linguística e literatura. Setembro de 2001.

LEITE, Jan Edson Rodrigues. **COGNIÇÃO E SEMÂNTICA: da representação formal à conceptualização** In: Cognição e linguística [recurso eletrônico]: explorando territórios, mapeamentos e percursos /organizadores Ana Cristina Pelosi, Heloísa Pedroso de Moraes Feltes, Emilia Maria Peixoto Farias. – 2. ed., rev. e atual. - Caxias do Sul, RS: Educs, 2014.

LEVINSON, S. *Pragmatics and the grammar of anaphora: a partial pragmatic reduction of binding and control phenomena*. Pragmatics, 23:379–434, 1987

LEWIS, M. *The Lexical Approach, The State of ELT and a Way Forward*, Language Teaching Publications, Hove, 1994. (1ª edição 1993).

LIMA, Danielly Lopes de. **A dislexia e a compreensão das anáforas em textos jornalísticos**. Danielly Lopes de Lima. UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA.

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PROLING. João Pessoa – PB, 2017. 339fls.

LOPES, Ruth E. Vasconcellos; QUADROS, Ronice Müller de. **Traços semânticos na aquisição da linguagem: há efeitos de modalidade de língua?**. Revista da ABRALIN, vol. 4, nº 1 e 2, p. 75-108. dezembro de 2005.

MacDonald, Bock & Kelly (1993) *Word and World Order: Semantic, Phonological, and Metrical Determinants of Serial Position*, *Cognitive Psychology*, 25 (2), pp. 188-230. <https://doi.org/10.1006/cogp.1993.1005>.

MACHADO. Ana Luiza Henriques Tinoco. **Resolução da ambiguidade bi âmbito da correferência pronominal: um estudo psicolinguístico sobre a influência do contexto**/Machado, Ana Luiza Henriques. – Rio de Janeiro: URRJ, 2016.

MALHEIROS FILHO, Alfredo Antônio de Araújo. **Semântica inferencial na resolução de anáforas Pronominais**/Alfredo Antônio de Araújo Malheiros. Departamento de Computação – UFCE, Fortaleza - CE, Brasil 9 de abril de 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Compreensão textual como trabalho criativo**. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v.11.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____. **Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa**. Veredas. revista de estudos linguísticos. Juiz de Fora - MG, vol. 6 nº 1. 2002.

_____. **Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras**. In: KOCH, I.G.V.; MORATO, E. M.; BENTES, Anna Christina (Orgs.). Referenciação e discurso. São Paulo: Contexto, 2001. p. 53- 101.

_____. **Leitura como Processo Inferencial num Universo Cultural-Cognitivo**. In: *Leitura: Teoria & Prática*. Campinas: ABL, junho de 1985. ano 4. n.5. p.3-16.

MASCARELLO, Lindomar José. **Memória de trabalho e processo de envelhecimento/Working memory and aging process**. Psic. Rev. São Paulo, volume 22, n.1, 43-59, 2013.

MOLLICA, Maria Cecília. **ANÁFORAS EM RELATIVAS NO PORTUGUÊS DO BRASIL**. Alfa, São Paulo, 41(n.esp.), 171-179, 1997.

MORGADO, Sara. **Qual a importância da informação semântica na resolução de sujeitos pronominais no processamento *off-line*?.XXVIII.** Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Coimbra, APL, 2013, pp. 493-507.

_____; LUEGI,Paula;LOBO, Maria. **Efeitos de animacidade do antecedente na resolução de pronomes sujeito.** Revista da Associação Portuguesa de Linguística. Nº 4 – 09/2018 | 190-205. Disponível em: <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln4ano2018a40>. Acesso em: 18 fev. 2022, às 09h: 337min.

MULLUR, Ana Lúcia; VIOTTI, Evani. **Semântica formal.** In José Luiz Fiorin (org.), Introdução à linguística, II. Princípios de análise. 4. ed. 2ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2009.

NICOL, J. (1988). *Coreference processing during sentence comprehension.* Tese de doutorado. Massachusetts Institute of Technology – MIT, Cambridge, MA.

OLIVEIRA, Fernando Augusto de Lima. **Os processos de referência catáfora e anáfora em textos de alunos de uma comunidade de baixa-renda da cidade de Maceió.** São Paulo: Artigonal, 2009 (Artigo publicado no Artigonal (Diretório de artigos gratuitos).

OLSEMANN, Alexandre. **A AMBIGUIDADE SEMÂNTICA DO COLETIVO EM PROCESSOS DE REFERENCIAÇÃO.** Curso de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Universidade Federal do Paraná. Curitiba - PR. 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **TEXTO E DISCURSO.** Revista do Instituto de Letras da UFRGS. 1995.

PEREIRA, Aline Elisabete. **UM ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE O PROCESSAMENTO DA COMPREENSÃO DE TEXTO E COMPONENTES DA MEMÓRIA EPISÓDICA, DE TRABALHO E DAS FUNÇÕES EXECUTIVAS NO ENVELHECIMENTO.** Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Santa Cruz do Sul, dezembro de 2010.

PALMINI, A.L.F. **Exame do estado mental.** In: Nunes, M.L.; MARRONE, A.C.H. (Orgs.) Semiologia neurológica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 251-278.

PINTO , Deise Cristina de Moraes. **Introdução à semântica.** V. único. / Deise Cristina de Moraes Pinto, Fábio André Cardoso Coelho, Roza Maria Palomanes Ribeiro. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2016.

PRANCHE, Carlos. **Linguagem - atividade constitutiva.** Revista do Gel, n. especial, 37-74, 2002.

PINTO, Deise Cristina de Moraes. **Introdução à semântica.** V. único. / Deise Cristina de Moraes Pinto, Fábio André Cardoso Coelho, Roza Maria Palomanes Ribeiro. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2016.

Qualtrics. Disponível em : <https://www.qualtrics.com/pt-br/>. Acesso em: 28 de set. de 2021. às 11h:01min.

RIBEIRO, Roza Maria Palomanes. **O significado e o sentido**. In: Introdução à semântica. V. único. / Deise Cristina de Moraes Pinto, Fábio André Cardoso Coelho, Roza Maria Palomanes Ribeiro. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2016.

RODRIGUES LEITE, Jan Edson. **COGNIÇÃO E SEMÂNTICA**: da representação formal à conceptualização. In: *Cognição e linguística [recurso eletrônico]: explorando territórios, mapeamentos e percursos* /organizadores Ana Cristina Pelosi, Heloísa Pedroso de Moraes Feltes, Emilia Maria Peixoto Farias. – 2. ed., rev. e atual. - Caxias do Sul, RS: Educs, 2014.

_____: TOSCANO, Mábila Nunes. **CONSTRUTORES DE ESPAÇOS MENTAIS EM INQUÉRITOS SOCIOLINGÜÍSTICOS**. In: *Cognição e(m) práticas de linguagem/ Jan Edson Rodrigues (Organizador)*. -- João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

_____. **FUNDAMENTOS DE LINGÜÍSTICA**. Disponível em: https://grad.letras.ufmg.br/arquivos/monitoria/LEITE_2010.pdf. acesso em 22 dez.2020 às 16h: 09mins.

_____. **Conceptualização na Linguagem: dos domínios cognitivos à mente social**. João Pessoa: Idéia, 2010.

SANTOS, Eva Catalina Pierotti dos. **COMPREENSÃO DE LEITURA: APLICAÇÃO DA TÉCNICA DE CLOZE EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS**. In: *INTELLECTUS – Revista Acadêmica Digital das Faculdades Unopec - Ano 02 [nº 04] jan./jul. 2005*.

SANTOS, Thiago da Silva. **Animacidade: um estudo entre línguas/ Thiago da Silva Santos - Rio de Janeiro, 2013**.

SAULO. Santos. **Traços, protótipos, campos semânticos**. Fundamentos em Semântica. 2018.

SCHWENTER, S. A.; SILVA, G. *Anaphoric Direct Objects in Spoken Brazilian Portuguese: Semantics and Pragmatics*. *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana*, v. 1, n. 2, out. 2003.

SCLIAR-CABRAL, L.; SCLIAR-CABRAL, E.J. **Princípios do uso do sistema alfabético na língua portuguesa do Brasil**.1998.

SILVA, Ana Márcia Martins. **As vozes verbais sob a perspectiva da teoria da regência e ligação: uma análise de manuais de ensino da língua portuguesa**. Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006. 112 f.

STREB, J., HENNIGHAUSEN, E., ROSLER, F. *Different anafórica expressions are*

investigated by event-related brain potentials. J. Psycholinguist. Res. 33, 175–201, 2004.

SWANSON, H. L. (1999). *Reading comprehension and working memory in learning-disabled readers: Is the phonological loop more important than the executive system?* Journal of Experimental Child Psychology, 72, 1-31.

TEIXEIRA, Claudia de Souza. **A referenciação textual numa abordagem cognitiva**. e-escrita Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis, v. I, Número2, Mai. -Ago. 2010.

Yamamoto, M. (1999) *Animacy and Reference: a cognitive approach to corpus linguistics*. John Benjamins.

ZAMPONI, Gabriela. **ANÁFORAS ASSOCIATIVAS ACTANCIAIS E NOMINALIZAÇÕES: DELIMITAÇÃO DO PONTO DE VISTA DA SEMÂNTICA DE EVENTOS**. Cad. Est. Ling., Campinas, (44):119-132, jan./jun. 2003.

ANEXOS

ANEXO A

Materiais do Experimento 1: Teste de resolução de ambiguidade anafórica pronominal em períodos compostos incompletos na voz ativa

+ Humano (antecedente mais distante) x + Humano (antecedente mais próximo)

1. O pai agrediu o filho porque ele _____
perdeu a paciência. desobedeceu a ordem.

+ Humano (antecedente mais distante) x + Animado (antecedente mais próximo)

2. Francisco maltratou o cachorro, logo ele _____.
foi denunciado. ficou debilitado.

+ Humano (antecedente mais distante) x -Animado (antecedente mais próximo)

3. Maria comprou uma geladeira, todavia ela _____.
queria um freezer. veio com defeito.

+ Humano (antecedente mais distante) x Coletivo (antecedente mais próximo)

4. A diretora suspendeu a classe porque ela _____
foi rígida. foi bagunceira.

+ Animado (antecedente mais distante) x + Humano (antecedente mais próximo)

5. A cadela lambeu Joana porque ela _____
ganhou um petisco. pôs a ração.

+ Animado (antecedente mais distante) x +Animado (antecedente mais próximo)

6. O elefante matou o leão porque ele _____
protegeu a manada. atacou o filhote.

+ Animado (antecedente mais distante) x -Animado (antecedente mais próximo)

7. A vaca quebrou a porteira, logo ela _____.
conseguiu fugir. ficou aberta.

+ Animado (antecedente mais distante) x Coletivo (antecedente mais próximo)

8. A raposa atacou a ninhada porque ela _____
ficou com fome. saiu do galinheiro.

- Animado (antecedente mais distante) x + Humano (antecedente mais próximo)

9. A bota machucou Ana, por isso ela _____
foi devolvida. ficou mancando.

- Animado (antecedente mais distante) x + Animado (antecedente mais próximo)

10. O ônibus atropelou o cavalo porque ele _____
perdeu o freio. deitou na estrada.

- Animado (antecedente mais distante) x - Animado (antecedente mais próximo)

11. A caminhonete derrubou a placa, por isso _____.
foi apreendida. foi trocada.

- Animado (antecedente mais distante) x Coletivo (antecedente mais próximo)

12. A boate contratou a banda, todavia ela _____.
desistiu da atração. desistiu de tocar.

Coletivo (antecedente mais distante) x + Humano (antecedente mais próximo)

13. O público aplaudiu o palhaço porque ele _____
ficou satisfeito. foi engraçado.

Coletivo (antecedente mais distante) x + Animado (antecedente mais próximo)

14. O enxame perseguiu o urso, porque ele _____.
protegeu o mel. destruiu a colmeia.

Coletivo (antecedente mais distante) x - Animado (antecedente mais próximo)

15. O pelotão invadiu o presídio porque ele _____
recebeu uma ordem. entrou em rebelião.

Coletivo (antecedente mais distante) x Coletivo (antecedente mais próximo)

16. A torcida apoiou a equipe, portanto ela _____.

lotou o ginásio.

conseguiu uma vitória.

ANEXO B

Materiais do Experimento 2: Teste de resolução de ambiguidade anafórica pronominal em períodos simples com duas orações na voz ativa

+ Humano (antecedente mais distante) x + Humano (antecedente mais próximo)

1. Carlos empurrou Diego. Ele ficou descontrolado.

O que você compreendeu?

Carlos ficou descontrolado. Diego ficou descontrolado.

+ Humano (antecedente mais distante) x + Animado (antecedente mais próximo)

2. Pedro puxou o cão. Ele ficou irritado.

O que você compreendeu?

Pedro ficou irritado. O cão ficou irritado.

+ Humano (antecedente mais distante) x - Animado (antecedente mais próximo)

3. A costureira quebrou a máquina. Ela era nova.

O que você compreendeu?

A costureira era nova. A máquina era nova.

+ Humano (antecedente mais distante) x Coletivo (antecedente mais próximo)

4. Felipão reuniu o time. Ele ficou preocupado.

O que você compreendeu?

Felipão ficou preocupado. O time ficou preocupado.

+ Animado (antecedente mais distante) x + Humano (antecedente mais próximo)

5. O cavalo derrubou o peão. Ele ficou nervoso.

O que você compreendeu?

O cavalo ficou nervoso. O peão ficou nervoso.

+ Animado (antecedente mais distante) x + Animado (antecedente mais próximo)

6. O urso enfrentou o tigre. Ele era feroz.

O que você compreendeu?

O urso era feroz. O tigre era feroz.

+ Animado (antecedente mais distante) x - Animado (antecedente mais próximo)

7. O gato rasgou o sofá. Ele era branco.

O que você compreendeu?

O gato era branco. O sofá era branco.

+ Animado (antecedente mais distante) x Coletivo (antecedente mais próximo)

8. O lobo atacou o rebanho. Ele era grande.

O que você compreendeu?

O lobo era grande. O rebanho era grande.

- Animado (antecedente mais distante) x + Humano (antecedente mais próximo)

9. A boneca alegrou a menina. Ela era linda.

O que você compreendeu?

A boneca era linda. A menina era linda.

- Animado (antecedente mais distante) x + Animado (antecedente mais próximo)

10. A coleira feriu a cachorra. Ele era pequena.

O que você compreendeu?

A coleira era pequena. A cachorra era pequena.

- Animado (antecedente mais distante) x - Animado (antecedente mais próximo)

11. O cadeado prendeu o portão. Ele estava enferrujado.

O que você compreendeu?

O cadeado era enferrujado. O portão era enferrujado.

- Animado (antecedente mais distante) x Coletivo (antecedente mais próximo)

12. A kombi transportou a turma. Ela era barulhenta.

O que você compreendeu?

A kombi era barulhenta. A turma era barulhenta.

Coletivo (antecedente mais distante) x + Humano (antecedente mais próximo)

13. A classe homenageou a professora. Ela era amável.

O que você compreendeu?

A classe era amável. A professora era amável.

Coletivo (antecedente mais distante) x + Animado (antecedente mais próximo)

14. A boiada viu a onça. Ela ficou inquieta.

O que você compreendeu?

A boiada ficou inquieta. A onça ficou inquieta.

Coletivo (antecedente mais distante) x - Animado (antecedente mais próximo)

15. A comunidade fechou a igreja. Ela era protestante.

O que você compreendeu?

A comunidade era protestante. A igreja era protestante.

Coletivo (antecedente mais distante) x Coletivo (antecedente mais próximo)

16. O público aplaudiu o elenco. Ele ficou satisfeito.

O que você compreendeu?

O público ficou satisfeito. O elenco ficou satisfeito.

ANEXOS C

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Olá

Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa científica sobre leitura e compreensão em língua portuguesa.

Para participar deste estudo, você precisará responder algumas questões e, em seguida, fazer a leitura de sentenças e completar as frases com as opções fornecidas.

Esteja ciente de que sua privacidade será respeitada, e que suas informações pessoais ou dados que possam, de qualquer forma, identificar qualquer participante, serão mantidos em sigilo.

Você pode se recusar a participar do estudo, ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar-se, e se desejar sair da pesquisa, não sofrerá qualquer prejuízo.

Esclarecemos que o teste em si, não traz riscos a sua saúde. Porém, ao usar seu computador por períodos excessivos, você poderá sentir dores lombares e problemas na postura. Se você permanecer muito tempo exposto à luz azul da tela do seu dispositivo eletrônico, durante a realização desta pesquisa, também é possível que experimente eventuais desconfortos como fadiga, vista cansada, insônia, leve tontura etc. Nestes casos, por favor pare o teste e volte a fazê-lo apenas se estiver se sentindo bem.

Os pesquisadores responsáveis por este Projeto são: André Luiz da Silva, aluno do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba e Prof. Dr. Jan Edson Rodrigues Leite, professor da Universidade Federal da Paraíba. Você poderá manter contato com os pesquisadores pelo Whatsapp (83) 98815-8483 ou pelos e-mails: andrecomunicacaopb@yahoo.com.br ou laconlinguistica@gmail.com. Esta pesquisa está registrada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba - CEP/UFPB, através do parecer consubstanciado de nº 4.361.134.

É assegurada a prestação de informações durante toda pesquisa e garantidos esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que você queira saber antes, durante e depois da sua participação.

Atenciosamente,

André Luiz da Silva
Mestrando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba

Jan Edson Rodrigues Leite, Ph.D (orientador)
Professor Associado de Linguística

Laboratório de Compreensão Neurocognitiva da Linguagem
Universidade Federal da Paraíba

Declaro que li e compreendi os esclarecimentos feitos acima e que aceito participar da pesquisa.

SIM

NÃO

ANEXOS D

Parecer consubstanciado do CEP

CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: RESOLUÇÃO DE AMBIGUIDADE ANAFÓRICA PRONOMINAL E A RELAÇÃO COM O DESEMPENHO DA MEMÓRIA

Pesquisador: ANDRE LUIZ DA SILVA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 38057720.8.0000.5188

Instituição Proponente: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Patrocinador Principal: Universidade Federal da Paraíba

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.361.134

Apresentação do Projeto:

tema interessante e interdisciplinar

Objetivo da Pesquisa:

coerente a proposta de trabalho apresentada

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

inerentes a estudos dessa natureza

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

tema interessante e desafiador

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

atende as exigências institucionais

Recomendações:

nenhuma

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

nenhuma

Considerações Finais a critério do CEP:

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa. Outrossim,

Endereço: UNIVERSITARIO S/N

Bairro: CASTELO BRANCO

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 4.361.134

informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio Comitê.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|--|------------------------|------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_1604361.pdf | 16/09/2020 09:36:10 | | Aceito |
| Folha de Rosto | folhaderostoenvolvendopesquisa_comse reshumanos.pdf | 16/09/2020 09:34:48 | ANDRE LUIZ DA SILVA | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE_versao2020.pdf | 14/08/2020 19:08:07 | ANDRE LUIZ DA SILVA | Aceito |
| Outros | CertidaoeDeclaracao_comitedeetica2020.pdf | 14/08/2020 18:55:33 | ANDRE LUIZ DA SILVA | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | ProjetodePesquisa2020.pdf | 14/08/2020 18:52:59 | ANDRE LUIZ DA SILVA | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JOAO PESSOA, 26 de Outubro de 2020

Assinado por:

**Eliane Marques Duarte de Sousa
(Coordenador(a))**

Endereço: UNIVERSITARIO S/N
Bairro: CASTELO BRANCO **CEP:** 58.051-900
UF: PB **Município:** JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br